

CADEIRA

PATRONO ACADÊMICO

João Gualberto de Oliveira	1	Gasparino José Romão
Plínio Salgado	2	Lineu Roque Aceiro
José Martins Fontes	3	Antonia Conceição Vaz Duarte
João Guimarães Rosa	4	Antonio Lopes Baltazar
Antonio Frederico de Castro Alves	5	Valdir Carleto
José Bento Monteiro Lobato	6	João Bosco da Silva
Luis Nicolau Fagundes Varela	7	Carlos Ferreira da Silva
Vicente Augusto de Carvalho	8	Aristides Castelo Hanssen
Amadeu Ataliba Amaral Arruda Leite	9	Alfredo Ibrahim Khouri
Ennio Chiesa	10	Clarimundo Oliveira Aguiar
Gustavo Corção Braga	11	José Alaercio Zamuner
Otávio Rodrigo Langgaard Filho	12	Jacques Miranda de Oliveira
Guilherme de Andrade e Almeida	13	Ari Baddini Tavares
Arlindo José da Veiga Cabral dos Santos	14	(vaga)
Mario Raul de Moraes Andrade	15	Oscar Gonçalves
Olavo Braz Martin dos Guimarães Bilac	16	Mara Sueli de Lara Martins Carletti Lau
Cassiano Ricardo Leite	17	Wenceslau Nasari Campos
Cecília Meirelles	18	Antonio Darci Pannocchia
Paulo de Oliveira Leite Setubal	19	Bismael Batista de Moraes
Menotti Del Picchia	20	Cesar Magalhães Borges
Marcus Vinicius Cruz de Moraes	21	José Augusto Rodrigues Pinheiro
Pedro da Silva Nava	22	Armando Atilio Colacioppo Sobrinho
Cornélio Pires	23	Espedito Pinheiro de Souza
Ibraim de Almeida Nobre	24	José Luiz Negreiros
João da Cruz e Souza	25	Isabel Borazanian Macedo de Oliveira
Hildebrando de Arruda Cotrim	26	Clovis Domingues
Pedro Dias Gonçalves	27	Silvio Ribeiro
Onofre Leite	28	Estanislau Henrique da Cunha
Silvio Ourique Fragoso	29	Ângela Maria Andreolli Gonçalves
Jonny Herminio de Melo Doin	30	Plínio Tomaz
José Edinaldo Freitas Couto	31	Newton de Carvalho Braga
Adolfo Vasconcelos Noronha	32	José Roberto Machado
Laerte Romualdo de Souza	33	Mario Yoshinaga
Geraldo Penteadado de Queiroz	34	Aldo Novak
Néfi Tales	35	José João de Macedo
Antonio Filardi Luiz	36	(vaga)
Norlândio Meirelles de Almeida	37	Aura Gold
Milton Luiz Ziller	38	Gil Campos de Farias
Flávio Cleto Giovanni Trombetti	39	Sebastião Dácio de Moura <i>Martins</i>
João Ranali	40	André Figueiredo Rodrigues

Acadêmica Correspondente: Vanda Fagundes Queiroz

Acadêmicos Honorários: Eloi Pietá, Rafael Rodrigues Filho, Teresinha Silva Maltez de Souza Gasparino José Romão Filho, Edmilson Souza Santos, Maria Alice Pereira Ramos, Mauro dos Santos Oliveira, Wilma de Melo Colacioppo e Edinho Silva

Academia Guarulhense de Letras • Revista No 14 • Ano XIV • 2012

Academia Guarulhense de Letras



Revista N°14 Ano XIV 2012



Navegar@navegareditora.com.br



Tem lógica a Academia Guarulhense de Letras ainda editando uma revista anual com a produção de seus membros em papel, nestes tempos de informática? Quem tiver bom senso vai responder que sim.

Os avanços da tecnologia, com a velocidade destes tempos em que vivemos, trás consigo um desrespeito, uma irreverência e uma crueldade permanente com tudo o que ela própria cria e supera, com a velocidade de avanço no mesmo ritmo que a de tornar obsoleto aquilo que há tão pouco tempo era vanguarda.

As gravações em vídeo, quem ainda as têm, encontrará dificuldade em exibi-las se não tomou o cuidado de transformá-las em DVD. Os textos conservados em disquetes, já estão tendo dificuldade em encontrar equipamento para quem pretende reproduzi-los ou simplesmente lê-los.

As fotos, então, antes poucas e guardadas em gavetas, hoje são muitas e guardadas nas nuvens. Dentro de pouco tempo, as férias registradas em anos ainda recentes, não estarão disponíveis para mostrar, como se fazia antes.

*Academia Guarulhense de Letras*

*Revista 14 Ano 2012*



### *Explicação da capa*

O trabalho foi elaborado, em parte, pelo designer Fábio Vicente, em 1999 e atualizado com a logomarca, recém-criada da Academia Guarulhense de Letras.

Como registra o Acadêmico Bismael Batista de Moraes, as duas retas se cruzando, uma vertical e outra horizontal, identificam a localização do município de Guarulhos, na confluência de duas estradas federais, a Rodovia Fernão Dias, com destino a Minas Gerais e a Presidente Dutra, com destino ao Rio de Janeiro, por onde passa grande parte da riqueza nacional.



**ACEITA-SE PERMUTA**

**Exchange is solicited**

**Acceptamos intercambio**

**On demande L'échange**

**Man bit tter um Austausch**

**Si prega Líntercambio**

## *Acadêmicos*

*Academia Guarulhense de Letras*

*Revista 14 Ano 2012*



14ª REVISTA da Academia Guarulhense de Letras - Ano 2012

Copyright © by Academia Guarulhense de Letras, 2012



Editor: *Rubenal Hermano Santos*

Todos direitos desta edição, reservados para AGL  
Edição a Cargo da: COMERCIAL EDITORA  
HERMANO & BUGELLI LTDA - MF: *Navegar Editora*  
Endereço: *Rua Coronel Emidio Piedade, 659*  
Bairro: *Pari - São Paulo - SP*  
CEP: *03018-010*  
Fone: *11 2692-1832 - 3482-5055*  
Site: *www.navegareditora.com.br*  
E-mail: *navegar@navegareditora.com.br*

#### FICHA TÉCNICA

Projeto Gráfico: *Rubenal Hermano Santos*  
Preparação de originais: *Os autores*  
Composição e diagramação: *Editoração: VBS S/C*  
Capa: *Rubenal Hermano*  
Leitura Crítica: *Autores*  
Revisão: *Os autores*

ISSN: 2237-4892

14ª Revista Guarulhense de Letras. --- AGL  
Guarulhos, SP: A Academia. 2012  
Vários autores - ISBN: 978-85-7926-037-7

1. *Contos brasileiros - Coletâneas* 2. *Coletâneas  
brasileiras* 3. *Poesias brasileiras - Coletâneas*  
CDD - 869.9308  
- 869.9108

#### Índice para catálogo sistemático

1. *Contos: Coletânea: Século XXI: Literatura brasileira - 869.9308*
2. *Crônicas: Coletânea: Século XXI: Literatura brasileira - 69.9308*
3. *Poesias: Coletânea: Século XXI: Literatura brasileira - 69.9308*

Impresso no Brasil - 2012 - Printed in Brazil



## Apresentação

É com imensa alegria que faço a apresentação da Revista nº 14 da Academia Guarulhense de Letras, onde ocupo a cadeira nº 25 desde 1993, cujo patrono é João da Cruz e Souza.

O meu convívio na AGL sempre foi muito gratificante; muito aprendi e sei que tenho muito a aprender..

Existe um elo invisível que nos une e nos fortalece que é o amor pela vida e pela arte literária na sua tradução.

E como reverência a todos os membros da Academia Guarulhense de Letras, aos que estão neste plano e aos que já partiram, pela pluralidade e diversidade na produção literária, faço a apresentação tendo o “livro” como tema principal.

O livro quando lido promove o encontro de almas, podendo ser objeto palpável ou impalpável onde a sensibilidade e o conhecimento habitam intermediados pela imaginação. É um meio de comunicação de consciências e tem como missão, fazer com que os indivíduos se reconheçam entre si como membros da humanidade.

A literatura é ação produtiva do homem. Consiste na apropriação e na transformação da realidade e as condições particulares é que distingue a expressão de cada um. Só o homem cria.

O livro revela a leitura que fazemos do mundo. Ele informa, forma e transforma nossas vidas, nossas ações.

O livro é fonte de vida. Ele é necessário para o conhecimento e também em virtude da magia que lhe é inerente. Ele expressa valores sociais e culturais; é a síntese sensível da história de um povo.

O livro é uma viagem ao conhecimento, ao reconhecimento e ao encantamento.

Então... Boa viagem!!!

Saudações literárias!!!

*Isabel Borazanian*

## Sumário

<i>APRESENTAÇÃO</i> .....	05
<i>ACADÊMICOS</i>	
<i>Alfredo Ibrahim Khouri</i> .....	09
<i>André Figueiredo Rodrigues</i> .....	29
<i>Antonia Conceição Vaz Duarte</i> .....	47
<i>Ari Baddini Tavares</i> .....	55
<i>Aristides Castelo Hanssen</i> .....	59
<i>Armando Attilio Colacioppo Sobrinho</i> .....	69
<i>Aura Gold</i> .....	71
<i>Bismael Batista de Moraes</i> .....	81
<i>Clovis Domingues</i> .....	97
<i>Espedito Pinheiro de Souza</i> .....	109
<i>Estanislau Henrique da Cunha</i> .....	117
<i>Gil Campos de Farias</i> .....	125
<i>Isabel Borazanian Macedo de Oliveira</i> .....	145
<i>Jacques Miranda de Oliveira</i> .....	151
<i>João Bosco da Silva</i> .....	163
<i>José Augusto Rodrigues Pinheiro</i> .....	185
<i>José João de Macedo</i> .....	195
<i>Lineu Roque Aceiro</i> .....	203
<i>Silvio Ribeiro</i> .....	213

*Academia Guarulhense de Letras*  
*Diretoria*

Presidente: *Clóvis Domingues.*

Vice-presidente: *Lineu Roque Aceiro.*

Secretário Geral: *Mauro dos Santos Oliveira.*

1º Secretário: *Teresinha Silva Maltez de Souza.*

2º Secretário: *Antonia Conceição Vaz Duarte.*

Tesoureiro geral: *Silvio Ribeiro.*

1º Tesoureiro: *André Figueiredo Rodrigues.*

2º Tesoureiro: *Isabel Borazanian Macedo de Oliveira.*

Conselho Fiscal: *Ary Baddini Tavares, Bismael Batista de Moraes e Aristides Castelo Hanssem.*

Suplentes: *Antonio Darci Pannocchia, Aura Gold (Maria José Teixeira Guimarães e José João de Macedo.*



*Alfredo Ibrahim Khouri*

*Sob o vaso – epílogo*

A vida é uma aventura, é um lugar dos grandes e pequenos acontecimentos. Najat desperta do sono profundo com o coração povoado de desejos. Dos olhos, duas lágrimas rolam pela face e são sugadas pelos lábios do amado. Brotaram de alegria, sentia-se a mais feliz das mulheres, seu coração ardia iluminando seu corpo, agora, tão cheio de energia. Era como se a luz do sol iluminasse as noites escuras. Olhando para Subastis lhe diz:

- Durante meu sono nada perturbou o silêncio que meu corpo tanto precisava.

Ele, cheio de emoção, nada lhe respondeu. Ambos ainda estavam enlaçados, os braços de um prendiam o corpo do outro. A voz, o gesto carinhoso de dois seres que se reencontram. Quem os compreende? A emoção tornava-se pequena demais frente a ignorância daqueles que contemplavam aquela cena, tão pouco compreensível ao coração dos familiares, que, com extrema preocupação assistiam àquele espetáculo. O que figurava para o casal, em primeiro plano, era resgatar tudo que no tempo se havia perdido. Eram os prazeres que com ela vieram de longe e que sem perceberem, causavam espanto nos olhares e no semblante de quem presenciava. Embora todos ali fossem sensatos, não deixaram de demonstrar seus espantos e enquanto os dois apaixonados falavam do passado e do presente, todos temiam pela incerteza de um futuro próximo. Mas eles, ignorando a todos, como se fossem um só corpo, não queriam se desvencilhar um do outro. Tudo era natural, não havia esforço, a não ser para continuar, nem, tão pouco, resistência para se afastarem. E a cada frase ela mais se estreitava em seus braços.

- Saí de uma profunda obscuridade. Não sei avaliar quanto tempo durou esta ausência, dela nada tenho que recordar. Mas, antes que desce continuidade, uma voz pede licença ao casal, Subastis solta-a e fica com uma das mãos amparando as costas da jovem, que vê aquelas três figuras, as vozes dos novos personagens, naquele quarto, estavam sufocadas pelas lágrimas de espanto e de emoção. Subastis compreendeu que era necessário intervir e disse a Najat:

- Querida! Estes são seus parentes, cuidaram e sofreram a espera do seu novo despertar.

Ela, surpresa, olha-os demoradamente, viu que havia candura nos três semblantes, porém, não viu nenhuma familiaridade neles e, usando de franqueza lhes diz:

- Não me lembro de vocês!

Ainda apoiando-a e se aproximando mais da jovem, respondeu por eles que não conseguiam falar.

- Este é seu pai, esta é sua mãe e esta bela jovem é sua irmã. Não se preocupe por não se lembrar, isto é uma questão de tempo.

Bem sabia ele o efeito que esta revelação iria produzir, mas continua e conclui:

- Eles querem abraçá-la!

A jovem sentiu no olhar de todos, um brilho de esperança e amor e não hesitou, abriu os braços para senti-los. Um a um, demonstrou naquele contato uma profunda emoção. Mennah, não resistindo, precisou ser apoiado, faltou-lhe o ar, a visão ficou turva, mas logo se restabeleceu. Não imaginava, a família da jovem, que o destino precisou daquele incidente assustador para resgatar o tempo que havia passado. Havia, no olhar da jovem, algo de belo escondido, que fazia brilhar aqueles olhos encantadores. Não estava mais invisível, via-se o amor brotar no olhar, nos gestos, na fala carinhosa. Foram momentos em que as lágrimas e os sorrisos se misturavam. Mennah vê o sol a pino se desenhar no céu.

- Afif! - Diz ele - A alimentação de Najat, iala (vamos)!

O quarto estava bem iluminado com a luz de Osíris. Somente Subastis sabia que todos haviam se reencontrado e a separação que supusera infalível não mais existia. Najat era o começo do começo. Despediu-se após se desvencilhar, carinhosamente, dos braços da amada. A mãe logo veio alimentá-la e não conteve a pergunta:

- Fale-me, como está doce filha?

A jovem olha-a ternamente, engole o alimento, olha para o alto e em torno de si, ainda não preparada para ouvir a palavra “doce filha”, mas após refletir, por fim responde, agora mais tolerante e mais preparada para aceitar aquela forma terna:

- Não sei descrever o encanto, a surpresa e a alegria deste momento, como não vou ter condições para descrever os lugares em que estive durante este tempo que fiquei adormecida. Porém, posso afirmar que ele era extremamente belo, harmonioso, cheio de cores e de brilho, tem lá uma paz intensa. O que me alimentava e me dava segurança era ouvir e reconhecer o som das vozes, o calor e o ardor das palavras daqueles que me amavam. Mas a lembrança mais forte era a imagem de Subastis, o cheiro do seu corpo, do seu perfume, que não deixaram de me acompanhar. Havia uma multiplicidade de vozes que ecoavam, harmoniosamente por todas as paragens. Só posso afirmar que no curso desta navegação pelo espaço, presa ao amor de forma tão grandiosa, que me confortou durante o acontecimento inesperado. Que sensação estranha tive quando me vi separada da matéria. Mas algo de que não me desprendi e que ainda me mantém louca de paixão, é o amor que há anos me acompanha e que nunca dele falei. Mantive-o em segredo no meu coração. Quer acordada, quer dormindo, fui, sou e serei, deste sentimento, sempre cativa.

Sentiam-se perturbados, tanto Afif quanto Mennah, com a cena que se desenrolava à sua frente, era por demais extrema a relação entre ambos. Falavam de uma história que eles desconheciam, notavam que tinham, um pelo outro, um puro e incontrolável afeto. Mennah o acompanha, mas antes de sair Subastis, sentindo o

desconforto dos pais lhes diz, no mesmo tom de quando decifrou o destino da jovem:

- Você, nobre Mennah, vai ver, ainda, que aqueles que aqui chegaram, vencendo a dura travessia, serão, em breve, levados para outros astros que brilha lá longe flutuando nas ondas do universo. - o semblante de Mennah assume um ar de surpresa - Minha passagem aqui é breve - e conclui - Nahim, o grande pensador, adormeceu e foi levado pelas deusas para brilhar no firmamento.

O semblante de Mennah assume um ar de espanto, porém, ao lembrar da estrela próxima à Íris, riscando o espaço como ele o havia previsto, fê-lo crer nas palavras seguras do seu interlocutor. Despede-se e segue rumo às tamareiras e, em seguida, para a casa do sábio. Por fim, foi ter com Melhen e os dois colocaram-se sentados um frente ao outro, em profunda meditação. Ervas aromáticas tomavam conta da casa de pedra. Aquele ritual estava intimamente ligado a um novo astro luminoso, que agora se faz claro na amplidão do espaço, era Nahim. A fonte que brotava na casa de Melhen e que descia as grandes escarpas banhando toda a planície, após a meditação, recebeu o seu segundo nome, Ibrahim, cujo significado é: “aquele que dá vida, que provém, o pai”. Melhen, inteirado dos últimos acontecimentos, após o ritual, pede:

- Subastis! Descanse, pois logo cedo sei que você irá ter com sua amada.

A noite passou rapidamente e, logo cedo, sem conter a grande ansiedade, Subastis vai ao encontro de Najat. Mennah o recebe e, após o cumprimento, lá, junto a sua bela jovem, novamente estava ele, para ver a razão da sua travessia.

Segurando a mão do amado, sem se preocupar com a presença da mãe e da irmã, apoiada por almofadas, Najat, após observar tudo a sua volta, fixa o olhar para a claridade à sua frente e diz, cheia de ternura:

- Ah Subastis! Eu tenho tanto para lhe falar, mas minha boca quase não sabe dizer, estou à sua frente, sem véu, para que todos saibam que você é o meu escolhido.

- Doce Najat, bem sei o que ocorre, como você, as palavras de minha boca também são incapazes de revelar a intensidade do que sinto e elas só se completam com os outros meios de comunicação que se dão através dos gestos, do tato, do brilho do nosso olhar, no encanto do seu rosto, o seu carinho. - faz uma pausa e conclui - Você, com sua figura bela e frágil, tudo torna possível - faz outra pausa, olhando-a demoradamente e conclui - é compreensível esta sua ansiedade. Que encanto é ouvi-la! Tudo o que diz produz um som fascinante, possui um sinal, uma fórmula, enxergo cores nestes seus belos traços, o som da sua voz sai harmoniosamente, num ritmo suave e, junto com todas essas belezas, sinto a emoção que nos envolve. As palavras estão em todas as partes dos nossos corpos, são mensagens que trocamos, recebendo e enviando. Hoje a nossa expressão não é de dor, de tristeza, é de amor e de alegria. Estes são os sinais reveladores do momento que estamos vivendo, vêm com esta grande carga de desejo que busca o nosso novo caminho. Nossas intenções são por demais reveladoras, não dá mais para escondê-las. Predomina a emoção. Somos capazes de descobrir um o desejo do outro, isto é o que percebo em mim e em você quando só a palavra não exprime o tamanho da paixão. Mas tanto nas palavras como no olhar ou nos gestos há ação, emoção e, sobretudo, tempo para avaliar estes acontecimentos. O que sinto Najat, tem movimento, tem forma, tem plasticidade e, também, um ritmo suave que ocupa, misteriosamente, um espaço onde a palavra não chega.

Najat agarrou-se à vida com avidez, era um desejo voraz, queria deixar à dependência da cama, da casa, sair lá fora, comer as deliciosas tâmaras, cujo cheiro a brisa trazia e tomava conta de toda a casa. Estava cansada de tantos cuidados, de ter tudo à suas mãos e, aquelas pessoas, por mais delicadas que fossem, para ela ainda eram estranhas. Queria não mais se afastar de Subastis e com ele dividir todo o seu tempo. Neste dia, tão logo ele chegou, ela não se conteve e tenta levantar-se para ir ao seu encontro, sendo contida pela mãe, visto ainda, a sua debilidade

física. Subastis se antecipa e segura-a. A jovem olha-o atentamente, coloca suas mãos sobre os lábios dele e, como se fosse a seqüência dos pensamentos do amado, diz-lhe:

- O que percebo Subastis, é que o que nos une tem raízes profundas, tudo o que falo e escrevo, nada mais é do que um rascunho do que sinto, mas como as estrelas guiaram-me para encontrá-lo e foram nestas trilhas e atalhos que cheguei para encontrar o caminho não percorrido, submergi em pensamentos, estava eu, como a vegetação rasteira, presa à esperança que, por necessidade tem que brotar e deu-me coragem para continuar a nossa busca, mas como agora, frente a frente, as palavras são incapazes de exprimir esta nossa grande emoção, o encanto e o fascínio vivem dentro dos nossos corações, que não se aquietam mais.

Ele a contempla, entreolham-se ansiosamente, todos naquela casa viviam uma forte angústia, estavam alheios aos recentes acontecimentos, estavam confusos e, ao mesmo tempo, emocionados. Ouviam agora aquele ser, misteriosamente, respondendo ao comentário que a filha fizera com tal naturalidade e com uma transparente inocência.

- É doce amada! É preciso de ação, elas irão substituir tudo que fomos incapazes de dizer, como as ondas, queremos flutuar e quebrar nos rochedos e descansar nas nossas praias. Nós temos no desejo e no pensamento o desenho dos nossos encontros. As palavras agora são incidentes naturais deste romance. - fez uma pausa e logo continuou - As sensações, os desejos não cabem mais em nenhuma frase, as emoções clamam pelo inevitável, queremos ouvir os nossos corpos. Sei que o fato de tocá-la torna, para os outros, algo dramático e bem sei que é difícil que eles, agora, aceitem esta paixão.

- Não quero mais Subastis, sentir só o prazer das palavras, nem só do olhar. - Olha-o desejosa e impaciente, conclui resoluta - o que meu coração quer é senti-lo inteiro sobre meu corpo, ocupando todos os espaços. Quero viver intensamente este amor,

antes que surja, à nossa frente, outra tragédia. - Sentindo o incômodo causado por suas palavras, à mãe e ao pai, que agora conversava com Melhem. Ela, olhando para todos com um olhar determinado e voltando-se para Subastis concluiu: - já sinto-me forte o bastante para segui-lo. Não quero prender-me e nem vê-lo preso a qualquer restrição. Agora estamos unidos pelo espírito e pelo corpo. Quero provar tudo que as palavras não tiveram coragem de dizer, mas que, comovido o olhar e o tato foram capazes de deciframos.

O pai tentou atrapalhar aquela cena, porém, Melhem o conteve, levou-o amavelmente para a janela dizendo-lhe:

- Olhe a claridade. Não dá para apagá-la, é um presente de Osíris. Olhou-o demoradamente, deixando-o refletir sobre a luz do dia e, por fim, continuou. Quantas pessoas, ainda em pleno dia, enxergam somente as trevas, pois a escuridão, embora cause medo, também serve para esconder os nossos receios. A pouco tempo vi seus olhos cheios de angústia por quase perder sua filha e agora que a tem de volta quer perdê-la de vez? Não esqueça que ainda vocês são estranhos para ela. Mennah, não segure nem tente mudar o curso do rio. Aprenda com a natureza, ela é capaz de nos ensinar tudo, faça parte dela. No primeiro momento o pai de Najat mostrou-se irritado, porém, a cada palavra de Melhem ia se tranquilizando, por fim, notou que não podia e nem devia interferir no destino que sua filha, que a pouco, com grande determinação, havia desenhado o seu amor e o seu amanhã.

- Obrigado Melhem, foi feliz a sua interferência, realmente percebo que a vida é uma rápida passagem e que estava errando ao tentar estabelecer, com rigor, a minha vontade, bem como a vontade da minha mulher. Minha filha, esta figura aparentemente frágil, não é mais uma menina, é uma mulher comovida, usando o lado delicado do seu ser para expressar o que lhe parece ideal. E como entender este mistério que ligou as pessoas pelo espírito e pelo corpo? Há nele um fogo que leva-os do mundo dos sonhos ao real, mudando, de repente, todas as coisas, trazendo razão a

vida humana. Fui fraco em querer interferir na lei natural. Em razão dos últimos acontecimentos, o mais doloroso por certo, foi o de pensar em perdê-la. Logo em seguida um ser estranho, enchendo-me de esperanças, mostra-me que naquele corpo inerte existia vida, fiquei, por um tempo, entre a tragédia e a alegria, minha reação é em razão do choque que há entre duas realidades: de um lado a morte e do outro a vida.

Apoiando sobre Subastis ela senta-se, seus pés começam a ter contato com o chão, por fim, levanta-se amparada por ele, caminha para a janela e diz, olhando-o:

- O destino se completa quando se chega a intersecção do infinito. Ficamos então diante do presente, do verdadeiro e podemos dizer que aprendemos a arte de amar, tudo fica exposto à luz da vontade, do encanto, do desejo que se juntou a esse nosso momento. Aqui as lembranças do passado, guardadas em nosso corpo e dentro de um vaso. Tudo que sob ele deixamos, ardentemente, nos conduziu ao agora.

- Leve-me para a janela - faz uma pausa e conclui - quero enxergar a vida.

Param e como se estivessem somente eles naquele aposento, ela, olhando Subastis diz-lhe:

- Nosso tesouro está guardado na ilha, pedi a Dafca e a meu tio para escondê-lo nos seus domínios. Um dia eles serão achados e, então, não tardará a hora de nos reencontrarmos, como ocorreu agora. Tio Harpagão, seu caro amigo, mandou que sua a mulher me trouxesse sua espada, apertei-a sobre meu corpo, tive a sensação de que estava novamente unindo-me a você. Disse-me Dafca que a espada que eles olhavam trocou de cor. Ficou quente como brasa, nada ouviram, mas uma forte sensação, tomou conta de mim, era como se o amigo pedisse para entregá-la a mim, pois dela eu ia necessitar. Ela foi o instrumento que conduziu-me a você. Deixei-a na sala, aonde se deu nosso primeiro encontro, ficou sobre a parede e somente Harpagão poderia usá-la, isto foi uma ordem minha, mas as palavras eram do seu coração.

Subastis apertou-a em seus braços terna e demoradamente, depois de afastá-la, mas segurando-a lhe diz:

- Olhares penetrantes, natural das paixões humanas, são capazes de produzir, através desta mistura, sonhos, desejos, sofrimentos, espera. A nossa história, agora, chega ao mundo da realidade, do sofrimento surge a pérola. Esta busca me ensinou a me aproximar mais de mim mesmo. A dolorosa caminhada, o itinerário inóspito, os desafios, os perigosos obstáculos, fizeram-me perceber, na arte da natureza, representada pela vegetação, pelas pedras, uma suportando a outra, os pássaros, protegendo a suas crias nos lugares mais difíceis e longe dos predadores, pelas fontes brotando num olho d'água, na amplidão do céu com seus astros e estrelas, enfim, fizeram-me ver que tudo que aqui e ali e além está com suas cores e seus brilhos não são só enfeites para os olhos e a para a alma. Não estão onde Osíris os colocou só para embelezar a Terra, com o tempo, você vai descobrindo que há em cada um deles uma mensagem. Poucos são capazes de enxergá-las, poucos saberão decifrá-las. Elas estão em todos os cantos por onde passamos, são transmitidas pela luz. Há em todas a claridade e a sombra, nas cores, no brilho, na intensidade, no som dos pássaros, dos animais, das águas caindo nas pedras, nas ondas batendo nos rochedos, no vento formando novas dunas e farfalhando nas árvores, ora causando alegria, ora trazendo temor. A chuva, os raios, são mensagens que com o tempo passamos a respeitar e a entender. Assim como tudo que criamos tem um significado. Quando aqui cheguei, as primeiras pessoas que se aproximaram de mim, ao verem as minhas vestes, tinham uma idéia de quem eu era e de onde vinha. Não precisamos de palavras, as expressões do rosto, involuntariamente, retratam a nossa alegria, a nossa tristeza, o nosso tormento, o medo ou a nossa dor. É difícil disfarçar, tentar esconder estes visíveis sinais reveladores que brotam em nossa face. Assim é o amor, para segui-lo e tentar encontrá-lo é preciso estar só, para enfrentar as grandes barreiras

e se o corpo recebe estes estímulos e se bem os aceita é porque está preparado para o convite que lhe faz a vida.

O rosto de Najat era de pura emoção, a confusão que havia com relação ao local e as pessoas amáveis, que se diziam seus parentes, já se discipara, agora, já imaginava seu delicado corpo se ondulando sobre o corpo do amado. Havia um novo brilho nos seus olhos. Era isto que queria, ouvi-lo, estar sozinha em sua companhia, ser sua, entregar-se e é o que ia fazer após se encher de coragem. Após ficar toda envolvida por aquela atmosfera romântica. Continua a ouvir a fala do amado:

- Estas sensações são as que fecundam o sentimento tornando-o mais forte. – ambos se olham demoradamente, em seguida, ele continua - Como vê, doce Najat, a tragédia, ao mesmo tempo que conspira contra nós, nos arma para enfrentarmos os insucessos que não nos dão saída e nos consomem, fazendo-nos suportar as grandes adversidade e conquistar o impossível. Por isso, não se abata com a tristeza e o tédio de ontem, só precisa ter um pouco de confiança no amanhã e se encher de coragem para tudo que vem depois. E quando o tédio e o desânimo do começo, encontram-se com o temor e a descrença dos dias subseqüentes, onde o frio e os obstáculos começam a nos desencorajar, bastava ver um pássaro vencendo os seus desafios, com seu ninho preso no penhasco ou uma planta florindo no impossível, para afugentar tudo que de mal toma conta do nosso espírito. É uma estranha energia que nos faz acreditar que, o tempo é como o topo que temos que alcançar e, quando lá chegamos, não se sabe como, mas por certo, haverá de encontrar a resposta. É assim a vida, vamos descobri-la a cada passo, e ter a certeza que vamos, aos poucos, devorando os maus presságios, a cada distância vencida, notaremos que uma estranha força em forma de luz enriquece o nosso espírito e o nosso corpo. Nestes momentos o tempo parece infinito, não passava. Se é dia, a noite demora a chegar, se é noite a claridade tarda a surtir efeito. Quando se é feliz, o tempo dura tão pouco, ficamos encantados, não percebemos que brandamente,

embalados pela felicidade, o momento se esvai tão depressa e desse momento que tenho necessidade. Há nele seu olhar, seus gestos, sua pele, seu calor, as palavras harmoniosas e os gemidos que preciso ouvir e tudo vem naturalmente, como as águas que saem da fonte sem cessar. Precisava de companhia. Estar só é um estado de espírito. Estar só é não ter com quem dividir um tempo livre com suas belas paisagens. Algo alegre que, sem ter com quem dividir, torna-se, na mesma proporção, o oposto, algo triste. Companhia é cumplicidade, é sintonia, é atenção, preocupação, cuidado, é não deixar o outro num plano inferior. O deus supremo, El, disse: “Pense primeiro em seu companheiro ou em sua companheira”. Companhia é algo que vai além do sagrado.

Após se olharem terna e carinhosamente, Najat se dirige ao amado:

- Não consigo reprimir o desejo de não estar só, de ser a sua companhia. Quando o vi, senti que vinha em meu socorro. Seus olhos acariciaram meu corpo, eram impulsos interiores tocando-me. Não sabia o que realmente estava sucedendo e, mesmo estando presa à consciência e aos costumes, não deixei de reparar que algo despertou dentro de mim. Suspirei, naquele momento, por sentir o coração acordar, bater mais forte. – faz uma pausa e continua – Amanhã quero sair lá fora – e com o seu jeito inocente ela o encantava, era, a um só tempo, um ser forte e um ser frágil que, com a sua juventude e com a sua determinação o emocionava.

Subastis assentiu com um gesto e ela continuou:

- Quero você, com a sua ternura, mostrando-me o que os seus olhos falaram-me, quero viver todos os momentos e todos os desejos que eles demonstravam quando me via. Quero seus lábios como outrora, saboreando as minhas frutas - faz uma pausa e, após, uma respiração ofegante conclui - quero você como meu predador. Eu, como você, embora cheia de sorrisos, vivo solitariamente, poucos eram os sonhos que me freqüentavam. Havia pouca paisagem, mais sombra do que claridade, mais noite

do que dia, porém algo me dizia: “Há uma atmosfera mágica e selvagem que, em você, ainda não despertou”. Não imaginava que estava a caminho de, me apaixonar verdadeiramente.

Eles ficaram ora se olhando, ora se abraçando, aproveitando o pequeno silêncio e olhando para fora, apreciavam as folhas que sob uma fraca brisa, desprendiam-se das árvores. Viam, um na expressão do outro, o desejo de lá estarem para correr atrás delas. Era um instante silencioso, havia um curioso prazer em ser parte daquele cenário, de ser como os pássaros, as folhas, as borboletas, de sentir a brisa, de ter todo o espaço que buscam o desejo e o coração. Os pensamentos não paravam de esperar o amanhã, nada mais mudaria o rumo daquela história. Não havia como regressar e não viver os seus segredos.

Subastis quebra aquele belo devaneio para lhe dizer:

- Amanhã estarei aqui cedo, para buscá-la definitivamente.

Um sinal de profunda alegria se estampou nos olhos e na expressão daquela delicada mulher, que responde-lhe, cheia de ternura:

- Venha! Disse ela olhando-o, fixamente, seus olhos brilham, respira de modo ofegante e, por fim, conclui - Eu o espero.

À noite Melhen e Subastis entregaram-se à meditação, o cheiro das plantas aromáticas, suavemente, tomavam conta da casa de pedras. Nahim estava presente na memória de ambos: sua voz, sua imagem, sua figura vinha à baila através dos seus ensinamentos “vamos ao encontro do impossível”. Após o ritual que envolveu todo o ambiente Melhen olha fixamente para Subastis e lhe diz:

- Subastis, há uma outra casa de pedras que de a muito foi construída para você, bem antes que deixasse suas terras no Egito em companhia de seu amigo Harpagão.

Subastis olha-o surpreso e ouve o sábio concluir:

- Nada foi por acaso, aqui você se reencontra com o seu passado, Maktub (estava escrito). Sua propriedade fica nas imediações daquele poço onde as águas espelharam Isis. Vá para

lá com Najat, seu tempo aqui é curto e quando brilhar no firmamento Najat vai perder os sentidos e quando recobrá-los irá lembrar-se de sua família, porém, a história de vocês será contada em todas as partes e quando houver tempestade de vento, ambos irão, através do assovio do vento, chamar um ao outro, isto porque vocês irão se encontrar em outra parte só daqui há cinco mil anos. Observe que o número cinco é um algarismo constante na vida de vocês.

Em seguida, Melhen levanta-se, pega duas vasilhas de cedro com o chá quente, entrega uma ao seu visitante e ambos sentam-se frente a frente. Ficaram tomando vagarosamente o precioso líquido, Subastis, sem nenhuma confusão de pensamento e sem aparentar sequer um ar de dúvida, teve a nítida visão de que encontrara o caminho e as respostas. Ambos, sem dizer mais nada, foram dormir. Foi a melhor noite de sonhos que teve. Na manhã seguinte, desperta alegre e feliz, abraça Melhen e faz, junto com ele, a primeira refeição, de forma apressada, nos sonhos, os deuses desenharam em sua mente tudo que deveria fazer. Lá fora ouvia-se o canto daqueles que trabalhavam na terra, via-se o sol, o barulho das águas da nascente próxima a casa de Melhen e o canto dos pássaros, o sábio quebra o silêncio dizendo:

- Sua casa em tudo se parece com esta.

Sem perder mais tempo, Subastis vai a casa de Mennah e tão logo ele o recebe, após cumprimentá-lo, lhe diz:

- Bom homem, vim buscar Najat. — olha-o fixamente e continua — vou levá-la comigo. — olha-o novamente nos olhos, faz uma pausa e conclui — talvez não tardará para que ela os reconheça. — e continuando, lembra-se da estrela brilhando próximo a Isis — quando a ver novamente, vá para a segunda casa de pedra e traga Najat para perto de vocês, eu serei aquela estrela. Ela terá apenas de mim uma vaga lembrança, como teve da nossa vida anterior. Quando isso ocorrer ela irá reconhecê-lo, bem como a mãe e a irmã.

Mal acaba de falar surpreendem-se com um perfume que tomou conta do ambiente. Surge Najat vestida de véus e com jóias por todo o corpo, o pai e a mãe tentam impedi-la, mas ela, cheia de determinação, segurando-se nos braços de Subastis, desvencilha-se e lhes diz:

- Este é o meu homem, é com ele que seguirei.

Após uma reverência Subastis e Najat saem, ele indica a direção, o caminho é belo, cheio de árvores que simbolizam as terras dos fenícios. Do outro lado uma terra de descanso, à frente plantio e árvores frutíferas e, mais além, o poço. Subastis leva Najat até ele, abre sua tampa e vê, como no Egito, os sol a pino se refletir nas águas. Pega um pouco daquele líquido precioso e dá a sua amada. Sabia ele que este era o momento certo, em seguida, leva outro tanto em sua boca. Abraçam-se demoradamente, há uma forte energia tomando conta de ambos. Olham para a sua esquerda e vêem uma estrada florida, sem exitar, segurando Najat, seguem pelo caminho em meio aos cedros e as árvores frutíferas. Há uma musicalidade que vem da deusa da floresta, de repente, deparam com as areias do deserto – um pequeno e belo oásis – os pés das tamareiras. Mais acima, a casa de pedras e, ao lado, uma fonte, cujas águas escorregam pelas pedras. E assim, tudo foi despertando aos poucos, Najat envolvida pelas surpresas e pela música começa a mover harmoniosa e sensualmente seu ventre na dança dos véus, estava fresca e bela. Tanto um como o outro, viam claramente que materializava-se o passado. Najat continua dançando, seu ventre e todo o seu corpo eram uma extrema graça e provaram, ambos, aquela conhecida sensação de prazer. Após cair o último véu, amaram-se próximo a tamareira, dando continuidade à existência passada que fora interrompida. Ela gritou de amor agarrando-o com tal fome que ele julgava incapaz que isso pudesse acontecer. Nada mais iria despertá-los como se tudo aquilo não passasse de um sonho. O destino recriará, naquele lugar mágico, o cenário que habitava o interior de ambos. Agora tudo era presente, de forma inesperada, ambos, deitados

sobre os véus coloridos de amor e de paz. Ela entregando seu corpo delgado, harmonioso, movediço, o rosto luminoso, os olhos brilhantes, a pele de âmbar, cheirosa, cheia de energia, se inflamava, lá ficaram, se amando, até que a noite chegou cheia de pontos brilhantes, pastoreada por Isis. Subastis levanta-se, ergue a amada nos braços e ruma em direção à casa, empurra com o corpo a porta que se abre, apresenta-a aos deuses da casa. Entrou, e fê-la escorregar pelo seu corpo. Ao passar por sobre a soleira, Najat sente um bem estar que encheu-a de satisfação e um desejo sufocante tomou conta de todo o seu corpo. Era uma enorme certeza apagando, como por encanto, todas as dúvidas. Ela era a mulher daquele homem. O destino não mais se entrelaçava com a fantasia para atormentá-la. Dentro da nova morada, ele, novamente, invadiu seu pequeno templo, um belo delta situada entre duas harmoniosas e delicadas colunas. A cada momento, um novo deslumbramento, que entre afagos, beijos, excedia a qualquer expectativa. Era incrível! O tempo que outrora corria vagarosamente, agora se esvaia de forma tão rápida, nada amortecia o deslumbramento de ambos. Ela entregava o seu jardim com suas pétalas e os seus botões perfumados. Estavam conscientes, nesta ofegante e esperada viagem. As carícias, o olhar penetrante do amado e o coração de ambos batendo mais e mais depressa, envolvidos por palavras de amor, por gemidos e, por fim, pela explosão de toda aquela emoção, atravessa o corpo de ambos. Assim, ocorreram novas horas, novos dias e novas primaveras. Ambos foram acolhidos como iguais por todos os habitantes e o mais belo é que não havia artificialidade naquela gente, certamente, cada um tinha um motivo para viver naquele encantado recanto. Melhem e Subastis, reunidos a outros homens, faziam reuniões de estudos que tratavam do espírito e da mente, cujo modo de vida compreendia e todos se dedicavam ao bem estar de forma apaixonante. Enquanto as mulheres reuniam-se cada vez numa casa para se confraternizarem e dedicarem-se ao preparo de comidas e doces que eram levados por elas aos maridos

após o término dos estudos. Najat sentia-se inebriada por fazer parte daqueles acontecimentos que a aproximavam mais e mais do amado. Era o desejo de se aprisionar àquela fervente sensação, com um medo terrível de que poderia acabar aquela última ternura. E na ausência de Subastis, Najat, só, vivia, em pensamentos, cada momento que acontecia e que a surpreendia, ora o tom de sua voz, ora as palavras, a pressão do corpo, do abraço, das mãos que acariciavam-na.

Os tristes acontecimentos passados foram-se, ambos estavam envolvidos pela boa energia que envolvia aquela casa aquecida e o tom íntimo das vozes de Najat e de Subastis era a prova do amor que lá existia. Não havia, entre ambos, nenhuma obscura reserva. O tempo passou rápido demais e, para Najat, a certeza de um fim causava-lhe medo e, vez ou outra ia ver aqueles que a amavam e se diziam seus parentes, poderia fazê-lo sempre, mas, apaixonadamente, falava a si:

-Por que não vou vê-los com mais freqüência? Que força estranha, mágica, prende-me aqui?

A luz da lâmparina projetava as suas sombras na parede, lembrou-se do palácio do tio e das aventuras fascinantes do primeiro encontro com Subastis. Nada havia mudado, a paixão continuava intensa, dominando todo o seu coração, jamais se imaginou enfeitiçada pelas sombras que se projetavam em razão de seus movimentos, enchendo-a de desejo. O presente e o passado entrelaçavam-se, sentia-se atraída e tinha que aproveitar todos os instantes de amor que surgiam à sua frente. Um encanto vinha da profundidade do seu eu, já o silêncio não a oprimiam. Não mais a abandonará a esperança de se sentir sempre surpreendida com um novo jeito, um sorriso diferente, um afeto indescritível. Todas as novas sensações inflamavam mais o seu coração e os seus olhos meigos e seu rosto iluminado ficavam mais cintilantes quando Subastis surgia. Viviam em plena harmonia. Todo o encanto da existência passada sobreviveu naquele gracioso e delicado corpo. E quando Subastis se encontrava com aquela

estrela, que não mais fugira, e que precisava de amor, vivia, com todo o esplendor, o tempo que lhe restava. Agora, pisava no oásis, uma cópia de um lugar longínquo, que pensou não mais ver e tinha ao seu lado a figura que sobreviveu, durante tantos anos, no seu imaginário. O ar que envolvia aquele paraíso constantemente, estava envolvido por um perfume suave das flores, dos frutos sazonados, à noite pareciam que estavam próximos dos astros. Eles observavam-nos por longo tempo, bem abraçados, para manter o calor do corpo e da alma, depois entravam e sentiam o calor do fogo que era mantido aceso para espantar o frio noturno que era tão intenso. Da casa de pedra saía um odor que tocava a alma, o espírito de quem, bem ao longe, passava. Era o perfume das flores e, mais a queima de uma mistura aromática que saía por uma abertura acima da casa, juntamente, com a fumaça da madeira que alimentava o fogo, tornando todo aquele recanto mais sedutor. E tudo aquilo, ali, era para acolher aqueles dois seres apaixonados, mas espalhava-se úmido por toda a redondeza. O chão forrado por vários tapetes, cujos desenhos traziam os segredos da paz. Ele sabia que estava próximo o momento de partir. Não o temia, dava um ar de mistério viver o que lhe restava, ali, naquele lugar, cercado somente por pessoas que o amavam. Cada acontecimento feliz que surgia, agora, não de forma rara, como nos sonhos sobre a vida passada que se ocultavam enchendo-o das mais belas emoções, ele os vivia intensamente, pois fazia parte do seu dia a dia. A felicidade chegava sem ser anunciada. Certa vez, Najat, cegamente entregava-se às lembranças passadas comparando-os com os momentos presentes, que não percebeu a aproximação de Melhen e quando se deparou com ele postado à entrada da casa, sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo todo, os olhos do visitante, de uma candura infinita, não conseguiram esconder que algo de temeroso estava para acontecer. O tempo que precedeu a entrada de Subastis, além do cumprimento, nada falou, nenhum gesto fez, continuou lá, silencioso, com os olhos fixos ao símbolo,

semelhante ao seu, geometricamente perfeito na parede a sua direita. O coração de Najat, mesmo com a chegada de Subastis alimentava uma certa tensão, uma crescente sensação de perda irremediável que os olhos de Subastis, em vão, tentavam esconder-lhe. Aos poucos, ouvindo ambos conversarem de forma animada, foi vencendo o estranho temor. A noite chegou, um vento repentino tomou conta daquele paraíso, Najat assustou-se em razão da repentina mudança. Lá fora formou-se uma gigantesca duna, mas nenhuma areia entrou na casa de pedra. Os dois homens olharam-se demoradamente, Melhen quebra o silêncio, olha para Subastis dizendo:

- Reier (irmão)! Chegou a hora. – após uma serena contemplação, e com uma calma, na imponente aparência, com uma profunda paz de espírito, beijou Najat, isto não é o fim, ainda nos encontraremos aiune.

Najat, assustada, sentiu-se presa ao chão e impossibilitada de dizer uma única palavra ou dar um passo, só pôde, com o olhar, acompanhá-lo na sua trajetória para um lugar já definido. Sabia que tinha uma direção e um assustador propósito, eram tantas coisas ocorridas em sua vida, em tão pouco tempo, que tiravam o ensejo de compreender o que estava para vir, mas sentia uma amarga tristeza, uma sensação de que algo irreparável ia transformar aquele recanto de paz e que não tinha forças dentro de si para impedir. Por fim, ela grita, vendo-o se afastar. Subastis vira-se de uma só vez e, com uma expressão cheia de ternura, continua na escalada. Riscou a face de Najat um desespero mudo, vivendo aquele momento impiedoso que nem os deuses podiam interferir na secreta luta que se travava dentro do seu coração.

Em torno de Subastis há uma cor azulada, quase branca, continua em direção ao topo da duna para um ponto bem definido, tudo estava escuro. Só a luz da energia de seu corpo mostravam seus movimentos em direção ao ponto mais alto. E, quando lá chegou, sentou-se da forma que fazia quando meditava. Najat, assustada grita insistentemente:

- Suuubbbbaassstttiiiss! Suuubbbbaassstttiiiss!  
Suuubbbbaassstttiiiss!

E, lá de cima, ele responde:

-Nnnaajjjaaatt! Nnnaajjjaaatt! Nnnaajjjaaatt!

Os gritos de ambos se espalharam além do lugarejo, foi além das praias e chegou a um deserto. Um raio liga-o à amplidão do espaço e o corpo de Subastis cai, sem vida, rolando da duna. No céu uma estrela forte brilha na ponta de Isis crescente. Novamente, um forte vento destrói as dunas espalhando areia fina do deserto por todo o Oásis, o corpo de Subastis está inerte. Najat atira-se de encontro à seu corpo gritando seu nome e desmaia sobre o corpo do amado. Melhen levanta-a nos braços e a leva para dentro de casa onde ela fica adormecida, em seguida pega o corpo de Subastis, levando-o para o lugar mais alto, seguido por homens e mulheres que despediam-se daquele ser que misteriosamente chegou e que, agora, misteriosamente, havia partido. Plantas aromáticas, levadas pela brisa se espargiam pelo espaço e suas fragrâncias jamais foram esquecidas. Mennah e Afif chegam aflitos, uma jovem velava o corpo de Najat e, ao vê-los, olha-os fixamente e lhes diz:

- Disse-me o sábio Melhen que ela irá despertar e não irá se lembrar de nada, a não ser de vocês.

Mal acaba de falar, e vê aflita a irmã, que, receosa se aproxima. Novamente a jovem lhes diz:

- Ela irá acordar ao amanhecer. Não fale nada sobre o que aconteceu, mas é bom levá-la, assim adormecida, até a sua casa e colocá-la no seu quarto. E assim foi feito. Na manhã seguinte Najat desperta chamando a irmã que vem ao seu encontro, em seguida, a mãe e o pai que se surpreendem ao vê-la falar:

- Minha querida irmã, meu adorado pai, minha adorada mãe, que saudade de vocês! Tive um grande e belo sonho e, em seguida, um grande pesadelo.

Com o passar do tempo, toda aquela comunidade desapareceu. Não deixaram nenhum descendente e o céu ficou mais cheio de estrelas.

Duzentos anos após, um velho beduíno, junto com inúmeros jovens que vinham para ouvir sua história, sentavam-se em sua volta e, em meio a uma fogueira, onde num braseiro, à parte, assava-se pães e ouviam os relatos. Porém, neste exato momento, surge uma tempestade de vento no deserto alterando todo o cenário. O velho sábio diz aos jovens:

- Cubram-se! Protejam-se e procurem ouvir os gritos de dois apaixonados.

E, em meio à tenebrosa ventania eles ouvem a voz de Najat, tema da história do velho beduíno gritar:

- Suuubbbbaaassstttiiisss! Suuubbbbaaassstttiiisss!  
Suuubbbbaaassstttiiisss!

E a resposta àqueles gritos do amado:

- Nnnaaajjjaaattt! Nnnaaajjjaaattt! Nnnaaajjjaaattt!

Ao passar a tempestade, eles se descobriram dos panos apropriados que os protegiam das areias procuraram o braseiro coberto pela areia e tiraram das cinzas os pães e repartiram-nos após desfrutarem daquela sábia companhia, reverencia-o, pegam os seus camelos e seguem, impressionados, tomados pela emoção do relato e dos momentos que haviam passado.

*Agradecimentos eternos aos médicos que, além da competência, tornaram-se eternos pela amizade em meu coração: Dr. Jeová Barros da Silva, Dr. Roberto Gomes de Oliveira, Dr. Paschoal Mazzucca Neto, Dr. Dirceu Oscar Faeli Jr., Dr. Alaor Garcia Ferreira Jr.*



*André Figueiredo Rodrigues*  
*A mulher na Inconfidência*  
*Mineira*

Muitas mulheres têm o sonho de se casar. Algumas enfrentam o altar como no passado: usando vestido longo, véu e grinalda. Outras querem apenas levar uma vida a dois, independente da existência de um cerimonial religioso.

Apesar de a prática de se casar na igreja ser uma invenção medieval, esse é um tema que existe desde os nossos primeiros tempos. No Velho Testamento, por exemplo, narrativas sobre a criação fecham-se com cenas emblemáticas sobre o matrimônio. Deus criou para o homem uma companheira, “carne de sua carne”, para que fizessem “uma só carne”, multiplicando-se sobre a Terra. E o Novo Testamento parece querer privilegiar o celibato, a solteirice. Os homens deveriam fazer-se “eunucos voluntários”, diz Mateus, enquanto Paulo insiste sobre o valor da castidade. A abstenção de prazeres – não na teoria, mas na prática – é, ainda, glorificada pelo celibato exemplar de Jesus Cristo e a virgindade de Maria.

Santo Agostinho, um dos doutores da doutrina da Igreja Católica, em princípios do século V, deu uma definição positiva do casamento e ajudou a Igreja a sair do impasse: o casamento é um bem, pois foi instituído por Deus desde o início do mundo e elevado por Cristo ao papel sublime de representar sua própria união com a Igreja.

Os ritos familiares de casar os noivos na Igreja começaram em fins do século XI. Inicialmente cabia ao padre ajudar na escolha do marido; depois, passou a entregar a esposa ao futuro marido. É dele a frase: “eu vos uno...”. Foi quando apareceu o anel como símbolo da fidelidade e do amor, laço de unidade conjugal.

A partir do século XII, o ritual do casamento era praticado em toda a Europa cristã. No Brasil, o casar-se chegou com os portugueses que aqui desembarcaram há mais de 500 anos.

No Brasil colonial, os rapazes podiam se casar aos 14 anos e as meninas a partir dos 12 anos. Mas essas idades não eram a regra. Estudos comprovam que, no sudeste, no século XVIII, a idade média era de 21,6 anos para os homens e 20,8 anos para as mulheres. Casamentos e batizados numa mesma família costumavam realizar-se no mesmo dia, sobretudo no interior. O padre ia à capela da fazenda e, em um só dia, realizava as duas cerimônias.

Ao voltar para casa, os noivos eram recebidos com tiros de mosquetão, foguetes e cantorias que louvavam os comes e bebes e o baile que se seguiriam. Uma semana depois, um almoço ou “boda” encerrava as festas, que tinham farta distribuição de rapadura, aguardente e eram animadas por batuques e repeniques de viola.<sup>1</sup>

Casar-se virgem não era o forte das noivas no período colonial. Muito poucas mulheres tinham condições financeiras de pagar um vestido nupcial para ir à igreja. A maioria entregava-se ao noivo nas redes e quintais das casas em troca de promessas de casamento.

Foram, aliás, promessas de casamento regadas a versos que levaram uma das mais belas filhas de um importante advogado de São João del-Rei a se entregar aos deleites sexuais de um homem já experiente e com quase o dobro de sua idade. Ela com 18 anos; ele com 32 anos. Histórias como esta se repetem

cotidianamente. Já nos acostumamos a escutá-las – homens que se relacionam com mulheres bem mais novas, e vice-versa.

Na colônia, isso ocorria sem problema algum. Homens e mulheres se relacionavam e muitos filhos nasciam – legítimos ou ilegítimos.... Mas, uma dessas histórias é particularmente interessante: pelos idos de 1776, chegou à vila de São João del-Rei, em Minas Gerais, um carioca solteiro, vindo de Lisboa, para assumir o cargo de ouvidor geral da comarca do Rio das Mortes, cujo ofício era exercido na Câmara de São João del-Rei.

O poeta Inácio José de Alvarenga (1742-1789), ou simplesmente Alvarenga Peixoto, como é conhecido nos livros de História e de Língua Portuguesa, foi residir, naquela vila, na casa vizinha a do magistrado José da Silveira e Sousa. O doutor Sousa, como era conhecido, tinha filhas de excepcional beleza.<sup>2</sup> Alvarenga Peixoto tomou logo para si uma dessas moças, Bárbara Eliodora Guilhermina da Silveira (1759-1819). Desse idílio nasceu, em 1779, uma filha ilegítima, Maria Efigênia.

O que torna essa história interessante? Será apenas o fato de Alvarenga Peixoto ser um dos participantes da Conjuração Mineira – a rebelião colonial mais comentada nos livros de História – ou por pertencer ao grupo dos poetas árcades de nossa literatura colonial?

O que dá valor a essa história, além de ter como personagem central o Alvarenga poeta e futuro inconfidente, são os desdobramentos causados por essa história. História privada de um personagem público! O casal só veio a se casar em 1781, depois de sofrerem prolongadas repreensões públicas por parte do padre Antônio Caetano de Almeida Vilasboas – irmão do poeta José Basílio da Gama.

A ira do padre Vilasboas, tido como um homem enérgico, obstinado e seguidor feroz dos preceitos católicos, fez-se acompanhar por pasquins que se distribuíam na vila de São João denunciando a “escandalosa prostituição” em que viviam.<sup>3</sup> Como

álibi, Alvarenga afirmava que adquirindo propriedades em locais distantes e com tantos afazeres, não teve tempo de preparar um casamento à altura de sua posição...<sup>4</sup>

Passados quatro anos da intensa relação de mancebia, contada com a estranha complacência do pai dela, Alvarenga Peixoto foi levado a casar com Bárbara Eliodora, por portaria do Bispo de Mariana de 22 de dezembro de 1781, no oratório da casa do pai. Administrou-lhe o sacramento do matrimônio o seu amigo Carlos Correia de Toledo e Melo, vigário da vila de São José.<sup>5</sup>

Desse relacionamento teriam mais três filhos: José Eleutério (nascido em 1787), João Damasceno (em 1788) e Tristão Antônio (em 1789).

### Bárbara Eliodora

Bárbara bela,  
do norte estrela,  
que o meu destino  
sabes guiar,  
de ti ausente,  
triste, somente  
as horas passo  
a suspirar.

Isto é castigo  
que Amor me dá.

Por entre as penhas  
de incultas brenhas  
cansa-me a vista  
de te buscar;

porém não vejo  
mais que o desejo,  
sem esperança  
de te encontrar.

Isso é castigo  
que Amor me dá.

Eu bem queria  
a noite e o dia  
sempre contigo  
poder passar;  
mas orgulhosa  
sorte invejosa  
desta fortuna  
me quer privar.

Isto é castigo  
que Amor me dá.

Tu, entre os braços,  
ternos abraços  
da filha amada  
podes gozar.  
Priva-me a estrela  
de ti e dela,  
busca dois modos  
de me matar.

Isto é castigo  
que Amor me dá.<sup>6</sup>

A lira acima, escrita enquanto Alvarenga Peixoto estava na masmorra da Ilha das Cobras, no Rio de Janeiro, a espera da sentença que o condenaria pelo crime de inconfidência, é um de seus escritos mais conhecidos.

No refrão, uma das partes poéticas mais importantes da lira – senão a mais importante! –, o poeta expressa o arrependimento por ter durante longo tempo se esquivado do casamento com a mulher que já lhe dera uma filha e praticava seus mais libidinosos pecados.

*Analisar Bárbara Eliodora é difícil de fazer com objetividade, porque reluz sobre a sua frente a auréola do mito. Por ser mulher sofredora por excelência, que viu seu marido arrancado de casa e levado algemado ao Rio, e sentir na pele o desprezo dos amigos, sua trajetória e histórias a fizeram entrar no panteão das heroínas brasileiras.*

Bárbara Eliodora é considerada a mulher-símbolo, o exemplo típico da mulher mineira: culta, esposa dedicada, mãe de família e sofredora. Ela foi, ainda, o vulto feminino que mais se destacou na Inconfidência Mineira. Apesar de a Literatura atribuir a imagem de musa inspiradora do movimento à Marília – famosa pelas liras de Dirceu – Maria Dorotéia Joaquina de Seixas não teve qualquer envolvimento na sedição que se planejava em Minas. Isto é história para outro momento...

Mas, voltando à bela Bárbara, o que mais nos encanta – ou melhor, me encanta – nessa personagem?

A partir das poucas informações que existem de sua vida – obtidas a partir de trechos dos depoimentos da devassa da Inconfidência e das cartas que enviou ao amigo João Rodrigues de Macedo em Vila Rica – Bárbara Eliodora era uma mulher de temperamento forte. Lutou o quanto pôde para salvar seus bens e de seus filhos do sequestro empreendido aos presos mineiros de 1789.

Bárbara mostrou firmeza ao impedir que seu marido – vacilante no momento decisivo da conspiração – delatasse os companheiros de sedição. A “traição, fosse como fosse, não era de seu caráter, nem a permitiria a alguém ‘de sua casa’”.<sup>7</sup>

Criou sua filha Maria Efigênia como uma “princesa”. Em depoimento à devassa, José Joaquim de Oliveira disse que o mestre de música da menina (José Manuel Vieira) lhe contara que era difícil ensinar sua discípula, pois o “demasiado mimo com que a criava sua mãe, a qual lhe costumava chamar ‘princesa do Brasil’”, impedia-o de forçar o aprendizado (“a dita menina nunca poderia adiantar-se muito”).<sup>8</sup>

Desde seu casamento com Alvarenga, Bárbara tomou parte nos negócios do marido. Em 1787, atuou como procuradora numa composição efetuada em virtude de uma demanda sobre terras.<sup>9</sup> Embora possuidora de várias minerações e terras de cultura, foi fulminada com a prisão, degredo e morte de seu companheiro. Suas contas sofreram desequilíbrios ocasionados pelos acontecimentos. Em 13 de outubro de 1789, estava Bárbara em sua casa no arraial de São Gonçalo, quando aí foram o ouvidor Luís Ferreira de Araújo e Azevedo e o escrivão, entre outros, realizar o sequestro dos bens do casal.<sup>10</sup>

Três dias após o início dos sequestros, Bárbara fez requerimento alegando que era casada com comunhão de bens e que, na forma da lei, se devia proceder antes o inventário e separar a sua parte.<sup>11</sup> Conseguiu dessa maneira que apenas se sequestrasse os bens da meação de Alvarenga Peixoto, garantindo-lhe algum patrimônio. O ouvidor, um velho amigo da família, fez mais: engordou significativamente a dita meação, ajeitando-a com credores impacientes que esperavam receber algumas das dívidas contraídas por seu marido nos empreendimentos minerais e agrícolas que se meteu após deixar a magistratura.

Além das terras e lavras avaliadas pela devassa em mais de 80 contos, a maior fortuna dentre os inconfidentes, Bárbara permaneceu com propriedades e escravos que não figuram na avaliação, da mesma maneira que permaneceu com móveis e objetos de prata que totalizam mais de 12 quilos!

Em nosso entender, residem nesse ponto – o dos sequestros de bens – as maiores inovações que podem ser trazidas ao temário da Inconfidência Mineira. E, também, o do envolvimento das mulheres na sedição de 1789.

#### Os sequestros de bens como fontes de histórias de outras mulheres

Quando pesquisei pela primeira vez o tema dos sequestros na elaboração de minha dissertação de mestrado – *Um potentado na Mantiqueira: José Aires Gomes e a ocupação da terra na Borda do Campo*, entre 1999 e 2002 – deparei-me com algo surpreendente: as famílias dos inconfidentes foram penalizadas pelos sequestros de seus bens, mas muitas delas permaneceram com bens móveis e imóveis, escravos e, também, participando das intrincadas redes econômicas e sociais que existiam e da qual faziam parte antes da Inconfidência Mineira, sem se importarem com os trâmites jurídicos que os abalavam. E o mais surpreendente: todos os arranjos foram tecidos pelas mulheres dos conjurados! Acompanhemos essa história...

No mestrado, investiguei a ocupação e a posse de terras na freguesia da Borda do Campo, na comarca do Rio das Mortes, durante o século XVIII. Para tanto, optei por reconstituir a trajetória de José Aires Gomes, o maior proprietário de terras da região. O início de sua história e do povoamento das terras do alto da serra da Mantiqueira começou com a abertura do Caminho Novo – a principal via de acesso aos viandantes e comerciantes que iam do Rio de Janeiro às zonas auríferas mineiras – e com a criação da fazenda da Borda do Campo.

As terras da Borda do Campo, inicialmente pertencentes ao bandeirante Garcia Rodrigues Pais, passaram, por compra, a ser administradas por Aires Gomes em 1775. Além dessa propriedade, o futuro inconfidente adquiriu outras na região. Das

174 cartas de sesmarias doadas aos moradores da freguesia da Borda, pelo menos 24 estavam nas mãos de sua família. Além de terras legalmente ocupadas, Aires Gomes embrenhou-se nas áreas proibidas dos sertões da Mantiqueira abrindo picadas, caminhos e desenvolvendo práticas agrícolas, mineratórias e pecuaristas “furtivamente” ao controle metropolitano. Suas propriedades chegaram a mais de 22; contrárias às oito herdades citadas pela historiografia da Inconfidência Mineira. Além das fazendas, encontramos, na sua documentação fiscal, várias sentenças e cartas de sesmaria.

Como apuramos, José Aires Gomes dominava territorialmente a região e comandava as pessoas que lá estavam. Tornou-se o “senhor” da Mantiqueira e, como tal, administrava mais de 40 sesmarias, estando a sua maior parte posicionada à beira do Caminho Novo.

Nessa história, entretanto, está merecendo aparecer outra mulher: Hipólita Jacinta Teixeira de Melo.

A participação de Hipólita Jacinta na Inconfidência restringiu-se a dois episódios: o envio que fez de um bilhete ao marido avisando-lhe das prisões de Tiradentes e de Silvério dos Reis no Rio de Janeiro; e o da destruição da carta-denúncia escrita pelo seu esposo – Francisco Antônio de Oliveira Lopes – que seria entregue ao governador de Minas, visconde de Barbacena, como uma tentativa de diminuir sua pena de ter-se envolvido no intento sedicioso.<sup>12</sup> Em seu depoimento, Francisco Antônio confirma que não entregou por escrito sua denúncia do levante pelo fato de sua mulher tê-la queimado.<sup>13</sup>

Com a publicação da sentença condenatória, os inconfidentes foram penalizados com o sequestro de seus bens. Às famílias de Aires Gomes e Alvarenga Peixoto couberam as meações de seu patrimônio; à família de Francisco Antônio de Oliveira Lopes, a perda total de seus pertences, sem direito à meação da mulher, nem mesmo dos bens indivisos da herança paterna.

As mulheres dos três – Maria Inácia de Oliveira (de José Aires Gomes), Bárbara Eliodora (de Alvarenga Peixoto) e Hipólita Jacinta Teixeira de Melo (de Francisco Antônio de Oliveira Lopes)-, mesmo após o sequestro e o confisco de seus bens, permaneceram com várias propriedades, como já afirmamos. Apesar das agruras, por exemplo, dona Hipólita soube agir em defesa de seus interesses, no sentido de resguardar seus imóveis. No seu testamento, datado de 27 de abril de 1828, nota-se que ela era possuidora de muitos bens, como fazendas, lavras e escravos que alforriou.<sup>14</sup>

Quando do inventário de bens do casal, Hipólita Jacinta Teixeira de Melo teria provavelmente subornado o funcionário responsável, que recebeu “três vacas paridas sabe Deus pelo que...”.<sup>15</sup> Da mesma forma que ela, Maria Inácia de Oliveira, como mostrei em minha pesquisa de mestrado, também permaneceu com bens que não foram seqüestrados pela devassa da Inconfidência. Situação repetida na trajetória de Bárbara Eliodora na administração dos bens de Alvarenga Peixoto. As atitudes de suborno praticadas pela primeira nos ajudam a pensar semelhantes ações proporcionadas pela segunda e pela terceira. As avaliações, ou melhor, as subavaliações recebidas pelos bens de José Aires Gomes, mostradas em nossa dissertação, permitiram-nos desconfiar de atos corruptíveis dos inquiridores em outros sequestros de bens.

A fazenda da Borda, adquirida por Aires Gomes, custou 24 contos de réis em 1775. No ato da compra pagou ao irmão 12 contos à vista; o restante foi parcelado em prestações em longo prazo. Em 1791, quando essa herdade foi sequestrada pela devassa, recebeu a módica avaliação de 1:872\$900 réis – inferiores a aproximadamente dez vezes o valor originalmente pago. O monte-mor de seus bens foi avaliado em 31:859\$015 réis. Deste total, após a meação da esposa, coube aos cofres metropolitanos a importância de 15:929\$507 ½ réis, que foi dividida em duas partes iguais, sendo uma delas destinada ao

pagamento das dívidas pessoais do conjurado (7:964\$753 ¾ réis) e, a outra, reservada ao Fisco Real.

Os quase 32 contos de réis, pouco menos que a metade dos 65:066\$236 contos apontados por João Pinto Furtado como a possível avaliação que o patrimônio do inconfidente deveria valer, permitiu-nos vislumbrar que muitos dos bens de Aires Gomes foram subavaliados pela devassa.<sup>16</sup> Nos sequestros dos demais conjurados mineiros, por exemplo, um porco valia em média 450 réis, no de Aires Gomes, de 72 a 75 réis.

Aires Gomes teve quantificado pela devassa 1976 bens, excluindo-se as oitavas de ouro e as de prata sequestradas. Os bens de Inácio José de Alvarenga Peixoto – em número de 456 – foram avaliados em pouco mais de 84 contos (a maior avaliação!). Entre os mais de vinte envolvidos na Conjuração Mineira, o coronel José Aires Gomes teve o segundo maior número de escravos confiscados, o maior número de cabeças de gado, de ferramentas, de utensílios domésticos, de bens móveis, de toucador, de oitavas de prata e a segunda maior quantidade de terras (vale lembrar que teve somente oito propriedades seqüestradas, mas possuía mais de vinte, além de inúmeras cartas de sesmaria).

Exemplo interessante da atuação dos avaliadores foi expresso nas listagens dos rendimentos agrícolas das fazendas da Borda do Campo, da Mantiqueira, do Confisco e do Engenho, pertencentes a Aires Gomes e elaboradas durante o tempo em que estas propriedades ficaram sequestradas pela devassa (de 1791 a 1796). O borrador da fazenda da Borda aponta a existência de plantações de milho, de feijão e de arroz. As duas últimas culturas foram “esquecidas” pelos inquiridores, quando foram vistoriar e anotar tudo o que vissem na herdade. Esses produtos agrícolas não apareceram indicados no sequestro publicado nos *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. A soma dos rendimentos das quatro propriedades foi de 7:157\$064 réis.

Assim, com base nos “esquecimentos” e na “miopia” dos inquiridores perante os bens de Aires Gomes, e mostrados em nossa dissertação, perguntamos: A devassa abalou a fortuna desses inconfidentes?

Para responder a essa pergunta é preciso voltar a analisar o papel da mulher na Inconfidência. As três mulheres citadas – Bárbara, Maria Inácia e Hipólita Jacinta –, com participações diferenciadas e cada uma a seu modo, são as personalidades femininas que administraram as propriedades dos maridos após a devassa e ao arrepio da lei. Fato, aliás, significativo, pois é somente pelas atitudes das esposas que conseguimos conhecer e compreender os trâmites jurídicos e econômicos que envolvem a administração dessas propriedades e a reconstituição do que foi declarado e do que foi omitido à devassa. Esse ponto foi detalhado em minha pesquisa de doutoramento em História – *A fortuna dos inconfidentes: caminhos e descaminhos de bens de conjurados mineiros (1760-1850)*, publicado em 2010 pela Editora Globo.

### Outras mulheres...

É corrente a ideia que muitos casamentos são mantidos graças aos serviços prestados por meretrizes e pelas atitudes amorosas das amantes que povoam desejos não realizados pelas esposas.

Em Minas, a atuação das “mulheres de vida fácil”, como se costumam rotular as profissionais do sexo, foi muito comum. Mulheres brancas – tanto solteiras, quanto casadas (as “semi-prostitutas”) – como negras e mulatas, escravas ou forras, usavam da prostituição como fonte de renda para si, seu maridos, suas mães e proprietários.<sup>17</sup> Como era de se esperar, as ideias revolucionárias também chegaram às casas de alcouce, por intermédio do alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes.<sup>18</sup>

Por meio das atitudes do alferes Tiradentes, um dos responsáveis pela divulgação das ideias sediciosas entre a população e por ser freqüentador assíduo dos prostíbulos de Vila Rica, é possível acreditar que as prostitutas da cidade sabiam da premeditada rebelião que se arquitetava para o ano de 1789. Os documentos não permitem conjecturar que elas participaram diretamente do levante, mas, apenas, que elas sabiam do que se tramava. É de um dos denunciadores da Inconfidência, Basílio de Brito Malheiro do Lago, a frase pejorativa e discriminatória que tratava as meretrizes na época e que se referia à conjura como um movimento inexpressivo: “só se for levante de putas”.<sup>19</sup>

Tiradentes: falastrão, corajoso, imprudente, bode expiatório... herói... patrono da liberdade... os olhares sobre ele são muitos e tão variados quanto os olhares sobre a Inconfidência Mineira, como já foi apontado pela historiografia do movimento.

Como relatado no início desse texto, as mulheres têm anseios por casar. Este foi o caso de Antônia da Encarnação do Espírito Santo que se deixou envolver pelo alferes Tiradentes. Como Alvarenga Peixoto, o maior herói brasileiro também se envolveu com uma jovem, vivendo maritalmente com ela.

Foi graças ao processo aberto por Antônia da Encarnação, entre novembro de 1789 e meados de 1790, em Vila Rica, é que tomamos conhecimento de seu envolvimento com Tiradentes. Amásia do inconfidente, Antônia decidiu procurar a justiça para reivindicar, junto às autoridades locais, a posse da escrava Maria, de nação Angola – junto com seus dois filhos pequenos, Jerônimo e Francisca –, que fora seqüestrada pela devassa com os demais bens de Tiradentes na ocasião de sua prisão. Para tanto, como informou Paulo da Costa e Silva, em artigo recente publicado na Revista de História da Biblioteca Nacional, “Antônia Maria alega que a escrava lhe havia sido doada pelo alferes, não pertencendo mais a Tiradentes, e que, portanto, lhe deveria ser restituída”.<sup>20</sup>

As delicadas relações entre eles são expostas no processo da seguinte forma:

Diz Antônia Maria do Espírito Santo, menor órfã do falecido seu pai Antonio da Silva Pais, que estando na companhia da viúva sua mãe Maria Josefa, vivendo com toda a honestidade e recato, a principiou a aliciar o alferes Joaquim José da Silva Xavier, o qual debaixo de palavra de honra e promessas esponsalícias lhe ofendeu a pudicícia, de cuja ofensa resultou conceber e dar à luz um feto do mesmo alferes, que passou ao extremoso excesso de arrancar a suplicante dos braços da dita sua mãe.<sup>21</sup>

Para reaver sua escrava, Antônia Maria joga com informações que levam a crer que foi vítima dos encantos e das falsas promessas de Tiradentes, que a tirou dos braços de sua mãe, deflorando-a, concebendo nela um rebento, sem que cumprisse, contudo, a promessa de casamento.

O alferes faltou com sua palavra de honra ao acenar com promessas de casamento que não foram cumpridas.

No fundo, voltamos à estaca inicial: o sonho que muitas mulheres têm em se casar, em constituir uma família legalmente estabelecida. Se o maior herói nacional manchou sua trajetória límpida com essa mácula, o que será de nós...

Ah!, Antes que esqueça: as demais mulheres, entre elas a também bela Marília, do poeta Dirceu (Tomás Antônio Gonzaga), fica para outra oportunidade! Uma vez noiva de Gonzaga, “teve seu nome envolvido nos acontecimentos que o cercaram, passando a figurar não apenas como a Marília bela dos versos gonzagueanos,

mas também como a ‘noiva da Inconfidência’”.<sup>22</sup> Esse cognome aplicado à Maria Dorotéia de Seixas Brandão propiciou uma gama de lendas a seu respeito e como gosto de trabalhar com a concretude e com as histórias das pessoas que realmente participaram do levante mineiro, deixo-a para os mistérios que ainda perpetuam a sua existência.

*André Figueiredo Rodrigues* é Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Acadêmico Efetivo da Academia Guarulhense de Letras (AGL) e Membro Titular da Comissão de História do Instituto Panamericano de Geografia e História (IPGH). Professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Assis. Website: [www.histoecultura.com.br](http://www.histoecultura.com.br).

---

<sup>1</sup>. Os parágrafos iniciais contendo informações sobre a história do casamento foram inspirados em PRIORE, Mary del. *História do cotidiano*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 33-36.

<sup>2</sup>. Tem sido largamente celebrada em prosa e verso a beleza física de Bárbara. Sem querer dar crédito aos comentários de Alvarenga Peixoto, já que manteve relacionamento com ela, deixemos que o poeta Antônio Diniz da Cruz e Silva, que conheceu Bárbara de perto, apresente referências claras aos seus encantos:

Absorto entre as três deusas, duvidava  
Páris à qual o ponto entregaria:  
sem véu, as perfeições de todas via,  
e quanto mais via mais vacilava.

Se qualquer de per si atento achava,  
em seu favor a lide decidia,  
mas logo resolver-se não sabia  
quando juntas depois as contemplava.

Enfim, um não sei quê, que a natureza  
mais liberal com Vênus repartira,  
o move a dar-lhe o prêmio da beleza.

Ah! Se igual entre vós lide se vira,  
o mesmo Páris cheio de incerteza  
nunca a magna contenda decidira.

(Apud. OLIVEIRA, Martins de. A heroína da Inconfidência. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, p. 4, 24 maio 1969. Suplemento Literário.)

<sup>3</sup>. LAPA, Manuel Rodrigues. *Vida e obra de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: INL; MEC, 1960, p. XXXIII - XXXIV.

<sup>4</sup>. JARDIM, Márcio. *A Inconfidência Mineira: uma síntese factual*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1989, p. 137.

<sup>5</sup>. *Fundação Biblioteca Nacional*. Seção de Manuscritos, Coleção Tiradentes, I-35, 11, 15 n° 2.

<sup>6</sup>. PEIXOTO, Alvarenga. Lira 21. In: LAPA, Manuel Rodrigues. op. cit., p. 30-31. O refrão – “Isto é castigo // que Amor me dá” – não se encontra publicado na edição organizada por Joaquim Norberto em 1856 das obras poéticas de Alvarenga Peixoto. Conferir: SILVA, Joaquim Norberto de Souza e. *Obras poéticas de Alvarenga Peixoto*. Rio de Janeiro: Garnier, 1856, p. 263-266.

<sup>7</sup>. JARDIM, Márcio. op. cit., p. 139.

<sup>8</sup>. “Formação de culpa: inquirição da testemunha José Joaquim de Oliveira”, Casa do desembargador Pedro José Araújo Saldanha (Vila Rica), 25 jun. 1789. In: *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados; Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Governo do Estado de Minas Gerais, 1976, v. 1, p. 171.

<sup>9</sup>. Conferir: “Carta de Inácio José de Alvarenga e Vicente Vieira da Mota a João Rodrigues de Macedo com escritura de compra e venda de fazenda”. 21 jun. 1787. In: OLIVEIRA, Tarquínio J. B. de. *Correspondência ativa de João Roiz de Macedo*. Ouro Preto, MG: ESAF; Centro de Estudos do Ciclo do Ouro; Casa dos Contos, 1981, v. 2, p. 246; “Recibo passado por Inácio José de Alvarenga, relativo à venda de terras e escravos”. Vila Rica, 10 jul. 1787. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, Belo Horizonte, v. 38, 1990, p. 33; “Procuração passada por Alvarenga Peixoto a João Rodrigues de Macedo e Vicente Vieira da Mota, para assinatura de escritura de destrato da venda de uma fazenda”. Vila Rica, 21 jul. 1787. *Arquivo Público Mineiro*, ACC, pl. 20305, r. 529.

<sup>10</sup>. “Auto de seqüestro em bens de Inácio José de Alvarenga Peixoto”. In: *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira* op. cit., v. 6, p.167-177.

<sup>11</sup>. *Ibidem*, 177-178; p. 194-215.

<sup>12</sup>. “Auto de perguntas ao coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes”, 1ª inquirição, Cadeia Pública (Vila Rica), 15 jun. 1789. In: *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. op. cit., v. 2, p. 57.

<sup>13</sup>. “Formação de culpa: inquirição da testemunha Francisco Antônio de Oliveira Lopes”, Casa do desembargador José Pedro Machado Coelho Torres (Vila Rica), 8 ago. 1789. In: *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. op. cit., 4, p.158.

<sup>14</sup>. “Óbito e registro do testamento de D. Hipólita Jacinta Teixeira de Melo, viúva do inconfidente Francisco Antônio de Oliveira Lopes”. Prados, 27 abr. 1828. In: *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. op. cit., v. 9, p. 429-437.

<sup>15</sup>. “Carta-denúncia de um anônimo ao visconde de Barbacena contra Luís Ferreira de Araújo e Azevedo”. São João del Rei, 14/10/1789. In: *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. op. cit., v. 3, p. 412.

<sup>16</sup>. João Pinto Furtado. *O manto de Penélope: história, mito e memória da Inconfidência Mineira de 1788-9*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 107.

17. REIS, Liana Maria. A mulher na Inconfidência (Minas Gerais – 1789). *Revista do Departamento de História*, Belo Horizonte: FAFICH/UFMG, n. 9, p. 88, jun. 1989.

18. “Auto de perguntas ao cônego Luís Vieira da Silva”, 1ª inquirição, Casa do Contrato (Vila Rica), 1º jul. 1789. In: *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. op. cit., v. 2, p. 147.

19. “Carta-denúncia de Joaquim Silvério dos Reis”, Cachoeira, 19 abr. 1789. In: *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*. op. cit., v. 1, p. 98.

20. SILVA, Paulo da Costa. A outra face do alferes: documento raro revela um Tiradentes demasiado humano. *Revista de História*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 19, p. 19, abr. 2007.

21. Apud *Ibidem*, p. 19.

22. PIRES, Antônia Cristina de Alencar. Marília de Barreto. In: MALARD, Letícia (Org.). *A ficção mineira hoje*. Belo Horizonte: NAPq/FALE/UFMG, 1994, p. 26. (Cadernos de Pesquisa, 18).



Antonia Conceição Vaz Duarte

Canoa Quebrada

Neste verão, dona Bibiana pegou sua eletro-bike, o avião e foi para Cumbuco.

O vilarejo aninha-se à beira mar, a trinta quilômetros de Fortaleza-CE e a três horas de vôo de São Paulo. Como o Brasil é grande, lindo, muito lindo! Repetia ela, alternadamente consigo mesma, durante toda a viagem externa e interna.

Todo espaço conta uma história; vovó Bibiana adorava histórias e mais histórias. Ela dizia que a história de cada um é parte da história de toda humanidade.

Quantas histórias diferentes estão sendo contadas nesse imenso espaço Brasil! A boa narração das experiências no tempo e no ambiente próprio de cada indivíduo é mais surpreendente do que a ficção.

Cada encontro era uma oportunidade de conhecimento interpessoal. Poucas pessoas, em Cumbuco, escaparam à prosa dessa senhora de conversa fácil e elaboração complexa.

Conversa vai, conversa vem, e ela tirava o melhor de cada um e sempre deixava um pouco de si. A generosidade era sua marca.

Deslizando no seu triciclo, a dona de poucos movimentos e muitos sonhos, agora sentia a liberdade do vento e como venta na região. Viva a tecnologia!

Não foi tão simples assim, embora devesse ser. Problemas e mais problemas para levar a sua cadeira-moto. Mas levou e foi de grande utilidade a estréia do moderno veículo vermelho, quase uma Ferrari, dizia Bibiana puerilmente feliz.

Vovó Bibiana foi com sua pequena família, nessa curta e abençoada viagem.

O Resort, onde o grupo familiar ficou hospedado, era enorme e luxuoso, impunha um constrangimento quase inevitável para a senhora aposentada. Ela nunca havia estado num lugar paradisíaco desses, segredou para um familiar, sentindo desconcerto na fala.

O convite-presente partiu do filho primogênito. Foi compulsório, não teve jeito de ser recusado.

Bem que ela tentou safar-se do difícil deslocamento, mas não teve como, a sedução foi certa.

— Alguns acham que velho não tem vontade própria! Todos sabem o que é melhor para ele! Murmurou Bibiana, ao pé do ouvido de seu marido, numa dessas tentativas frustradas de negociação pré-viagem.

Claro que a Senhora gostou da viagem, estar com a família num lugar desses, já era uma grande gratificação, mesmo com as duras reflexões filosóficas de uma educadora de vida inteira. Estas permearam a viagem o tempo todo. É impossível estar plenamente satisfeita quando tantos trabalham tanto para que poucos usufruam desse excesso; o planeta tem o necessário para os seus sete bilhões de almas, mas não o supérfluo; as diferenças sociais geram boa parte da violência absurda nas cidades e no campo, onde vai dar tudo isso? Gente tão diferente, de lugares tão diferentes, num mesmo espaço querendo coisas semelhantes”.

A piscina parecia um lago de linhas curvas, desenhada num tapete de grama verde, pontilhada de coqueiro baixos, cujos frutos deixavam-se colher com as mãos. Espécies nativas e exóticas compunham o paisagismo tropical, cuja exuberância verde só era possível graças à irrigação diária e constante.

Era um bom percurso do aeroporto até o Resort. O simpático chofer, percebendo o interesse dos passageiros portou-se como um guia. Descreveu cada quadro da paisagem. O que não sabia, inventava. O que não podia era fazer feio!

Dona Bibiana esteve o caminho todo com os ouvidos no falador motorista, e os olhos na paisagem, queria perceber bem o lugar, ao qual talvez nunca mais voltasse.

— Aqui está cheio de turistas europeus: portugueses, espanhóis, italianos, alguns nórdicos e poucos americanos (EUA). Eles vêm fugindo do frio. Aqui é terra de sol, luz, calor o ano todo, praias, dunas, uma beleza! Aquela casa ali é de um norueguês, que aluga para amigos lá da sua terra gelada; daqui ele só usa os cearenses como serviços.

— Carnaúba é a árvore símbolo do Ceará — explicava o nosso chofer, enquanto se viam carnaubeiras para todo lado.

— Vocês precisam conhecer as praias de Fortaleza, uma formosura: Parck Beach, praia de Canoa Quebrada, praia do Futuro, praia de Iracema e fazer um passeio de bugue pelas dunas. São bons demais esses passeios!

— Iracema! — falou admirada Dona Bibiana. O nome deve ser homenagem ao romance do escritor cearense José de Alencar.

Desta vez o motorista ficou mudo e continuou a viagem.

Seguiram para o “Inevitável”. Logo depois das providências de acomodação, já eram duas horas da tarde e todos estavam com fome.

A netinha predileta e única de Dona Bibiana colocou muita comida no prato e a vovó atenta disse:

— Menina, você come com os olhos!

— O que é comer com os olhos?

— É, pôr muita comida no prato e depois não aguentar comer tudo.

— Já sei, comer com os olhos é quando a boca não dá conta de comer tudo o que os olhos desejavam comer e sobra comida no prato...

— Oh, minha linda, também não dou conta do que vejo, do que sinto e do que vivo, do saber, do não saber. A vida é um não dar conta.

## Quando eu não puder mais

Quando eu não puder mais ter alegria.  
 Quando eu não puder mais sentir o vento.  
 Quando eu não puder mais ver o mar.  
 Quando eu não puder mais me dar.  
 Quando eu não puder mais governar meu  
 pensamento

Ah... Quando eu não puder mais...

Quando eu não puder mais ter nenhum interesse.  
 Quando eu não puder mais usar um GPS  
 Quando eu não puder mais estar com Maria.  
 Quando eu não puder mais ir à Academia.  
 Quando eu não puder mais ligar para David.

Ah... Quando eu não puder mais...

Quando eu não puder mais ficar assim.  
 Quando eu não puder mais rir de mim.  
 Quando eu não puder mais me sentir mulher.  
 Quando eu não puder mais fazer um poema  
 sequer.  
 Quando eu não puder mais perceber o vento.

Oh, Deus do meu lamento, tire-me daqui!  
 Porém com ternura, sabeis que sou mulher.

\_ Sabia vovó, que eu vou morar com você, lá em São Paulo,  
 quando eu estiver namorando?

\_ Por que só quando estiver namorando, Amanda?

\_ Por que aí eu já vou estar grande. Vou fazer faculdade lá.  
 Será que a faculdade lá é boa?

\_ Muito boa, Amanda! Lá estão as melhores faculdades do  
 Brasil.

\_ Ah! Vou fazer faculdade lá e nas férias ajudo a mamãe na  
 loja.

A velha senhora ficou toda esperançosa; a vida dar-lhe-ia  
 novo sentido.

Começou a sonhar com a cor do quarto da neta, como preparar  
 as comidas que a menina adorava, para melhor agradar e não  
 decepcionar a futura e adorável hóspede. Era só uma questão de  
 tempo, o desejo já existia.

Num dado momento dona Bibiana refletiu: Que absurdo,  
 quanta pressão! Por que uma menina de apenas seis anos fala  
 tanto em faculdade, em vez de estar brincando e aprendendo a  
 viver?

Quando eu era criança o tempo era todo meu. Hoje tempo  
 livre é luxo, pobre menina!"

À noite, antes de Amanda dormir, a vovó à moda antiga, ficou  
 algum tempo na companhia da neta e ao mexer no seu lep-top,  
 como uma avó moderna, encontrou várias fotos de família, no  
 arquivo minhas imagens.

Maravilhoso acervo familiar, retratos de momentos  
 inesquecíveis para as duas. Uma por vivência e a outra por relatos  
 fabulosos, mas reais.

\_ Está vendo, Amanda, muita gente aqui já virou estrelinha,  
 por isso é importante registrar fotos, fatos e paisagens, para  
 construir e registrar nossa história.

\_ Virar estrelinhas... Não gosto que ninguém vire estrelinha.  
 Chega!

\_ É bom mesmo dormir, amanhã vamos para Canoa Quebrada;  
 tem chão até lá; rodaremos quase 200 km. Boa noite!

Ainda se fazia cedo no Resort, e o sol já estava rasgado, despertando tudo o que dormia; pouca coisa tinha o privilégio da sombra.

Os cinco turistas da pequena família colocaram roupas de banho, embaixo do vestuário de passeio e lá foram num carro alugado, rumo a Canoa Quebrada.

A certa altura da viagem, a estrada cortava uma paisagem mais seca. Viam-se coqueiros, carnaúbas, cajueiros às centenas, sem frutas. Era janeiro.

Num vilarejo acanhado, bem pobre, uma Van chamou atenção de dona Bibiana, com a educativa inscrição: "Preserve o meio ambiente, plante um cajueiro".

— Maravilha, nem tudo está perdido! — pontuou a Senhora, esboçando um sorriso Monalisa.

O cajueiro foi uma das árvores frutíferas mais lindas que dona Bibiana viu na vida.

O primeiro alumbramento aconteceu no litoral paulista, em Bertiooga, ao visitar uma amiga.

Quando viu aquela árvore, estranha para ela, ficou em êxtase, arrebatada pela beleza do único cajueiro da vizinhança, prenhe de frutos.

Cada fruta era uma jóia rara e especial, de cores diferentes devido ao tempo de maturação; umas maduras de uma laranja bem forte, outras verdes ou amareladas, de um degradê custoso de descrever.

A amiga nordestina ofereceu um suco de caju.

Para espanto de vovó Bibiana, ela atravessou a rua e colheu alguns cajus maduros. Preparou o suco natural, especialmente para celebrar o momento.

O pai de Amanda acelerava cada vez mais. O sol não dava trégua! Entramos na cidadezinha onde alcançaríamos a praia de Canoa Quebrada.

Que beleza! O mar ali faz sua arte: paredões bordados nas rochas à beira mar, falésias e mais falésias.

As dunas se replicavam, moviam-se pelo vento. Oásis e lagos se alternavam, encarregavam-se de desenhar a bela paisagem exótica.

— Mãe! Vamos tirar a roupa e nadar! — gritou Amanda eufórica.

A menina ria e rolava na areia branca, como se o tempo de brincar fosse eterno.

A avó observava tudo com ternura, querendo aproveitar ao máximo os instantes em família, que a vida ainda lhe oferecia.

Quem quis, acompanhou a menina com a alegria de quem entra no mar pela primeira vez. O banho foi uma festa!

Refrescados, os cinco sentaram-se num quiosque. Eram muitos quiosques; faziam um colar guarnecendo toda a orla, num colorido belíssimo.

Alguém desabafou o que todos sentiam:

— Que fome, o que vamos comer?

— O homem da família pontuou:

— Frutos do mar, é óbvio!

Assim servidos, a lagosta, o peixe vermelho e os camarões consumidos, foram deixando a travessa vazia e os estômagos cheios.

Enquanto comia, Dona Bibiana observava o Jeg's bar.

Era um jegue puxando um carinho de bebidas, muito sugestivo. Esse animal é adaptado às regiões secas, mesmo assim, a mulher sentiu pena do jegue.

Correr de bugue pelos morros de dunas era outro passeio obrigatório. Foi apavorante e fantástico. O bugueiro habilmente dirigia para emocionar e aparecer, sentindo-se um verdadeiro piloto de provas. O nosso medo e prazer eram o seu prêmio, o dinheiro a recompensa.

Depois da maratona das areias de Canoa Quebrada o dia seguinte foi quase morno, repousante. Optamos por visitar o vilarejo de Cumbuco. Curiosa socióloga de vocação, a vovó foi entrevistando todos os que encontrava.

Mal a tarde se desfez e vovó Bibiana já anotava a idéia-mãe e os achados interessantes, materiais que cuidadosamente sorvia e refletia, capazes de dar início a um conto ou poema.

Ela adorava escrever. Frequentemente atrevia-se na escrita, embora poucos a lessem.

Há um interregno que se observa entre o ler por obrigação e o ler por devoção. Sorte de quem chega rápido ao ler por prazer. Aí se faz o bom leitor, devoto que todo escritor quer ter no seu rebanho de leitores.

Dona Bibiana adorava a vida. Tinha reverência por sua história, porém não se derramava na farrá de viver. Era criteriosa nas escolhas.

Valorizava a qualidade de vida, não a quantidade de anos que ainda poderia viver. Vida comprida e chata estava longe de seus desejos.

Dos afazeres da vida, alguns Dona Bibiana fazia muito bem, poucos fazia mal e outros ela nem fazer fazia. Na ciranda de afazeres ela ía se fazendo, refazendo e recompondo a sua vida.

Às vezes, ela podia até não fazer nada, sem que isso lhe causasse algum pesar, tal o refino de maturidade que os anos lhe trouxeram.

Só vivemos uma vez cada fato da nossa existência, alguns deixam saudades, outros já vão tarde. Essa viagem vai deixar muita coisa boa para recordar.

Amanda estava linda: blusa amarela, calça jeans azul clara, sapatilhas amarelas e uma “piranha”, também amarela no cabelo. Naquele momento, o amarelo era a cor da saudade.

Da casa da vovó até o aeroporto, Amanda foi tomada por um sono repentino. Talvez uma defesa, um anestésico natural produzido pelo organismo, para não sofrer tanto o processo da despedida.

Contida, a menina abraçou a avó e o avô, pai e filha voaram até Goiânia.



Ari Baddini Tavares

## A incrível terra das besteiras

A cena poderia ter causado escândalo, mas não causou. Ocupando grande espaço em todos os veículos de comunicação, Lula abraça Maluf, diante do sorriso aberto de Haddad, candidato a prefeito de São Paulo. Candidato de ambos, assim ficou acertado. Quem diria. O mais significativo símbolo da ditadura, ao lado de sua mais simbólica vítima. A mais direita das direitas abraçando a mais gritante das esquerdas. Tudo por uns instantinhos a mais de tempo da televisão para conquistar os eleitores sugestionáveis. Lá se foram os princípios, as histórias, as lutas e as tradições, trocadas em um mercado de beira de linha, por meia dúzia de votos, se houver. Então, perguntado pelo locutor se achava o encontro normal, Haddad começou com a célebre frase: “Veja bem...”, usada para conseguir tempo para explicar o inexplicável. Frase que serve para o marido que chega com batom na camisa, para o aluno que tem cola dentro do livro de consulta e para o fornecedor que não quer garantir o produto. Veja bem, cada um vota em quem quer.

Tem lógica. Ou não. Ou, quem sabe?

A cidade de São Paulo acabou com os lixões da Prefeitura na década de 70 do século passado. A figura do catador do lixão é e sempre foi carioca, inclusive nas novelas. O Aterro Sanitário que substituiu os velhos despejos, é na verdade um estabelecimento de deposição de resíduos. Para ser instalado, a área escolhida deve ser preparada, impermeabilizada com mantas plásticas para que o líquido do lixo e das chuvas não contamine o subsolo. A água é recolhida para ser tratada antes de ser lançada nos córregos. Toda a área do aterro é cercada e fiscalizada, para não ser invadida. Você paga por isso, mas não tem queixa. É simples assim, em sua complexa engenharia.

O lixo é depositado, compactado em células e recoberto, em 24 horas, por argila e pedra britada. Os gases gerados, são recolhidos por drenos verticais – canos perfurados de cimento assentados uns sobre os outros – e queimados ou raramente aproveitados, já que este aproveitamento custa muito caro. Nova camada de lixo, mais terra, mais pedra e assim até virar uma montanha, quando então é finalmente desativado, arborizado e isolado do público, porque o local é impróprio para moradia.

O saquinho de supermercado, que embala lixo, é lançado junto com tudo que vai para lá e somente será totalmente degradado em 50 anos. Se comparado com as pedras britada colocadas no aterro juntamente com ele, um tempo insignificante. Se demorar, que mal faz e que poluição causa?

Mas para os supermercados, o negócio é importar da China as sacolinhas “vai e volta” (também plastificadas) e vendê-las em um negócio aplaudido pelos governos mal informados e pelos eco chatos de plantão.

Tem lógica. Ou não. Ou, quem sabe?

Ninguém esquece a exigência do Kit de Primeiros Socorros, exigidos pelas autoridades de trânsito e que geraram um pacote considerável de multas para quem não os tinha adquirido. Até que as autoridades, provavelmente as mesmas, viram a besteira que estavam fazendo e voltaram tudo ao de antes. Não é obrigatório, nem recomendável. Não precisa e nunca precisou.

Tem lógica. Ou não. Ou, quem sabe?

O povo fica indignado quando ouve notícia sobre os salários dos marajás do executivo, do legislativo e do judiciário. Ganham o absurdo e inimaginável, várias vezes maior do que se paga para o mais qualificado dos servidores públicos, o presidente da República. Nos mistérios e segredos que se guardam das folhas de pagamento, não se sabe quantos são, quanto ganham, a não ser em uma ou outra oportunidade em que algum xereta descobrê e fala para todo mundo. Daí surgem as medidas saneadoras que

nunca chegam e que começam com a instalação de um grupo de trabalho. E basta. E fim.

Mas a coisa desta vez não seguiu o modelo. Finalmente os deputados tomaram uma medida enérgica para acabar com o desgaste público gerado pela existência de salários tão altos e que não deveriam, pela Constituição, existir. Estão modificando a Constituição, essa intolerante... A partir da PEC dos Marajás, se ganha tanto quanto se consegue ganhar, acumulando gratificações pagas até pelo esforço que o Servidor despense para respirar. Fim do drama. Ninguém mais reclamar.

Tem lógica. Ou não. Ou, quem sabe?

Um projeto popular acabou se convertendo em lei e teve um nome para comemorar: Ficha Limpa. Aplausos e mais aplausos. Nem bem tinha acabado o eco e já ficou um pouco menor do que se esperava. Somente poderá ser aplicado nas eleições de 2012. Nas de 2010, prevaleceu o princípio do direito (direito?) adquirido. Todo mundo esperou, já que não adiantava vaiar a decisão, porque o assunto estava encerrado. Chegou 2012. Tem mil políticos com histórias não muito aceitáveis sobre o aspecto higiênico, discutindo mudanças o nome de suas mutretas, para passar pelas longas entrelinhas deixadas no processo brasileiro de julgar. Contas não aprovadas pela Justiça Eleitoral, em grau de recurso, procuram mostrar que as doações de empreiteiras não foram doadas, que dinheiro sem origem foi tirado do bolso do candidato, da mamãe, do papai ou do titio. É a redenção dos corruptos e o tumulto da ficha limpa.

Quanto à corrupção, vamos acabar com ela. Ou, pelo menos, exigir que os corruptos abram o capital de seus negócios. Democracia, com democratização da corrupção.

Tem lógica. Ou não. Ou, quem sabe?

O Sindicato Estadual dos Profissionais de Educação do estado do Rio de Janeiro, patrocinou uma paralisação de protesto dos professores do estado, para boicotar o chamado “Saerginho”, um

exame bimestral de avaliação dos estudantes do ensino fundamental e médio. O argumento é de que a prova de medição do aprendizado dos alunos, aplicado comparativamente em todas as escolas, significa a redução do ensino a um sistema empresarial de produção. Como se um sistema empresarial de produção não representasse tudo que se deseja de qualquer atividade: eficácia, eficiência e resultados positivos. Era exatamente esse o objetivo da modificação. Os responsáveis pela educação, preocupados com o baixo nível do aprendizado procurou aprimorar o método de avaliar o desempenho dos alunos e monitorar a qualidade do ensino de cada escola da rede pública. Cerca de 350 mil alunos fazem as provas de português, matemática e ciências, no ensino fundamental. Objetiva também criar nas escolas um sistema de remuneração que leve em consideração e produtividade de cada professor, introduzindo o conceito de meritocracia na remuneração, como se pratica no estado de São Paulo, diferenciando os professores mais esforçados dos outros e remunerando-os melhor.

O sindicato, só vê defeitos. Medir produtividade, não é justiça. São provas que não respeitam o conhecimento adquirido pelo aluno no período nem respeitam o fato de estudantes que ficam sem aulas, por falta dos professores, durante períodos longos. Deve prevalecer a avaliação feita em sala, pelo professor. Ou seja, o professor é quem avalia a sua eficácia na tarefa de ensinar. Não é só isso, Para os sindicalistas, os problemas do ensino se resumem em uma política de valorização do salário do professor, com plano de carreira e data base e, em nenhuma hipótese, diferenciar os professores dentro de critérios de mérito e medição dos resultados.

Greve, para melhorar o ensino. No momento em que quase todo mundo fala que educação é o único caminho para o progresso. O quase da frase anterior, refere-se especificamente a esse sindicato.

Tem lógica. Ou não. Ou, quem sabe?



*Aristides Castelo Hanssen*

## *A Cigarra e a formiga*

A história já é conhecida. Enquanto a formiga trabalhava a cigarra cantava. Ao chegar o inverno, as plantas morreram e, faminta e desabrigada, a cigarra foi pedir abrigo às formigas. A rainha delas a expulsou, com as palavras: “Cantava? Pois dance agora”. Essa é a história que La Fontaine conta. Mas ele não sabe o resto. Eu sei, e vou contar:

Havia entre as formigas uma dotada de grande sensibilidade. Quando, nas tardes cansadas ouvia o cantar da cigarra ficava feliz, esquecia-se da tristeza de viver só trabalhando. Queria parar por um instante para continuar ouvindo, mas as outras formigas que vinham atrás a empurravam. A correição não podia parar. Ao ver a cantora bater à porta do formigueiro ficou feliz, ao pensar que teriam uma boa companhia no inverno. Talvez ela pagasse a hospitalidade com seu canto, e todo o formigueiro ficasse mais feliz. Talvez seu canto despertasse a sensibilidade daquelas pobres operárias, acostumadas ao eterno labor de carregar folhas maiores que elas. A atitude hostil da rainha a deixou triste e revoltada. À noite, sorrateiramente, a formiga sensível saía do formigueiro, levando folhas, fungos e brotos. Levava-os ao esconderijo da cigarra, que com eles se alimentava e se agasalhava. Nessas visitas falava da inveja que sentia, por não saber cantar e voar, e da tristeza da sua vida, sempre a trabalhar, trabalhar, trabalhar..

Quando a Primavera voltou (por que a Primavera sempre volta) a cigarra e a formiga voltaram a seus misteres, a cigarra a cantar e as formigas a carregar folhas e acumular. Mas a cigarra voou até Deus, e pediu que tivesse pena de sua nova amiga, tão generosa. E Deus atendeu-a. Por que a linguagem que Deus entende é a das cigarras, da música, da poesia, da beleza e do amor. Não é a linguagem da usura, da ganância, do acumular riquezas.

Deus não deu voz à formiga, mas deu-lhe asas. Por isso, após as chuvas, bandos de formigas de asas libertam-se do chão e ganham o espaço, em busca do amor.

#### Do aprendiz de poeta ao mestre

Guarulhos, 14 de março de 2011.

Estimado poeta Antonio Frederico de Castro Alves,

Espero que estas mal traçadas linhas o encontrem gozando de saúde, paz e tranquilidade (eu ia escrevendo prosperidade, que besteira) no aprazível lugar onde você está morando, ao lado de Gonçalves Dias, Olavo Bilac, dos maninhos mais novos, Vinícius de Moraes, Drummond e uma plêiade de inspirados gênios. As notícias que envio não são as melhores, mas tudo se abranda com a poesia que está renascendo no País, talvez através de sua inspiração. Não temos a sua eloquência, mas fazemos o melhor possível. A mídia e a indústria cultural nos ignoram, mas fazemos nossos saraus em botecos, associações e espaços públicos, e sempre o lembramos.

Como você sabe, os escravos foram libertados logo após a sua partida, por um decreto imperial da princesa dona Isabel, mas foram relegados à própria sorte. Logo depois foi proclamada a República (que certamente não foi a dos seus sonhos) e os novos pais da Pátria mandaram importar mão-de-obra para embranquecer a raça. Os tolinhos se envergonhavam da negritude

e da caboclice, a maior riqueza do Brasil. É claro que os imigrantes não têm culpa, e muito contribuíram com o País.

Além disso, se misturaram com a gente da terra, aumentando ainda mais a beleza da nossa mestiçagem. Mas o apoio que foi dado a eles podia ser dado aos negros recém-libertos. Ainda há resquícios de ira racial, de ambos os lados, mas o tempo curará, com certeza essa bobagem, por que somos todos irmãos, na alegria e na dor. Negros, brancos, mulatos, cafuzos e todos os representantes amálgama de raças que formam a raça brasileira, sofremos os mesmos problemas. Não somos escravos, mas somos vítimas dos mesmos políticos que, com raras exceções julgam-se acima do Bem e do Mal, e nem disfarçam mais sua malandragem. Fala-se em reforma política. Mas quem ver as figurinhas carimbadas que estão elaborando o projeto não tem como nutrir grandes esperanças no futuro do País. É triste, mas pode ser tema para mais um dos teus candentes e apostróficos poemas condoreiros. Sugiro que você arrume um bom médium e mande brasa. Sem mais, aceite um abraço deste aprendiz de poeta.

PS - Parabéns pelo seu aniversário. Que esta data jamais seja esquecida.

*Folha Metropolitana, 18 de março de 2011.*

## Cachorros

Sol de inverno, sol bonzinho  
 que chega devagarinho  
 depois se instala de vez,  
 depois vem o calorão,  
 como pedindo perdão  
 pelo frio que a noite fez.

Os cachorros vagabundos,  
 depois da noite sofrida  
 felizes, deitam-se ao sol.  
 Não pensam no fim do mundo,  
 no alto custo de vida,  
 no preço da gasolina,  
 na final do futebol,  
 querem o sol simplesmente.

Ao seu lado passa gente,  
 passam todos apressados,  
 fortemente agasalhados,  
 à espera da condução  
 para não perder a hora.  
 O dia-a-dia tem pressa,  
 o sol não lhes interessa.  
 Suas contas atrasadas,  
 suas vidas mal passadas,  
 sua angústia sem socorro.

Ah, se o sol nascesse pra todos!  
 Ah, se fôssemos cachorros!

## Juras

Por você, minha querida,  
 mato e morro sem temor,  
 em holocausto ao amor  
 ofereço a minha vida

Por ti, minha jóia rara,  
 enfrento frios glaciais  
 e florestas tropicais,  
 e o deserto do Saara.

Vou à guerra desarmado,  
 enfrento até o cão danado  
 para contigo viver,

enfrento qualquer perigo.  
 Eu irei falar contigo  
 amanhã, se não chover.

## Livro desfolhado

Velho livro desfolhado  
depois de lido e relido,  
consumido, rabiscado,  
anotações de quem leu,  
como o corpo desvalido  
de alguém que envelheceu,  
vale mais do que um volume  
ricamente encadernado  
em um armário fechado  
para que não manuseiem.

Livros, roupas, objetos,  
dinheiro, gente, projetos,  
só valem se consumidos.  
Livros que não foram lidos,  
dinheiro dos usuários,  
roupa que não é usada  
e homem não solidário,  
não servem, não valem nada.

Só as coisas materiais,  
ficam velhas, desgastadas.  
Idéias são imortais.  
Por isso meu livro velho,  
amarelo, desfolhado,  
tem mais valor, muito mais.  
pois foi marcado e foi lido.  
A velhice, a decadência  
são tributos que se paga  
pelo bem de ter vivido.

## Martelo de Zé Limeira

Eu já vi um jacaré  
dormir vestindo pijama,  
raspei a bunda na lama,  
caí mas fiquei de pé.  
Eu cheguei a ver até  
debaixo da goiabeira  
goiaba mexeriqueira  
falando mal do sanhaço.  
Se quiser eu também faço  
como fez o Zé Limeira.

Quero ver como que fica  
a vida do carrapato  
se ninguém entrar no mato,  
quero ver quem ele pica.  
Eu não sei como se explica  
que depois dessa canseira  
de dormir semana inteira  
ninguém vem me dar o braço.  
Se quiser eu também faço  
como fez o Zé Limeira.

A coisa vai indo mal  
no meu torrão brasileiro  
desde Dom Pedro Primeiro,  
ou talvez desde Cabral.  
Quero saber afinal  
se o culpado da besteira  
é quem fez a bagaceira  
ou quem comeu o bagaço.  
Se quiser eu também faço  
como fez o Zé Limeira..

Água mole em pedra dura  
tanto bate até que molha,  
a pedra não tem escolha  
toda água ela atura.  
Quem roubou a rapadura  
que eu comprei ontem na feira  
vai morrer de caganeira  
só defecando melaço.  
Se quiser eu também faço  
como fez o Zé Limeira.

Zé Limeira repentista,  
foi o poeta do absurdo,  
mas só quem já nasceu surdo  
não gostava desse artista.  
Mas eu, poeta paulista  
inventei esta besteira  
somente por brincadeira,  
para tentar neste espaço  
enganar que também faço  
como fez o Zé Limeira.

### O povo e a praça

“A praça, a praça é do povo”  
disse o poeta condoreiro  
lançando ao Brasil inteiro  
o brado do mundo novo.

A abolição, a República,  
o sufrágio universal.  
Chegou a hora, afinal,  
agora a coisa é pública.

Na era dos vendilhões  
no país já não mais novo  
quem manipula é que vence,

eu pergunto aos meus botões:  
se a praça é do povo  
esse povo a quem pertence?

### Passagem

A vida é um passeio.  
Partir, com alegria  
logo ao romper do dia,  
apreciar paisagens,  
andar e deixar rastros,  
nos rastros a mensagem  
a quem ainda não veio  
mas aqui há de passar.

Levar pouca bagagem,  
um verso, uma flor,  
um coração repleto  
de sonhos e de amor.

Ao chegar à estação  
deixar o coração,  
deixar toda saudade.  
Não é o fim da jornada,  
é apenas a passagem  
do trem da Eternidade  
à próxima parada.

## Vestido de Mim

Tirei a fantasia e saí por aí,  
vestido de mim mesmo,  
fui caminhando a esmo,  
com a mesma alegria  
com a qual eu nasci.

Em meio a toda gente  
eu cantei e brinquei  
e abracei e beijei  
e amei quem eu quis,  
sem culpa, inocente,  
fui louco, fui feliz.

Mas logo a quarta-feira  
amanheceu em cinzas,  
voltei a ser ranzinza,  
triste e utilitário,  
em meio à multidão,  
esse imenso cordão  
de seres solitários.



## Armando Attilio Colacioppo Sobrinho *Tributo à Acadêmica Maria Aurora*

Olá! Maria Aurora  
Já acordou?

Espero que sim e que já se sinta mais aliviada que da última vez que nos falamos...

Prá mim, tudo continua como antes. Aquela Maria Aurora amando a tudo e a todos, achando belas as melodias que te oferecia ao piano e para me incentivar e inspirar ainda mais, sugeria outras que mesmo quase esquecidas, te oferecia e você aplaudia entusiasmada. Sabe Lola, pois, é assim que eu a chamo, carinhosamente desde seus primeiros aninhos. Lembramo-nos de você bebezinho com pouco mais de dois ou três aninhos, algumas vezes se preparando e outras convalescendo de procedimentos cirúrgicos. Mas, sempre você se superava, melhorava e logo “estava pronta para outra”. Mas, você, brava, nunca esmorecia e superou, superou e superou...

Lembramo-nos com saudade da inauguração dos barcos “Maria Aurora e Márcia” em festa “Gaspariniana” no lago do sítio de propriedade da família. O que você podia ter? 8 ou 9 anos, 10 talvez? Mas, isso é tudo muito vivo; isso não acabou e não vai acabar. Nada acabou!...

- A vida continua. Sua memória esta viva e certamente todos nós nos encontraremos com você onde quer que esteja. É só questão de tempo...

- Sabe? – Vira e mexe, quando estou consultando a agenda de telefones do meu celular, lá aparece Lola, seu número e com eles, uma vontade louca de “bater um daqueles papos” que

batíamos como foi no Dia dos Pais de agosto p.p. quando você ligou parabenizando-me, pois, disse que me considerava também como se fosse um 2º pai. Mas, isso não está sendo possível, então, me ligo com você através dos meus pensamentos e preces.

Que bom me lembrar de você ainda juvenzinha, participando de audições-artísticas, em recitais promovidos pelo Conservatório Musical de Guarulhos, onde estudou piano por mais de seis anos.

Nestes últimos tempos em que voltou ao piano, se comunicava comigo e com a Wilma para conseguir partituras que queria “tirar”... e conseguíamos.

- Está tão viva em nossas memórias sua elegância e simpatia, quando recepcionava-nos com seus irmãos, naquele memorável lançamento dos 06 livros simultaneamente na concorrida noite de autógrafos nos salões de festa do Hotel Slaviero.

E no casamento da minha filha Anna Maria (Nina)? – Puxa?

- Vocês estavam “elegantérrimos”, o pai Dr. Gasparino, a esposa Dr.<sup>a</sup> Celina, você, muito chic, elaborada e muito bonita para a cerimônia.

O amigo, José Carlos os acompanhava.

- Tudo isso está vivo; você está conosco!

Tanto está conosco, que um dia destes, o netinho (filho do Gaspar) Rafael atendeu a um telefonema e chamou o vovô Gasparino e disse: É para o Sr. Vovô, é a tia Lola...

- Mais recentemente ainda, em uma recepção em nossa casa o casal Dr. Gasparino, sua esposa Dr.<sup>a</sup> Celina e Lola, cheia de vida, a Maria Aurora “se soltou” em, contar casos, confidenciar casos com minha esposa Wilma (sua amiga querida), cantou, nos divertimos e nos propusermos repetir a dose proximamente, de tão gostosa que foi a reunião...

Lola querida: Podemos te dizer uma coisa?

- Você está mais viva entre nós agora, do que antes.

- Estamos com você a toda hora.

Fique em paz e até...



## Aura Gold

### Histórias de vidas (contos)

#### Comentários (Introdução)

Gosto de ouvir histórias porque assim posso, mesmo que de forma empobrecida, colocá-las em contos e ou poemas para que os leitores encontrem uma empatia entre os fatos ou personagens comparando-as às suas próprias vivências. É isso que faço com a intenção de provocar a reflexão sobre a vida, sobre a humanidade e especialmente sobre a imortalidade da alma. As pessoas se vão, mas as histórias ficam escritas para a geração posterior. A escrita nem sempre é no papel ou nos meios eletrônicos de comunicação mas preferencialmente ficam gravadas no espaço cósmico, infinito e foi assim que todas as humanidades que viveram no planeta, acessaram o conhecimento perdido nos milênios. Quantos poetas, escritores, cientistas, filósofos, físicos e todos os níveis de saber, chegaram a conclusões que hoje são utilizadas para cura, sobrevivência, sobrevida, amor universal e exatamente tudo a que temos acesso e que enriquecem nossa mente e coração. Gostaria muito que todos lessem porque próxima demais está a era da total informatização a que todos deveriam acessar mas que nem sempre é possível pelas condições precárias da Educação propiciada em nossos sistema de ensino. Leiam, escrevam, expandam seu potencial, seja ele qual for, pois certamente vai influenciar beneficemente a alguém, a alguns e é isso que importa.

## Superação

Claudete começou aquele dia com muita disposição. Nem parecia que já havia completado 68 anos bem vividos, data comemorada pela família na semana anterior. Não ligava nem um pouco para o que os outros pensavam dela, cabelos brancos, nada de maquiagem, sempre com sapatilhas ou tênis que a deixavam à vontade. Trazia nos lábios um sorriso constante, cheio de generosidade para com todos. Era uma excelente dona de casa o que a dispensava de ajuda extra pois ela mesma limpava, lavava, cozinhava e ainda costurava as roupas das filhas. O tempo passara pra ela que ainda se lembrava do pequeno Juan, primeiro netinho. Rememorava o tempo em que, de vez em quando, tomava conta do neto de três anos para que a filha pudesse fazer alguma obrigação urgente. O menino, Juan, adorava a avó e não queria saber de ir embora quando ficava com Claudete, que com ele brincava, rolava no chão, dava chocolates, não se incomodava se estava se sujando na grama do jardim brincando com Toby o cão labrador que mais latia e corria derrubando tudo á sua volta que qualquer outra coisa.

A família, o marido Carlos, senhor de 70 anos, aposentado como servidor público, e duas filhas, Aldine e Aline eram o xodó da esposa e mãe. Carlos era um homem simples, sem grandes ambições, mas conseguira com muito esforço e a ajuda da esposa a construir um patrimônio que os deixava confortáveis na idade avançada. Moravam numa bela casa térrea, num bairro considerado de classe alta, possuíam um automóvel zero quilômetro, que quase continuava zero pelo pouco uso que dele faziam. A única reclamação que Claudete tinha a fazer sobre o marido, e que quase todas as mulheres também têm sobre os seus parceiros, era que ele não gostava de sair, viajar, ir a bailes, teatros, etc. Ele fora um homem do campo, criado na fazenda dos pais até a idade adulta, quando resolveu vir pra São Paulo

trabalhar no comércio e construir sua própria independência. Sua intenção sempre fora a de possuir seus próprios bens e constituir uma família, por isso depois de algum tempo na capital viu a dificuldade de elevar seu nível social com a pouca instrução que tinha e resolveu fazer o supletivo noturno. Assim após bastante esforço, sacrificando horas de lazer e descanso conseguiu chegar até a universidade onde concluiu com êxito o curso de Direito. Fez a prova da OAB e ingressou na Ordem começando uma nova etapa de sua vida. Nessa ocasião conheceu Claudete através de um amigo que era namorado da amiga dela e engatou o namoro que culminaria com o casamento, já que os dois estavam enamorados.

Tinha início ali uma nova fase em suas vidas. Claudete era uma moça da cidade criada com carinho pelos pais e adorada pelos dois irmãos por ser a menina da casa e a mais nova. Precisava vencer algumas barreiras, porque naquela época os pais costumavam delegar aos irmãos mais velhos a tutela da mais nova principalmente quando queria sair para passear e dançar. Mas Claudete tinha um ótimo senso de humor e com jeitinho dobrava a vigilância acirrada do irmãos. Maria era sua melhor amiga, desde o tempo do curso primário. Moravam na mesma rua e estavam sempre juntas. Essa amiga teve sempre um papel muito importante na vida de Claudete. Foi através de Francisco, o namorado de Maria, um jovem advogado muito competente e simpático amigo de Carlos desde a Faculdade, que o encontro e subsequente namoro aconteceu. Desde aí começaram a sair juntos, fazer piqueniques, muito comuns nos anos 60, assistir a filmes americanos com Clark Gable, Catherine Hepburn e outros grandes ídolos da época. O almoço de fim de semana na casa da namorada era uma forma de conhecer mais de perto o namorado e as intenções do mesmo. Eles se amavam e assim é claro, se casaram.

Tudo ia muito bem na vida do casal, a felicidade se completava a cada bebê que nascia do amor deles. O primogênito, Artur,

chegou dois anos após o casamento. Era um menino lindo, de olhos azuis como os da mãe, trazendo muita alegria a todos. Três anos depois chegou Aldine, também loura e de olhos azuis. Mais dois anos e vem Aline, essa agora de olhos castanhos como os do pai, e cabelos anelados. Muito trabalho para criar, médico, dentista, escola, aula de danças, aula de inglês, de judô e todas essas atividades que complementam a educação dos filhos até que eles mesmos escolhem permanecer em algumas delas ou fazer coisas diferentes. Mas isso normalmente não acontece antes da adolescência ou da idade adulta. Até lá, o casal se desdobrava para cobrir os custos de tudo sem deixar faltar nada e principalmente a harmonia familiar tão importante para o desenvolvimento do ser humano.

O amor era a mola que movia Claudete porque apesar de alguns contratemplos com a saúde, algumas cirurgias necessárias, a morte dos pais e de um dos irmãos que a deixaram com uma depressão difícil de tratar, ela procurava reagir com coragem e força de vontade sempre apoiada pelo marido. Aldine começou a namorar aos dezoito anos com um rapaz de boa índole, trabalhador embora ainda estudante, mas conseguiram esperar a formatura de ambos para se casarem. Um ano depois nasceu Juan, um lindo menino, que parecia ter sido enviado do céu ao coração da avó que iria sofrer um duro golpe em sua vida. Depois de uma viagem de negócios ao interior, Artur o filho mais velho, viajando de carro, ao chegar em São Paulo pela rodovia dos Imigrantes sofreu um acidente fatal. O carro ficou inutilizado ao ser massacrado por uma carreta que vinha em sentido contrário e atravessou o canteiro de obras chocando-se contra o carro de Artur. Era madrugada, a neblina paulistana densa, dificultava a visibilidade, aconteceu a fatalidade. Em casa de Carlos e Claudete todos estavam dormindo quando toca o telefone que foi atendido por Aline, a caçula que ao ouvir a notícia dada a queima-roupa pela polícia rodoviária, desmaiou. O baque do corpo caído assustou o pessoal que veio

correndo ver o que acontecera. O aparelho telefônico estava pendurado pelo fio e Carlos assumiu o controle pegando-o e conversando rapidamente com o policial. O choque foi terrível, atingindo toda a família tão unida. Claudete entrou em estado letárgico que antecede à depressão profunda e assim iria permanecer por dois longos anos. A tragédia tirou repentinamente a alegria que reinava naquele lar. Carlos envelhecera muito e Claudete também. Foi assim que acabara a pouca vaidade que ela ainda possuía. Vários tratamentos foram feitos, médicos alopatas, homeopatas, alternativos em terapias. Chegaram a classificar como doença degenerativa, Alzheimer, e ela se entregando. Um dia, Maria a amiga querida, chegou ajudou Claudete a se vestir, pegou-a pelo braço e disse que ia levá-la pra fazer algumas coisas.

Foi uma luta. Claudete, desanimada, não queria nada, não se sentia capaz de nada. Mas Maria foi determinista e a levou para algumas atividades patrocinadas pela Prefeitura. Chegaram ao Ginásio e Claudete que sempre gostara de água, fora muitas vezes à praia com os filhos e o marido, entusiasmou-se pela primeira vez depois desses dois anos inertes com o curso de natação; Pronto, Maria já cuidou de tudo. Matriculou a amiga e nos dias marcados ia com ela pra fazer também a natação. Claudete foi mudando de humor, voltando a fazer o serviço doméstico em casa, brincar com o neto. Estava voltando à vida. Descobriu umas amigas que faziam ginástica e coreografia dançante com uma professora e foi procurar pra fazer também. Recomeçou a dirigir, embora a família ficasse um tanto preocupada, mas não quiseram impedir esse movimento que estava fazendo bem pra Claudete. Enfim ela recomeçou seu ciclo vital o que a tornara uma vencedora. E assim foram passando os anos, Aline também casou, o neto Juan, já era um rapaz e ia se formar na universidade e Claudete constituiu um novo núcleo de amizade que muito a ajudou nessa nova caminhada.

Claudete só sentia falta de uma coisa: de contar a sua história a outras pessoas para que tivessem, como ela, e com a ajuda de alguém importante em sua vida, sua amiga Maria e seus familiares, a determinação de vencer qualquer obstáculo e voltar à viver.

Nossas histórias devem ser contadas para incentivar aos que têm problemas, aos que sofrem na materialidade a deixarem para trás as mazelas, olhar para frente, enfrentar e superar as dificuldades agradecendo sempre ao Criador pela nova oportunidade que nos está sendo dada de mostrar que “tudo é possível naquele que me criou e do qual sou pequena chama divina, Deus”.

### Constatação

Abri a porta e um facho de luz intensa brilhou ofuscando minha visão. Não consegui distinguir nada após aquela claridade, só senti um arrepio com a entrada simultânea de um ar frio e úmido. Era noite lá fora e a rua deserta provocava uma estranha sensação de abandono, solidão e mais; o medo do desconhecido. Mesmo assim aventurei-me a dar alguns passos em direção à luz que continuava infiltrando-se na sala iluminando o ambiente e refletindo-se nos cristais que eu mantinha, com cuidado e carinho, distribuídos sobre os móveis. Essas pedras foram chegando a mim em diversas circunstâncias e ocasiões. A maioria eu recolhia ou comprava nos lugares por onde passava em viagem. Outras eram presentes de amigos que sabiam de minha preferência e me mimavam um pouco. Na verdade, desde a mais tenra idade, quatro ou cinco anos, eu gostava de colecionar pedras. As mais coloridas eram as minhas preferidas, depois que conheci suas propriedades e benefícios comecei a selecioná-las por necessidades, sendo o cristal puro a rainha de todas.

É agora, resolvi – vou sair - enfrentar o que vier pela frente. Dizem que para combater o medo só existe uma fórmula certa, ou seja, enfrentando-o (Lygia Fagundes Telles). Foi o que fiz, ou pelo menos achei que estava fazendo. Segui rumo à luz e quiçá ao meu destino. Quanto mais eu avançava parecia que a luz afastava-se obrigando-me a segui-la, Eu não enxergava o chão da rua por estar concentrada no meu objetivo. Em alguns momentos tropecei, mas não fora o suficiente para cair ou fazer-me desistir do meu intento. Continuei e cada vez mais me afastava da porta, da casa, dos cristais. Sem proteção, sem aconchego, sem nada. Naquele momento o que mais me importava era a descoberta, o novo, o desconhecido, o inusitado. Andei durante toda a noite seguindo aquela luz e percebi que, embora ela continuasse intensa, a escuridão da noite se fora, dera lugar à aurora do amanhecer. Não demoraria muito para o sol surgir no horizonte em todo o seu resplendor matutino, pensei. De repente, quase inconscientemente, notei que estava defronte ao mar, aquele mar que tanto me fascina por sua beleza incomparável, que me acolhe em águas mansas ornadas por brancas espumas de pequenas ondas flamejantes. Fiquei em êxtase por instantes de puro prazer diante dessa visão, desse mar que é um dos meus amores. Por segundos esqueci-me da luz que me guiou até ali.

E a LUZ? Agora, ao longe, eu a via refletindo-se no mar azul, volitando sobre a curva distante onde o mar se arredonda como a terra perdendo-se na infinitude onde nossos olhos não alcançam.

A luz me levou ao mar.  
 O mar me leva à alegria, ao prazer.  
 A alegria me leva à contemplação.  
 A contemplação me leva à constatação.  
 A constatação me leva ao PAI.  
 O PAI me leva à fusão do TUDO EM TODOS.  
 CONSTATO; SOMOS UM.

## A ilha

Azul-verde porque te quero azul-verde-mar  
 Iluminando as fibras do meu coração  
 Levantando a eterna bandeira do amar  
 Hoje e sempre nessa contínua vibração  
 Acelerando os sentidos me fazendo cantar  
 Onda vai e vem na areia a se quebrar.

Lá longe ela está a minha espera pra realização  
 Do desejo adrenalínico de uma nova emoção  
 E meu peito em ritmo frenético a acelerar  
 Persiste na fome de intensificar essa paixão  
 Pois a graça me convida a experimentar  
 Essa inédita escalada rumo ao mar

Para enfim qualquer dia até a ilha chegar  
 Meu mar em seus braços como filha a carregar  
 Eu, sorrindo alegre realmente lá quero estar  
 Por alguns momentos de terna melodia  
 Por satisfazer o que sonhei um dia  
 Por vencer o medo do que eu desconhecia.

## O mar

Longa espera para rever um dos seus mais lindos  
 amores  
 Mas vale chegar e logo correr em direção aos seus  
 braços  
 O tempo só conseguiu mais firmar todos esses  
 ardores  
 De alguém que necessita tanto do contato desse  
 ser amado

Jogou as coisas em qualquer lugar e saiu em busca  
 dele  
 Chorou ao rever sua beleza, sua grandeza, sua  
 disponibilidade  
 Saboreou devagar aquele encontro pouco a pouco  
 se aconchegando  
 Levando consigo as mágoas, as perdas, o pranto e  
 nele tudo despejando

Só ele seria capaz de entender todo o doloroso  
 processo  
 De outro ser que como ele abre os braços, o  
 coração para doar  
 Só ele aceitaria receber no colo o corpo sofrido e  
 solitário  
 Daquela que ele nunca deixou de amar, de  
 proteger, de libertar

Ela sorria tanto e tanto, brincava em suas ondas mansas  
Deitava-se confiante em suas águas cristalinas e salgadas como lágrimas  
E se sentia amada, aceita, cheia de vida resplandecente e nova  
Voltava a ser aquela criança que um dia o encontrara e o amara sempre

De uma coisa os dois tinham certeza: nunca poderiam se separar  
Porque aquele amor era maior que tudo, era um encontro único  
Era uma dádiva do grande Pai para ela que sabia não ser a única  
Pois ele era de todos, universal, belo e sedutor.  
Ele era, é e será o MAR.



*Bismael Batista de Moraes*

*A expressão  
"si vis pacem, para bellum",  
numa visão espírita*

#### À guisa de introdução

Dos axiomas ou brocardos medievais até hoje usados, sem raciocinar, por pessoas aparentemente anestesiadas, dois deles - irmãos, ao que parece -, em latim, sempre me deixaram perplexo: "*Si vis pacem, para bellum*" (Se queres paz, prepara-te para a guerra) e "*Qui desiderat pacem, praeparet bellum*" (Quem deseja a paz, esteja pronto para a guerra). Meu Deus! Com que lógica, racionalmente aceitável, alguém que aspire à saúde deve se preparar para a doença? Como se pode conceber, de forma ponderada, que alguém, desejando o *bem*, tenha que se armar para o *mal*?

Qualquer ser humano de bom senso, ou seja, de espírito equilibrado, por certo, sabe que água e fogo, vida e morte, o bem e o mal, são coisas efetivamente distintas, para não dizer diametralmente opostas. Assim também oxigênio e nitroglicerina, embora elementos de Química, mas com finalidades totalmente discrepantes. Por isso, - repetimos -, nós sempre nos sentimos desgastados diante daquelas expressões latinas, do antigo *pensador Vegecio*, muito difundidas por militaristas e armamentistas, bem como - e principalmente - pelos fabricantes dos instrumentos da morte, acompanhados, infelizmente, também por indivíduos interesseiros, exibicionistas e inocentes úteis, anestesiados.

Ensinou Jesus Cristo, nos Evangelhos: *“Conhece a verdade, e a verdade te libertará”*. E recomendou Mahatma Gandhi ao seu povo, na Índia, liberta do jugo inglês pela sua liderança pacífica: *“Crer na verdade, raciocinar na verdade e viver a verdade”*. São pensamentos éticos e válidos para toda a eternidade. Por seu turno, o físico Albert Einstein, em seu livro *“Como Vejo o Mundo”* (Editora Nova Fronteira, Rio), dentre os muitos ensinamentos que nos deixou, três deles merecem destaque, aqui e agora: 1. *“A violência fascina os seres moralmente mais fracos”*; 2. *“A luta pela verdade deve ter precedência sobre todas as outras lutas”*; e 3. *“O Estado deve ser nosso servidor e não temos obrigação de ser seus escravos”*. Guardemos essas lições.

#### Visão moral de um diplomata inspirado

Recentemente, passados 10 anos dos ataques terroristas, de 11 de setembro de 2001, às Torres Cêmeas de Nova Iorque, o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, o diplomata Antonio Patriota, conforme registra o jornal *“O Estado de S. Paulo”* (11-9-2011, p. A-13), acusou, em nome do governo brasileiro, *“as potências militares de tentarem manter ‘velhas práticas’ de tomar decisões pelo restante do mundo, a alerta que intervenções são ‘remédios que podem matar o paciente’*. E afirma: *“A guerra no Iraque e no Afeganistão mostrou os limites do poder militar: nenhum país pode estabelecer sozinho a direção do mundo, nem os mais poderosos, e temos novos atores presentes”*. E, depois de dizer que *“o mundo bipolar acabou”*, citou que, no caso da invasão do Iraque, *“centenas de milhares de civis morreram”*.

Aliás, já em publicação anterior, ao escrever sobre *“Direitos Humanos e Ação Diplomática”* (jornal *“Folha de S. Paulo”*, 1º/9/2011, p. A-3), o nobre Ministro Patriota afirmou: *“Não nos esqueçamos de que o primeiro direito humano é o direito à vida”*, esclarecendo que *“cada vez que a violência se dissemina, as primeiras vítimas são os segmentos mais vulneráveis: as crianças, as mulheres, os idosos, os desvalidos”*. E termina seu artigo, afirmando: *“Não podemos correr o risco de regredir a um estado em que a força militar se transforme no árbitro da justiça e da promoção social”*.

Quem tenha um rudimentar conhecimento do que seja fraternidade e entenda as lições do Cristo – de *“amar ao próximo como a si mesmo”* e de *“não desejar ao semelhante o mal que não quer para si”* nem para os seus -, por certo, já entende que todos os Exércitos dos países da Terra são compradores cativos da indústria mundial da morte! E como nenhum Exército existe para a paz, mas para a guerra, ou, no mínimo, como órgão amedrontador e coercitivo do Estado, deduz-se que, para *“justificar”* essas expectativas, toda a propaganda do militarismo, ou do *“heroísmo de sangue”*, e a indústria desses instrumentos letais agradecem aos políticos anestesiados ou ávidos por dinheiro ou por notoriedade, eleitos com as grandes contribuições dessa indústria e as palmas dos seus donos, espíritos algozes, *“acima de qualquer suspeita”*.

#### Silêncio sepulcral sobre a indústria da morte

A propósito de mortes em guerras, revoluções, golpes de Estado, atentados terroristas, chacinas, assim como nos casos de crimes comuns – lesões corporais, homicídios, roubos, assaltos,

extorsões de toda ordem, e mesmo acidentes com armas envolvendo crianças, há perguntas que, “misteriosamente”, jamais são feitas, nem mesmo em teses científicas, de pós-graduação em Direito, ou em Sociologia, ou em Ciência Política: *por que esse silêncio pernicioso e constrangedor, esse mutismo sepulcral, altamente nocivo aos indivíduos e à coletividade, em relação aos fabricantes de armas, munições e demais apetrechos especificamente destinados à produção de violência, de sequelas, de mortes e de lágrimas? Será que a vida humana vale menos do que as cifras e as políticas armamentistas?*

#### Observações de um premiado com o Nobel da Paz

Em seu artigo “*Rearmamento do Haiti prejudica a paz*”, publicado pelo jornal “Folha de S. Paulo” (11-12-2011, p. A-3), o ex-presidente Oscar Arias Sánchez, da Costa Rica, na sua condição moral de ganhador do Prêmio Nobel da Paz, escreveu que, “*na América Latina, a maioria dos Exércitos tem sido inimiga do desenvolvimento, da paz e da liberdade. Na América Latina, foi a bota militar que pisoteou os direitos humanos. Foi a voz do general que pronunciou as ordens sangrentas de captura contra estudantes e artistas. Foi a mão do soldado que atirou no povo inocente pelas costas. No melhor do cenários, os Exércitos significam um gasto proibido para nossas economias; no pior, uma fonte de instabilidade para nossas democracias*”. E, depois de inúmeros outros argumentos, apontou que os 95 milhões de dólares usados para o rearmamento do Haiti “*deveriam ser investidos em educação e saúde*”. Usou ainda, como argumento, o processo pelo qual passou o seu país, que aboliu as Forças Armadas, e advertiu, ao final: “*será um erro tentar reinstalar o Exército no Haiti*”.

Ao que parece, qualquer pessoa que fala em defender a liberdade e a paz, mas, hipocritamente, “relewa” o poder destruidor das armas e seus fabricantes, é aquilo que os franceses mais sensíveis chamam “*âme puissante a la mort*” (alma afeita à morte), ou seja, é um Espírito obtuso, ainda moralmente atrasado, que se compraz com o sofrimento alheio, como ensina a doutrina espírita. Mas não é o caso do ex-presidente Oscar Arias, da Costa Rica, homem inspirado e de elevados dotes morais, direcionados à paz, com a sabedoria dos Espíritos elevados, como se vê acima.

#### Breve enfoque da Filosofia Espírita.

Aqueles que estudam e pesquisam com seriedade, bem como todos que sabem ouvir e, ao mesmo tempo, fazer bom uso da razão, com certeza, já descobriram que o Espiritismo Cristão é uma doutrina ética. Não é uma invenção ou criação do homem. Foi revelada pelos Espíritos Mentores, através de médiuns psicofônicos e psicógrafos, e codificada em livros, no Século XIX, pelo *mestre francês Hippolyte-Léon Denizard Rivail*, respeitável pedagogo, conhecido pelo *pseudônimo de Allan Kardec*. Defende o princípio da *fé raciocinada* (não apenas decorando e repetindo as lições do Cristo, mas analisando tudo o que se lê, o que se ouve e o que se vê, e exercitando os bons exemplos cristãos). Essa *Doutrina dos Espíritos* envolve os conhecimentos necessários ao progresso da humanidade e tem seus alicerces na *Filosofia* (analisando o pensamento e as ideias), na *Ciência* (trabalhando com a pesquisa, a experimentação e a prova) e na *Religião* (refletindo sobre a verdade, a moral e a fé).

Pois bem. Dos inúmeros ensinamentos espíritas, destaca-se que a moral e o intelecto nem sempre caminham juntos, ou seja, nem sempre se acham no mesmo patamar. É por isso que existem

seres humanos com boa educação formal, com vários títulos, mas de procedimento incorreto e reprovável. Destarte, sendo o ser humano um Espírito encarnado, uma alma habitando um corpo, de modo passageiro (com nascimento, vida e morte física), e sendo o Espírito (que anima o corpo) o ser inteligente da Natureza e eterno, vivendo quantas vezes se fizerem necessárias ao seu progresso e aprendizado moral, em novos corpos (ora como homem, ora como mulher, como negro, branco ou amarelo), logo se deduz haver indivíduo altamente intelectualizado, mas de princípios morais baixos. É comum encontrarmos, nos vários cantos da Terra, pessoas que se servem de seus conhecimentos para pisar sobre os demais, para explorar os menos favorecidos, usar de falcruas para enriquecer de forma ilícita ou se manter em posição de destaque, enquanto muitos morrem ou sofrem, em decorrência de seus atos.

### Lições dos Espíritos sobre a guerra

Em “*O Livro dos Espíritos*”, de Allan Kardec (Edições FEESP, tradução de J. Herculano Pires), obra que é a expressão máxima da *Filosofia Espírita*, no Livro Terceiro, Capítulo IV, no Título III, que trata da Lei (natural) de Destruição, na questão 742, encontramos a seguinte lição: “*A causa que leva o homem à guerra é a predominância da natureza animal sobre a espiritual e a satisfação das paixões. No estado de barbárie, os povos só conhecem o direito do mais forte, e é por isso que a guerra, para eles, é o estado normal*”. E, depois de esclarecer, na resposta à questão 743, que a guerra desaparecerá da face da Terra, “*quando os homens compreenderem a justiça e praticarem a lei de Deus*”, o Espírito Mentor alerta que aquele “que suscita a guerra em seu proveito é o verdadeiro culpado e necessitará de muitas

*existências para expiar todos os assassinios de que foi causa, porque responderá por cada homem cuja morte tenha causado pra satisfazer a sua ambição*”.

### Analisando a busca da paz e um artigo desconcertante

De longa data, temos procurado fazer um proposital questionamento: se todos os indivíduos, pobres ou ricos, analfabetos ou letrados, dos campos ou das cidades, se dizem contrários à violência e à morte por armas e são favoráveis à segurança e à paz, e - mais ainda - dizem defender a democracia, por que a humanidade ainda não alcançou a realização dessa vontade coletiva? Claro: é porque cada ser humano está na faixa moral do Espírito que anima seu corpo, sendo, às vezes, mais adiantado moralmente, noutras vezes, mais atrasado, nas várias encarnações e experiências por que passou. Terá que renascer muitas vezes, para aprender o consenso do bem.

Como se depreende da leitura do Capítulo XX, de “*O Livro dos Médiuns*”, de Allan Kardec (tradução de J. Herculano Pires, Editora LAKE, 23ª edição, SP), a *mediunidade* é um dom concedido por Deus ao ser humano para realizar o bem, mas há Espíritos atrasados que só a empregam para a prática do mal, em decorrência de seus interesses egoísticos e da falta de freios morais, independentemente dos títulos, diplomas e dotes intelectuais que possuam.

Mas, nessa curta análise sobre armas e guerra sob a ótica espírita, surpreendemo-nos com a leitura de um artigo de Daniel Mack, sob o título de “*Armamos Ditadores*” (Folha de S. Paulo, 22-9-2011, p. A-3). Ele nos dá conta de que o nosso país, com sua indústria bélica, exportou pistolas para a Líbia (do ditador Gaddafi); também, para a Argélia, para a Tunísia e para o Egito

(do ditador Mubarak), assim como vendeu 2 milhões de dólares em munição para o Zimbábue (do ditador Mugabe) e 50 mil armas para o Iêmen, além de mísseis para o Paquistão e bombas cluster para a Malásia. E conta, ainda, da venda de quase um milhão de armas para os Estados Unidos e cerca de 30 milhões de munições para o Reino Unido! Observamos, a propósito, que há inúmeras maneiras de progredir e auxiliar a humanidade por meios moralmente defensáveis, mas, ao que parece, a vida humana vale menos do que os interesses egoísticos e grupais dos indivíduos dotados de conhecimento, e em posição de destaque, mas ainda na condição de Espíritos obtusos e vaidosos.

#### Por que devemos nos orgulhar do Brasil...

Orgulhemo-nos do Brasil, porque é um país gigante, cheio de amor, fartura e trabalho, e está sempre de braços abertos para o mundo; orgulhemo-nos do Brasil, porque não mais é chamado pejorativamente de “republicueta das bananas” nem é objeto de gracejos da parte de europeus e norte-americanos; orgulhemo-nos do Brasil, porque, pelo esforço e a perseverança de seu povo, conseguiu tirar mais de 40 milhões de seus filhos da extrema miséria, mostrando-lhes novas perspectivas; orgulhemo-nos do Brasil, porque, desde 1934, garantiu o voto livre às mulheres, que são mães, filhas, avós, netas, esposas, tias e sobrinhas desses homens vaidosos; orgulhemo-nos do Brasil, porque, após mais de um século de dívida e subserviência a potências estrangeiras, é, por fim, credor de seus credores; orgulhemo-nos do Brasil, porque, depois de dois longos períodos de ditaduras, - com a perda de vidas e de liberdade de tantos mártires - hoje, respira democracia; orgulhemo-nos do Brasil, porque, ao tempo em que existem países com mulheres ainda em estágio de escravidão, 52% das brasileiras já são eleitoras e 57% da população

universitária são do sexo feminino; orgulhemo-nos do Brasil, porque recebe e convive fraternalmente com pessoas de todos os cantos da Terra, interna e externamente, sem choques de qualquer natureza; orgulhemo-nos do Brasil, sem menosprezar as demais nações do mundo, porque ele é, efetivamente, “o coração do mundo e a pátria do Evangelho”; mas, não nos orgulhemos do Brasil e, sim, oremos às falanges do bem em seu favor, porque ele é, também, mais um fabricante de armas que se prestam à violência e à morte!

#### À guisa de conclusão

Finalmente, devemos relembrar a existência de um ensinamento cristão que manda não desejar ao semelhante aquilo que você naturalmente não quer para si mesmo. Ora, se eu quero a amizade de alguém, devo ser amigo desse alguém; se eu quero reconhecimento pelos meus atos, eu também devo reconhecer o valor do semelhante; se eu não quero ser maltratado, eu não devo maltratar o semelhante; se eu não quero ser ferido, eu não firo o semelhante; se eu não quero ser humilhado, eu não devo humilhar o semelhante, e assim sucessivamente. Da mesma forma, se eu quero ser um médico, eu devo estudar Medicina; se eu quero ser engenheiro, devo estudar Engenharia; se eu quero ser cozinheiro, devo aprender os segredos dos temperos e da cozinha. Igualmente, se eu quero paz, devo me preparar para a paz, aprender a ser pacífico, como recomendou o Cristo, e não me preparar para a guerra e me armar até os dentes. Logo, a expressão “Si vis pacem, para bellum”, (se queres paz, prepara-te para a guerra), é totalmente contrária ao bom senso, à harmonia, à fraternidade, ao diálogo, ao sentimento cristão; é própria dos Espíritos ainda selvagens e insensíveis!

Que as luzes divinas clareiem nossas mentes e que os Espíritos da paz inspirem as pessoas de bem a se oporem aos mercadores da violência, dos crimes e das guerras. Muita paz.

### Estado, sociedade, ética, direitos humanos e segurança pública (um resumo)

#### Criação do estado

Desde que o ser humano notou que era um animal dotado de razão, partindo do conhecido para o desconhecido, entendeu que não devia continuar guiado pela “lei do mais forte”, nem submetido à vontade de um semelhante despótico e insensível. Precisava de um sistema coerente e sustentável para o convívio social. Do pensamento do ser humano nasceu a entidade detentora de todo o poder e com a finalidade de lhe servir, o Estado, a sociedade maior, superior a todas instituições sociais. E o Estado, para ter soberania e independência entre seus pares, requer *um território* (área física, compreendendo terra, mar e ar), *um povo* (sua coletividade pública) e *um governo* (órgão dotado de poder jurídico para administrar). Se lhe faltar um desses elementos, já não se pode falar de Estado independente e soberano.

E, como ensina o professor Dalmo de Abreu Dallari, da USP, no seu “Elementos de Teoria Geral do Estado” (Ed. Saraiva, SP, 1993, p. 128), “o Estado Democrático moderno nasceu das lutas contra o absolutismo”, mostrando, a seguir, os pontos fundamentais que formam a síntese dos “princípios que passaram a nortear os Estados, como exigências da democracia: a supremacia da vontade popular; a preservação da liberdade; e a igualdade de direitos”. E finaliza, ao tratar da transformação do

Estado na busca por esses princípios: “A preocupação primordial foi sempre a participação do povo na organização do Estado, na formação e na atuação do governo, por considerar implícito que o povo, expressando livremente sua vontade soberana, saberá resguardar a liberdade e a igualdade”.

Enfim, o Estado decorre de uma “associação política” que, na lição de Jean Jacques Rousseau, em sua obra “Contrato Social”, tem por finalidade “a conservação e a prosperidade de seus membros”.

#### Conceito de sociedade

O conceito de Sociedade é muito abrangente. Os sociólogos disso se encarregam, mostrando a união dos indivíduos, desde os primeiros tempos, para sua proteção e sobrevivência. Com ela, todos aprendem e, de alguma forma, também ensinam, numa forma de auxílio mútuo. É o agrupamento de indivíduos que se dispõem a viver por meio de normas comuns a todos, embasados em relações recíprocas.

Observe-se que o ser humano, do nascimento até a morte física, se sujeita a duas formas de sociedade: a família e o Estado. Da primeira, ele pode sair na maioridade, ou até antes dela – pela emancipação legal, pelo casamento, até para formar nova família. Porém, ninguém jamais se desliga da Sociedade chamada Estado. Durante toda a vida, é por ele protegido, mesmo depois da morte, pois sua honra pode ser defendida juridicamente, e até seus restos mortais são resguardados pela lei penal, que pune o vilipêndio de cadáver! Onde estiver ou para onde for, em qualquer parte da Terra, o indivíduo estará sujeito às regras estabelecidas pelo Estado para toda a sociedade.

Assim, podemos afirmar que a forma mais requintada de sociedade que se conhece é o Estado, criado para manter o equilíbrio e realizar a justiça no seio na coletividade que o compõe. Daí por quê o Estado Democrático de Direito, avesso a todo tipo de despotismo e de ditadura, e no qual “o poder emana do povo e em seu nome é exercido”, é o modelo que mais se afina com a justiça social e o respeito às garantias individuais.

### Elementos de ética

O estudo do procedimento ideal, ou o mais alto conhecimento do Bem e do Mal, da sabedoria no viver, é o que se chama Ética, na visão do filósofo Sócrates. Ética representa a linha de comportamento ideal do ser humano. Já para o filósofo Platão, Ética é o estudo e a prática das idéias, nas atividades individual e social. Para esse filósofo, a Harmonia, como virtude, se faz com sabedoria, fortaleza, temperança e justiça, que levam à felicidade, supremo Bem. Na lição do filósofo Aristóteles, Ética é o elemento pelo qual o ser humano visa à felicidade, dependendo do desenvolvimento de cada indivíduo no exercício da razão e da inteligência. E, para esse filósofo, a verdade mais alta é Deus, para adquirir-se a felicidade.

Por outro lado, Ética, com base na Lei Natural, ou Lei de Deus, ou Lei Moral, tem sua medida estabelecida pela Justiça Divina: a pessoa não deve fazer ao semelhante aquilo que, naturalmente, não deseja para si.

Pode-se falar, ainda, da Ética Profissional como o conjunto de princípios pelos quais o indivíduo deve orientar o seu procedimento na profissão que exerce. É uma prática que cuida dos deveres do ser humano diante do semelhante e, mais particularmente, de agir com retidão. Tem-se, também, Ética Policial que representa, em síntese, o conjunto de todos esses

princípios que exigem de cada integrante dessa carreira o dever moral de cumprir a lei e atuar com probidade, ser digno no mister que a Administração lhe confia, sempre no interesse da coletividade.

Ética, enfim, é o ramo da Filosofia que trata da essência, da origem e do caráter da Moral; cuida, em suma, da consciência moral e do livre arbítrio.

### Breves notas sobre direitos humanos

O saudoso professor Washington de Barros Monteiro, que iniciou sua vida jurídica como Delegado de Polícia, em 1931, depois aprovado como Juiz de Direito, chegando a Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, e que foi Catedrático de Direito Civil da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco (USP), no seu “Curso de Direito Civil”, Parte Geral (Edição Saraiva, SP, 1973, p. 59), ao tratar do “Começo da Personalidade Natural”, com base no Direito Romano, leciona: “Perante o nosso Código, qualquer criatura que provenha de mulher é ente humano, sejam quais forem anomalias ou as deformidades que apresente... Ao inverso, não é ser humano, para efeito de se investir de direitos conferidos pela legislação civil, criatura que não provenha de mulher, ainda que dotada de características humanas...”.

Disso decorre que, seja bom ou mau, malvado ou piedoso, “santo” ou “demônio” na linguagem popular, tenha matado um ou matado dez, seja primário ou reincidente específico etc, o indivíduo, masculino ou feminino, é sempre ser humano, porque nasceu do ventre de mulher e, portanto, é alcançado pelos DIREITOS HUMANOS, E não será a vontade deste ou daquele indivíduo, desta ou daquela autoridade, que lhe cassará esse DIREITO INDIVIDUAL, esse direito de ser tratado como SER HUMANO, com a dignidade que lhe faltou ao praticar o crime.

Quem desconhecer essa realidade não pode se dizer estudioso e muito menos agente público – federal, estadual ou municipal.

Embora seja assente aos pesquisadores que “nenhuma lei é perfeita se não se aproximar da Lei Divina, da Lei Natural”, sabe-se, por outro lado, que “direito humano” é o direito criado pelo homem, com naturais falhas decorrentes dos seus costumes; portanto, o “direito humano” contrapõe-se ao “Direito Natural”, pois este é imutável e se funda numa “idéia superior de Justiça”, a Justiça Divina, eterna e imutável, sem os percalços dos vícios e das mudanças dos costumes humanos.

O conceito de Direitos Humanos evoluiu, desde as lutas contra os déspotas da Idade Média, chegando ao grande documento básico nascido das idéias da Revolução Francesa de 1789: “Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão”. Assunto discutido pelos estudiosos liberais, em vários congressos mundiais, foi objeto de inúmeros pactos entre nações civilizadas. Dentre esses documentos, destacam-se a “Carta das Nações Unidas”, de 1945; a “Convenção Contra a Tortura e Outros Tratamentos ou Penas Cruéis, Desumanas ou Degradantes”, de 1975; a “Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher”; a “Convenção Interamericana de Direitos Humanos (Pacto de San José da Costa Rica”, e tantos outros documentos internacionais dos quais o Brasil e inúmeros países são signatários, estabelecendo-os em suas Constituições e leis internas. (Por exemplo, muitos dos direitos e garantias firmados nessas Convenções Internacionais, hoje, acham-se na Constituição da República Federativa do Brasil, especialmente no artigo 5º e em outros tópicos da mesma Carta).

Podemos aproveitar do livro “Direitos Humanos Fundamentais”, do professor Alexandre Moraes, (Editora Atlas, SP, 1997), para definir a matéria como sendo o “conjunto institucionalizado de direitos e garantias do ser humano que tem por finalidade básica o respeito a sua dignidade, por meio de sua

proteção contra o arbítrio do poder estatal e o estabelecimento de condições mínimas de vida e desenvolvimento da personalidade humana”.

### Segurança pública, uma síntese

Afinal, o que é SEGURANÇA, senão a qualidade do que é seguro, garantido, confiável, à prova de choques e intempéries? E o que significa SEGURANÇA PÚBLICA? Será o conjunto de atividades públicas (federais, estaduais e municipais) destinadas à proteção de cada indivíduo e de seus direitos na sociedade, ou será a segurança promovida por órgãos governamentais, apenas, em contraposição àquela fornecida por órgãos privados ou particulares? O ensino universitário, efetiva e seriamente, estuda e esclarece o que vem a ser SEGURANÇA PÚBLICA? Basta ser policial, promotor, juiz, coronel ou general, para saber o que seja SEGURANÇA PÚBLICA? Não é esta uma atividade eminentemente estatal (pública, por excelência, federal, estadual e municipal), para resguardar as garantias individuais e coletivas, a fim de que seja mantido o equilíbrio social?

Embora a SEGURANÇA PÚBLICA - para a prevenção dos delitos, decréscimo da violência e diminuição da criminalidade, preservando a ordem pública, a incolumidade das pessoas e do patrimônio – tenha sido instituída como “DEVER do Estado” (art. 144 – caput), e sendo o Estado Democrático moderno formado por Três Poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário, cada qual com sua estrutura), “e RESPONSABILIDADE DE TODOS”, não parece estranho que somente a Polícia, (que é órgão de 3º escalão e sem garantias constitucionais), seja cobrada pelo EXERCÍCIO desse nobre mister e responda pelos bens maiores da população (vida, integridade, honra, liberdade, segurança, patrimônio etc)? Alguém já fez essa exegese?

Como Deus e Polícia são as palavras a que mais se recorre, em todas as partes do mundo, nos instantes mais difíceis e graves da vida, e sendo que Deus só existe na fé de uns poucos, verifica-se que, nos dias e horários mais ingratos, quando as demais repartições públicas e privadas, em regra, estão fechadas, sobra apenas a Polícia – gari e oxigênio da sociedade. Logo, SEGURANÇA PÚBLICA, que deveria envolver outras políticas estatais e ser estudada com maior seriedade, ainda é realizada somente pela Polícia, nos níveis federal, estadual e municipal.

Bismael B. Moraes é advogado, Mestre em Direito Processual pela USP, foi Presidente da Associação dos Delegados de Polícia do Estado; é membro da Academia Guarulhense de Letras e autor, dentre outros, dos livros *Estado e Segurança diante do Direito* (Editora Revista do Tribunais/SP) e *Mensageiros Amnésicos e outros temas ante o Espiritismo* (Editora IBRASA/SP); pertence à União dos Delegados Espíritas do Estado de São Paulo e é trabalhador do Centro Espírita Ismael, bairro do Jaçanã, SP - Capital (filiado à FEESP sob nº 183). E-mail: bismoraes@uol.com.br



Clovis Domingues

Homenagens

AO GRANDE AMIGO  
DOM LUIZ GONZAGA BERGONZINI  
Bispo diocesano de Guarulhos por duas décadas

Muito já se falou e muito também já se escreveu sobre esse homem santo que passou pela nossa cidade fazendo o bem e dando testemunho verdadeiro de cristão (*aquele que segue o Cristo*) por duas décadas.

Luiz Gonzaga Bergonzini, natural de São João da Boa Vista, interior de São Paulo,

\*20/05/1936 +13/06/2012, desde cedo dedicou sua vida à causa do Senhor em harmonia com o projeto maior e viveu sua vocação com todo ardor.

Tenho muito a escrever sobre meu amigo que partiu defendendo a vida até os últimos momentos, numa luta que ecoou em nossa cidade e talvez, até com mais força, em outras paragens distantes, pelo mistério conhecido de todos de que “*santo de casa não faz milagre*”.

Nossa proximidade deveu-se ao engajamento pastoral paroquial e diocesano por muito tempo e pela partilha de alguns pensamentos em sintonia, na busca e conquista de uma Igreja comprometida com o projeto do Senhor, na pessoa de Jesus Cristo. Muitas confidências foram feitas e sempre guardadas com respeito

mútuo e assim entregávamos nas mãos d'Aquele que realmente, pode compreender com profundidade as fragilidades humanas e, de alguma forma, transformá-las.

Não foram poucas as vezes que partilhamos preocupações e sempre com a confiança no Senhor da história.

Louvo a Deus por essa preciosa vida e pelo convívio com ela que me foi permitido.

### Um novo bispo para Guarulhos

Com a saída de Dom João Bergese, primeiro Bispo da Diocese de Guarulhos, para a cidade de Pouso Alegre em Minas Gerais, muitas especulações eram feitas sobre quem seria o futuro bispo e até existiam vários padres locais que esboçavam secretamente o desejo de serem indicados, pela relevância de serviços prestados a esta cidade no plano pastoral e social.

Vivíamos um momento que é quase normal acontecer, pois são muitos padres com capacidade intelectual e pastoral e não é fora de cogitação esse fato.

Entretanto, uma surpresa estava preparada para a cidade e foi indicado, pelo Santo Padre o Papa João Paulo II, um padre de São João da Boa Vista, o Padre Luizinho como era conhecido e que ali trabalhava desde sua infância e juventude.

Logo no início deu para perceber sua simplicidade cativante e as pessoas que tinham oportunidade de com ele estar tinham só boas impressões. Era um pastor que queria ouvir e conhecer as pessoas e os serviços, e assim foi se identificando com o seu rebanho.

Em pouco tempo adaptou-se à nossa realidade e com o auxílio, primeiro de Jesus, o Bom Pastor, depois do clero e dos leigos engajados foi desenhando uma Igreja que continuava as coisas

boas e tentava introduzir outras como o Seminário Diocesano nos diferentes estágios. Também foram surgindo novas paróquias e comunidades, aumentando assim a importante prestação de serviço da Igreja em nossa cidade.

### Equipe diocesana da Pastoral da Comunicação

Como já pertencia à equipe diocesana da Pastoral do Batismo, até antes da chegada de Dom João Bergese, o primeiro bispo, tive o privilégio de partilhar com Dom Luiz muitas reuniões na busca da implantação das equipes pascoms, pastoral ainda desconhecida de muitos, nas paróquias e também incentivar providências na área da comunicação para a diocese de Guarulhos. Assim foram dados alguns importantes passos e o bispo diocesano, sempre presente, mesmo com tantos compromissos, em todas as oportunidades, dando sua palavra e seu apoio.

Em 1996 em companhia de D. Luiz e do padre René, foi possível dar início à Folha Diocesana. Era uma reunião preparada para algumas pessoas que tinham sido convidadas para esse passo, mas só aparecemos nós três e a partir desse encontro começou a acontecer a comunicação diocesana através da escrita, o jornal da diocese.

Também se falou muito nessas reuniões sobre a necessidade de um site e outras iniciativas, mas demorou um pouco para que acontecessem tais desdobramentos. Talvez isso acontecesse pelos poucos recursos e a prioridade do Seminário e construção de vários prédios nos bairros mais retirados, ou até pela pequena visão de outros que poderiam ajudar a abreviar a chegada de meios tão necessários em nosso tempo.

Com sua visão de pastor e de jornalista talvez sofresse com a demora, pois sabia da necessidade dessas conquistas, mas dele não se ouviu reclamação e com paciência as metas foram sendo atingidas.

A equipe diocesana, por ele assessorada, começou a procurar alguém para ser correspondente da Rede Vida de Televisão em nossa cidade e por vários meses ficou em aberto essa prestação de serviço. Em conversa a título de reflexão desabafei que tínhamos de aproveitar a oportunidade e, com surpresa, ele falou-me em tom de decisão: "Porque não fica o senhor mesmo"? Ao que respondi que iria pensar e esse tempo pouco demorou. Tomei a decisão e, mesmo com alguns comentários pejorativos sobre a grade da emissora e o formato do telejornal, permaneci alguns anos como correspondente diocesano da emissora, dando notícias todos os dias sobre a diocese. Notícias essas que eram quase sempre garimpadas, pois usando de circulares e até de pedidos pessoais as notícias não chegavam se não se fizesse dessa forma.

Dom Luiz foi sempre parceiro e atendia aos pedidos para as notícias e até para as gravações, pois sabia da importância da comunicação. Difícil era que todos também entendessem e ajudassem.

### Lançamento do primeiro livro

No ano 2001, quando faleceu minha primeira esposa, me atrevi a lançar um livro de pensamentos, assertivas e orações e comentei com Dom Luiz solicitando o seu aval, como bispo diocesano. De pronto, pela amizade e convivência, sem nada perguntar, concordou e se colocou à disposição para dar uma olhada. Assim foi feito. Numa tarde lhe telefonei e perguntei se poderia ir até sua casa, o que também atendeu e convidou-me

para ir até lá. Ao chegar conversamos muito enquanto ele ia passando página por página e até comentando alguma coisa.

Sempre dei muita importância aos livros com autorização eclesiástica e isso foi a realização de um sonho, sonho esse que se repetiu em vários outros lançamentos.

Quando do lançamento na Bibliotecal Monteiro Lobato, no centro da cidade, impossibilitado de estar presente, enviou-me uma carta justificando sua ausência e se congratulando pelo momento. A carta foi lida pelo meu querido irmão Valdir e todos tomaram conhecimento do tipo de Pastor que era D. Luiz.

Como cultura que foi criada, em meus lançamentos, sempre convidei parentes e amigos para partilhar com todos esses momentos especiais que são vividos quando se lança um livro. Muitos, por diferentes motivos, não conseguem marcar presença, mas Dom Luiz sempre esteve, ou procurou prestigiar com sua presença e sua fala os meus lançamentos, e toda essa história temos registrada em fotos e vídeos.

No lançamento do livro *Poema Maior*, orações em versos para todos os momentos, não só esteve presente, mas foi o autor do prefácio que entre outras assertivas tem esta que me orgulho e que faço votos para todos perceberem a profundidade. "*O autor deste livro mostra que podemos e devemos nos unir a Deus pela oração em qualquer circunstância de nossa vida, transformando-a em contínua oração... em felicidade*".

### Um blogueiro com muita fé na vida

Muitos encontros e muita vida partilhada que só enriqueceram aqueles que tiveram e aproveitaram as oportunidades dessa convivência tão querida.

Impossível relatar, o que esse bom homem encaminhou, coordenou e viveu nas duas décadas que esteve conosco em Guarulhos. Mais ainda, o que fez durante sua caminhada de vocacionado a partir de São João da Boa Vista, sua terra natal.

Com o tempo foram chegando meios, com a evolução tecnológica, que Dom Luiz não deixou sem dar sua resposta, mesmo enfrentando dificuldades de saúde, e nos últimos tempos se transformou num blogueiro especial. Um blogueiro para lutar em prol da vida.

Para se ter uma pálida ideia da grandeza desse blogueiro é só relatar que mesmo hospitalizado fazia, de sua cama as mensagens e conversava sobre a necessidade de continuar a luta.

Hoje, depois de sua morte, muita gente, nas redes de comunicação, fala da sua atuação e tenta seguir seus passos, tal foi o alcance de suas investidas na busca de vida para todos.

Certamente, quem sempre o admirou, como o nosso caso, rende graças a Deus por essa vida preciosa e pelo seu trabalho, por sua vocação e por sua missão.

### A despedida

Como praxe da Igreja, ao completar 75 anos fez a comunicação ao Santo Padre o Papa e colocou à sua disposição o cargo de Bispo de Guarulhos, continuando, enquanto não fosse feito o retorno oficial, nos seus compromissos diocesanos.

Entre tantas coisas que fez nesse período, programou e realizou visitas às paróquias (matriz e comunidades) como bom pastor zeloso por suas ovelhas.

Em nossa comunidade eclesial (São Judas Tadeu, Apóstolo e Mártir dos bairros Alto Macedo e Bom Clima) ele esteve no dia

28/05/2011, quando presidiu a Santa Missa e conversou com todos, sempre solícito e alegre.

### Uma doença sem susto

Quando soubemos da sua doença e internação ficamos tranquilos, pois já haviam acontecido outras tantas e a superação era certa.

Quis porém o Senhor da Vida, chamá-lo, e assim como servo obediente caminhou ao encontro d'Aquele que foi sempre a razão do seu viver, após um "bom combate" encerrou sua carreira.

Meu amigo, nosso amigo, descanse em paz. Amém.

### ACADÊMICOS

No número anterior (2011) desta revista, por imperícia ou desencontro da editora não me foi permitido incluir nas homenagens prestadas aos confrades e confrreira que partiram nos meus dez anos de sodalício essas duas lembranças tão importantes para toda a AGL.

Aproveito desta oportunidade para tentar diminuir a decepção de não vê-los juntos aos outros homenageados de 2011 e registro, com poucas palavras, o passamento e algo de suas vidas acadêmicas em nossa AGL.

### MARIA AURORA JOSÉ ROMÃO

Nossa amiga confrreira Maria Aurora José Romão passou pela AGL como passa uma luz deixando em sua passagem o clarão confortador de uma vida breve, mas resplandecente.

Sua posse já não foi possível na data marcada por dificuldades de saúde e por isso foi realizada, posteriormente, em plena reunião ordinária do sodalício.

Seu juramento e seu discurso, como a praxe da AGL, foram acompanhados e aplaudidos por todos como acolhimento e saudação de boas vindas.

Filha do fundador da AGL, Academia Guarulhense de Letras, o confrade Gasparino José Romão, Maria Aurora comparecia, sempre que possível, na companhia do pai, encantado com sua presença.

Foram poucas as reuniões abrilhantadas por ela, porém nessas poucas vezes participou ajudando nos trabalhos, interferindo e dando opiniões ouvidas e respeitadas por todos.

A poetisa Maria Aurora, como era chamada, além da herança genética da família Romão possuía uma sensibilidade própria das pessoas amantes da vida e de seus desdobramentos.

Com alguma dificuldade de saúde enfrentava tudo com disposição e fé no Deus da vida e vivia na esperança de um mundo melhor.

Foi com grande preocupação que ouvimos em nossa reunião mensal o confrade, Maestro Armando Colacioppo, avisar que o confrade Gasparino passava por um momento muito difícil na expectativa de uma difícil cirurgia que sua filha Aurora, estava sofrendo e que pedia as orações de todos.

Foram poucos dias que nos separaram da notícia que ninguém queria ouvir e o falecimento entristeceu a todos os acadêmicos que foram surpreendidos pelo infausto acontecimento.

Os mistérios da vida e da morte são presentes durante toda a nossa travessia e nos surpreendem mesmo assim, pois o amor à vida, e a vocação à felicidade nos fazem gente de esperança por dias melhores, e quando acontece a separação física de entes queridos, parentes ou amigos abre-se uma lacuna em nossa

história e para preenchê-la precisamos, com os olhos da fé, vislumbrar algo mais que nos conforte e nos ajude a continuar.

“Aurora vive, como vivem tantos queridos e queridas que já partiram. Passa o tempo e não os alcançamos com o nosso tato, porém nunca nos deixam, são presenças que continuamos a sentir e a amar no profundo do nosso ser. Nosso Deus é o Deus da vida e nos partilha da sua vida que é eterna. Aos nossos frágeis olhos carnis não é permitido, mas aos olhos da fé o espetáculo da vida continua”.

“Uma passagem, como já relatamos, breve e luminosa, não perde nunca o seu brilho, mas sim, multiplica-o, brilhando também em outros lugares”.

Maria Aurora José Romão  
Descanse em paz

## ORLANDO DEL GILIO GILI

Durante alguns anos, nos lançamentos de livros e nas festas anuais da AGL, lá estava um senhor de barba branca com alguns papéis contendo poemas de sua autoria. Sua presença era notada e alguns escritores davam-lhe atenção e também lhe dirigiam elogios. O senhor de idade avançada tinha alegria em estar presente nesses momentos porque trazia durante a sua longa vida histórias que havia transformado em poemas que provavam sua aguçada sensibilidade.

Pois bem, tudo isso não era suficiente para um convite especial do sodalício. Precisaria se candidatar após a publicação do edital que a AGL prepara todos os anos e esperar a avaliação da comissão interna formada com essa finalidade, e, se escolhido, passar a fazer parte da Academia.

Assim ocorreu em 2009. A inscrição foi feita e no tempo certo apresentada em reunião para ser avaliada. Não faltaram palavras de reconhecimento pela perseverança e qualidade daquele senhor de mais de 90 anos. Foi aprovado por unanimidade e comunicado para a posse em dezembro do mesmo ano.

A posse foi um momento singular, pela dificuldade natural da idade e por suas palavras proferidas com emoção compartilhada com os presentes.

Estava realizado o sonho do confrade Orlando e ele passou a ser o decano do nosso sodalício.

Embora por pouco tempo, tive a oportunidade de lhe dar carona após algumas reuniões e conversamos sobre família e escritos, sobre alegrias e tristezas e muito sobre as limitações que a idade avançada provocava. Posso dizer que cresci um pouco mais com suas experiências e a facilidade que tinha em declamar os versos por ele compostos. Ao chegar a sua residência, no bairro de Vila Augusta, vinha-me uma preocupação de deixá-lo descer e encaminhar-se até o portão e dava-lhe muitos acenos de até logo.

Durou menos de um ano essa alegria de tê-lo ali sentado em nossa reunião mensal, feliz e realizado. Nem conseguiu participar da próxima festa de fim de ano preparada pela AGL. Um acidente (atropelamento) precipitou aquilo que já parecia iminente. Faleceu aos 93 anos e o que ouvimos seguidamente foi a frase: *“Ele realizou seu sonho, partiu feliz”*.

Do seu livro *Gotas de Orvalho* publicado por Gerúndio Edições:

Muitos prazeres tive nesta vida,  
muito lutei na minha mocidade.  
Hoje sereno vivo num cantinho,  
relembrando o passado com saudade.

Com a licença de todos, quero introduzir nestas homenagens um preito de saudade ao meu querido irmão Marcos Antonio Domingues

Quando estava concluindo esta pequena participação anual na revista da querida AGL, Academia Guarulhense de Letras recebi a notícia do infausto acontecimento do falecimento de meu irmão, caçula dos treze filhos de Manuel Domingues e Laura Fernandes Domingues, meus queridos pai e mãe.

Como minha tarefa também neste ano é falar sobre a dor da separação dos nossos queridos e queridas e também da fé na vida que continua, pensei registrar aqui também esse momento que nos causou uma surpresa dilacerante.

Marcos tinha apenas 62 anos e uma multidão de conhecidos e amigos que fizeram questão de estar presente ou mesmo à distância, falando tantas coisas boas desse meu querido irmão.

Sou testemunha, lembrando até do seu nascimento, de preocupações partilhadas e projetos de bem que ele nutria e fazia realidade em sua vida, sua família, seus amigos clientes e tantos desde sua infância vivida no bairro da Ponte Grande.

Sua presença amorosa sempre era uma marca, brincando ou falando sério, respeitava a todos e com todos convivia em paz.

Não é possível contar aqui quantas histórias que vivemos, mas posso deixar registrado o meu amor e o meu reconhecimento pelo querido irmão que você sempre foi.

Agradeço a Deus pela tua vida vivida com a boa direção e o respeito às nossas origens que foram sempre norteadoras da tua travessia.

Meu querido irmão Marcos Antonio Domingues, até breve, um dia a gente se encontra.

*Agradeço a todos os leitores que partilharam comigo esses momentos de muita dor pela separação física de entes queridos, mas que também, alimentados pela fé na vida que continua, continuam comigo em oração.*



*Espedito Pinheiro de Souza*  
*Responsabilidade civil*  
*do Estado*

**Considerações iniciais**

O presente “Artigo” abordará, de forma sucinta, um assunto que julgamos interessante à vida de todos os cidadãos, especialmente para os operadores do direito, que, regra geral, também são leitores assíduos da Revista da Academia Guarulhense de Letras – AGL, que, no dia-a-dia procuram estar bem informados, não apenas através de poesias e contos, mas também com temas Político-Jurídicos atuais.

Trataremos, com base na doutrina nacional, assim como na nossa experiência no exercício da docência superior, na área do Direito Administrativo, objetivando levar ao conhecimento dos cidadãos acerca da Responsabilidade Civil do Estado, assunto, a nosso ver, de suma importância para as lides diárias dos Agentes Públicos, na sua relação com o Estado Democrático de Direito.

Assim, de forma clara e objetiva, procuraremos tratar do referido tema sob o aspecto doutrinário, tomando por base aqui, sobretudo os ensinamentos contidos nas obras dos mais renomados administrativistas pátrios, arrolados na bibliografia deste modesto trabalho.

### Conceito

É a obrigação que se atribui ao estado de recompor os danos causados a terceiros em razão de comportamento unilateral comissivo ou omissivo, legítimo ou ilegítimo, material ou jurídico, que lhe seja imputável.

### Fundamento

É o princípio da distribuição igualitária do ônus e encargos a que estão sujeitos os administrados. Exemplo: se o serviço ou obra é de interesse público, mas, mesmo assim, causa dano a alguém, toda a Comunidade deve responder por ele, e isso se consegue através da indenização. Para tanto todos concorrem, inclusive o prejudicado. Todos pagam tributos.

### Evolução do tema

1-) A fase da Irresponsabilidade – vigorou de início em todos os estados absolutistas ( o estado não podia causar males ou danos a alguém) – “le roi ne peut mal faire” e “the king can do no wrong”.

2-) A fase da Responsabilidade com culpa civil – (responsabilidade subjetiva do Estado) – o Estado tornava-se responsável e, como tal, obrigado a indenizar sempre que seus agentes houvessem agido com culpa ou dolo.

3-) O Estágio da Culpa Administrativa – a obrigação de indenizar na culpa do serviço. Ocorria a culpa do serviço sempre que este não funcionava:

- a) não existia (devendo existir);
- b) funcionava mal (devendo funcionar bem); ou
- c) funcionava atrasado (devendo funcionar em tempo)

4-) A Teoria do Risco Administrativo ou objetiva sem culpa – faz surgir à obrigação de indenizar o dano tão-só do ato lesivo e injusto causado pelo agente público ao particular. Não se exige culpa nem falta do serviço. Basta à lesão, sem concurso do lesado. Observação: na Teoria da Culpa Administrativa exige-se a falta do serviço, na Teoria do Risco Administrativo exige-se apenas o fato do serviço (no direito brasileiro não se aplica a teoria do risco integral).

### Pressupostos da Responsabilidade objetiva

O dano deve ser causado por pessoa jurídica de direito público ou de direito privado prestadora de serviços públicos.

Que haja um dano causado a terceiro em decorrência do serviço público. (nexo de causa e efeito).

Que o dano seja causado por “agente” das pessoas jurídicas, o que abrange os agentes políticos, servidores públicos e particulares em colaboração com a administração.

Que o agente, ao praticar o dano, aja nessa qualidade de agente público.

### Causas excludentes e atenuantes da Responsabilidade

A força maior e a culpa total da vítima, se parcial, reparte-se “o quantum” da indenização.

### Responsabilidade por atos omissos

No tocante aos atos ilícitos decorrentes de omissão, devemos admitir que a responsabilidade só poderá ser vinculada ao estado se houver prova de culpa ou dolo do agente público. Exemplo: quando as chuvas provocam enchentes na cidade. O Estado responde se ficar provado que era da sua responsabilidade de realizar o serviço de limpeza dos bueiros, etc..

### Responsabilidade Civil por atos legislativos

- 1-) leis inconstitucionais;
- 2-) leis de efeitos concretos.

### Responsabilidade Civil do Estado por atos judiciais (atos jurisdicionais)

Sua responsabilidade pessoal será sempre limitada as hipóteses da fraude, dolo ou retardamento injustificado da prestação jurisdicional (art. 5º LXXV, Constituição Federal. (erro judiciário). Condutas dolosas e culposas.

### Reparação do dano e o direito de regresso - ação regressiva

O Estado indeniza a vítima – o agente indeniza o Estado, regressivamente – (requisitos):

- a) a condenação da administração pública a indenizar, por ato lesivo de seu agente;
- b) o pagamento do valor da indenização;
- c) a conduta lesiva, dolosa ou culposa do agente causador do dano.

Observação: o direito de regresso prescreve - art. 122, parágrafo 3º da lei 8112/90 (transmite-se aos herdeiros).

### A Responsabilidade Civil do Estado no Brasil

1-) aspectos históricos - período colonial – (teoria da irresponsabilidade) – período imperial - a Constituição Imperial de 1824 e a primeira republicana de 1891 não continham disposições sobre a responsabilidade civil do Estado. Previam apenas responsabilidade do funcionário por abuso ou omissão.

Com o código civil, promulgado em 1916, foi adotada a teoria civilista da responsabilidade subjetiva (art. 159).

Vale lembrar que o Código Civil de 2002 enfatiza a aplicação da teoria objetiva para os danos causados pelo Estado. É o que estabelece o seu art.43: “As pessoas jurídicas de direito público interno são civilmente responsáveis por atos dos seus agentes que nessa qualidade causem danos a terceiros,ressalvado direito regressivo contra os causadores do dano, se houver,por parte destes,culpa ou dolo”.

As Constituições 1934 e 1937 acolheram o princípio da responsabilidade solidária entre o Estado e o funcionário, ainda no âmbito da responsabilidade subjetiva.

Com o advento da Constituição de 1946, ficou consagrada a Teoria da Responsabilidade Objetiva do Estado.

A norma foi repetida, em linhas gerais, pela Carta Política de 1967 e pela E/C nº 1/69.

A Constituição de 1988, em seu art, 37, parágrafo 6º, prevê a Responsabilidade Objetiva do Estado e a Responsabilidade Subjetiva do Servidor, *in verbis*: “as pessoas jurídicas de direito público e as de direito privado prestadoras de serviços públicos responderão pelos danos que seus agentes, nessa qualidade, causarem a terceiros, assegurando o direito de regresso contra o responsável nos casos de dolo ou culpa”.

Com efeito, convém acentuar que só é possível responsabilizar o Estado por danos causados pelo Agente Público quando forem causados durante o exercício da função pública. Estando o Agente, no momento em que realizou a ação ensejadora do prejuízo, fora do exercício da função pública, seu comportamento não é imputável ao Estado e a responsabilidade será exclusiva e subjetiva do Agente Público.

#### Ação regressiva (ação de indenização)

O ato lesivo do agente pode revestir ao mesmo tempo:

#### Aspecto civil, administrativo e criminal

Exemplo: nos atropelamentos ocasionados por veículos da administração – o servidor responsável pelo desastre se sujeita a: ação penal e a ação civil regressiva da administração para haver a indenização paga à vítima, nos termos do art. 37, parágrafo 6º - CF, e o processo interno da administração, para fins disciplinares.

Observação: havendo julgamento penal – 4 hipóteses:

1-) Condenação criminal do servidor, (produz efeito: civil e administrativo, isto é, faz coisa julgada relativamente a culpa do agente, sujeitando-o à reparação do dano e às punições administrativas: Código Penal-CP, art. 92, inciso 1. E do CPP, arts. 63 e 64. Observação: a culpabilidade reconhecida pela justiça criminal não pode ser negada em qualquer outro juízo;

2-) Absolvição pela negativa da autoria ou do fato (*idem* - impede que se responsabilize ou se aplique punição ao servidor, mas cuja autoria a sentença criminal haja negado. Lei 8112/90, art. 126.);

3-) Absolvição por ausência de culpabilidade penal (não produz efeito algum – embora o réu seja absolvido no processo criminal, à administração pode mover-lhe ação de regresso e ainda a sua culpa administrativa para efeito de punição funcional. Observação: a razão lógica é extra “o ilícito penal é mais que o ilícito civil e o ilícito administrativo);

4-) Absolvição por insuficiência de provas (*idem* – porque a insuficiência da prova colhida na ação penal não impede que se demonstrem, por outras provas a culpa civil e administrativa. Código de Processo Penal- CPP Arts. 66/67.).

#### Conclusão

O fundamento de validade da responsabilidade objetiva da administração pública reside na busca de uma repartição isonômica, equânime, do ônus proveniente de atos ou efeitos oriundos das atividades estatais. Evita-se, com a repartição, entre todos os cidadãos, do encargo financeiro da indenização, que

somente alguns suportem os prejuízos ocorridos por causa de uma atividade desenvolvida pelo Estado, objetivando o interesse público.

*Espedito Pinheiro de Souza* é professor assistente de graduação em Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Direito de Estado pela PUC/SP. É advogado. Publicou diversas obras e artigos, entre as quais: *Manual de Ciência Política e Teoria do Estado e Limites Expressos do Poder Constituinte de Revisão Constitucional*. É Oficial Superior da Polícia Militar do Estado de São Paulo.

### Referências

- CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil - Texto de 1988.
- DI PIETRO, Maria Sylvia Zanella. *Direito administrativo*. 17. ed. São Paulo: Atlas, 2004.
- GASPARINI, Diógenes. *Direito administrativo*. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.
- MEDAUAR, Odete. *Direito administrativo moderno*. 8. ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2004.
- MEIRELLES, Ely Lopes. *Direito administrativo brasileiro*. 29. ed. atual. por Eurico Azevedo et. al. São Paulo: Malheiros, 2004.



*Estanislau Henrique da Cunha*

### *Por dentro dos alimentos minerais*

Alimentos são substâncias químicas contidas nas refeições que ingerimos diariamente. Em verdade aquela refeição que se tem no prato, isto é, aquilo que ingerimos diariamente e que chamamos de almoço ou janta nada mais é do que o local onde o alimento em si está contido.

Podemos dizer que alimento é tudo aquilo que, no organismo, fornece energia para a manutenção da vida e funcionamento do organismo como um todo; fornece também materiais que promovem o crescimento, reparação dos tecidos e, de certa forma, o fator que controla o funcionamento de toda a máquina biológica.

Quanto à origem dos alimentos podemos dividi-los em dois grandes grupos: alimentos orgânicos e alimentos inorgânicos. Os primeiros são aqueles que possuem estrutura molecular bastante complexa e são obtidos diretamente do reino dos seres vivos. Fazem parte desse grupo substâncias como os carboidratos, lipídios, proteínas e vitaminas. Os alimentos inorgânicos, entretanto apresentam uma estrutura molecular bem menos complexa e são obtidos do meio ambiente físico em primeiro lugar. São três os alimentos inorgânicos: oxigênio, água e sais minerais.

O primeiro é o oxigênio, é o único alimento que se apresenta na forma gasosa. Trata-se de um gás vital para a nossa subsistência. É obtido do ar comum que nos envolve o qual se compõe de apenas vinte e um por cento deste gás. Todos os alimentos ganham o interior

do nosso organismo através do sistema digestivo, com exceção do gás oxigênio o qual necessita de um sistema especializado para tal. Estamos falando do sistema respiratório que ao realizar o movimento mecânico da respiração leva o ar para dentro dos pulmões inflando-os a cada inspiração. Uma vez nos pulmões o oxigênio contido no ar inspirado então, é selecionado e levado pelo sangue até as nossas células onde reage com os alimentos energéticos liberando assim energia a qual é utilizada numa série de reações químicas do metabolismo além, é claro, de promover a manutenção da temperatura corpórea (lembremo-nos que nossa temperatura corpórea normal é de trinta e seis e meio graus centígrados) o que possibilita a realização das reações do metabolismo e também de todas as nossas atividades físicas e mentais. Sem esse gás simplesmente nós não poderíamos existir, daí a grande importância de manter sua concentração na atmosfera em níveis ótimos através da preservação das áreas verdes, e isso cabe a nós humanos inteiramente.

A reposição do gás oxigênio no meio ambiente é feita através do processo de fotossíntese realizada pelos vegetais que para tal necessitam do gás carbônico presente no ar; da luz proveniente do sol e da água como matéria prima e, deste último, diga-se de passagem, felizmente temos de sobra em nosso planeta haja visto o fato de que a água cobre setenta por cento da superfície do nosso planeta aproximadamente.

Ao final do processo respiratório são produzidos água, energia (a qual é necessária a praticamente todos os processos biológicos) e dióxido de carbono que é então eliminado pela respiração. Um alerta: desmatamentos e queimadas das áreas verdes prejudicam o ambiente, pois não só haverá uma queda do nível de oxigênio do ar, como haverá também um aumento do nível de gás carbônico produzido pelas queimadas; a esse fato caótico damos o nome de "desequilíbrio ecológico" o que é muito mal para a nossa saúde!

A água é outro alimento inorgânico que consumimos. Apresenta-se em três estados físicos na natureza: sólido, líquido e gasoso, porém é apenas no estado líquido que a consumimos através da deglutição; sua eliminação, entretanto é feita de quatro maneiras: pela urina, pelo suor, pelo intestino e pela respiração. Em todas elas a eliminação é feita sob a forma líquida com exceção da respiração que é feita sob a forma gasosa, fato este que pode ser facilmente comprovado no inverno ao exalarmos vapor de água durante a respiração.

Líquido às refeições deve ser evitado, pois isso dificulta a digestão química dos alimentos e causa excesso de acidez do suco gástrico provocando assim má digestão, além de outros inconvenientes como, por exemplo, a obesidade... Na verdade não há a necessidade de se consumir líquidos durante as refeições, os alimentos já contêm a quantidade de água necessária para a realização da digestão. Como exemplo podemos citar aqui alguns valores importantes. O pão possui quarenta por cento de água, a carne sessenta por cento, legumes, verduras e frutas chegam a ter até noventa e cinco por cento. Como vemos não há mesmo a necessidade de mais água junto com a refeição. Embora o consumo de água durante a refeição deva ser evitado devemos consumir diariamente cerca de dois litros e meio de água, mas apenas entre as refeições. Para um melhor controle do volume de água bebida diariamente, recomendo o uso de um frasco-medida personalizado para tal propósito.

Cerca de setenta e cinco por cento do nosso peso é de água, em outras palavras, para uma pessoa que pesa oitenta quilos, sessenta quilos são de água, acredite ou não!

Sem água simplesmente não viveríamos. É uma substância importantíssima para o nosso organismo por inúmeras razões. Vejamos algumas delas: evita o aumento da temperatura corpórea, mantendo assim o nosso corpo a uma temperatura ideal para a

ação das enzimas, as quais necessitam de uma determinada temperatura para que atuem induzindo assim a um perfeito funcionamento de todo o organismo; importantíssima para o processo da digestão química dos alimentos; funciona como um solvente para todas as reações químicas que mantêm a vida; auxilia na excreção quer seja pela urina ou pelo suor; importante na expectoração das secreções atuando como fluidificante melhorando sensivelmente a respiração; importantíssima para funções como: circulação, reprodução, locomoção, metabolismo de uma forma geral, dentre outras.

O terceiro tipo de alimento inorgânico são os sais minerais os quais exercem importantes funções não só dentro das células como também fora delas, pois há muitos sais minerais atuam também a nível das membranas celulares. Os alimentos já possuem a quantidade exata de sais minerais de que necessitamos. O cloreto de sódio é usado em excesso apenas como condimento, sendo esse excesso eliminado pela urina e pelo suor. Nosso organismo requer uma grande variedade de sais minerais para o seu funcionamento controlando reações químicas de suma importância. Os principais sais minerais de que necessitamos e que, portanto devem estar presentes nas nossas refeições diárias são: sódio, potássio, rubídio, cézio, magnésio, manganês, cálcio, cloro, cobalto, cobre, cromo, iodo, níquel, ferro, alumínio e zinco. Vejamos a seguir alguns exemplos, suas fontes e sua ação no organismo:

Iniciaremos com o cálcio. Trata-se de um sal mineral que é obtido do leite e derivados, como queijos, iogurtes e coalhadas. No organismo entra na formação dos ossos e dos dentes, trabalho esse realizado com o auxílio de uma substância chamada calciferol, mais conhecida como vitamina D. Além de fortalecer os ossos e os dentes o cálcio apresenta um número de outras funções; por exemplo, é importante como estimulador de um número razoável de reações enzimáticas do metabolismo. Além

disso, atua na condução do estímulo nervoso e da contração muscular. Outra importante função é que durante o processo de hemorragia o cálcio tem a função de atuar no processo de estancamento do sangue. Sua atuação consiste na ativação da enzima tromboquinase que transforma a protrombina presente no sangue em trombina, importante componente do processo de coagulação do sangue. Caso o nível de cálcio esteja baixo no organismo (e isso só se deve a erros na alimentação) não haverá a formação da trombina. Como consequência disso as hemorragias serão prolongadas. O cálcio apresenta ainda uma outra função, que é defender o organismo contra infecções.

Outro sal mineral muito importante é o cobalto, que além de atuar também como estimulante de reações químicas do metabolismo entra também na formação de uma substância chamada cobalamina ou mais comumente conhecida por vitamina B12 que absorvida atua no nosso organismo realizando o processo de maturação eritoblástica evitando assim quadros de anemia. A anemia é uma doença causada pela falta de glóbulos vermelhos no sangue, trazendo como consequências cansaço e indisposição para o trabalho. As melhores fontes nutricionais deste sal são: carne, rim, ostra, fígado e leite.

O cobre é outro sal mineral importante. Suas fontes nutricionais são: frutos do mar, fava, ervilha, fígado e ameixa. No organismo entra na formação de uma substância chamada citocromo oxidase, substância importante na produção de energia para o nosso corpo. Além disso, o cobre, não só tem o papel de estimular certas reações químicas do metabolismo celular como também atua em conjunto com o ácido ascórbico, mais popularmente conhecido por vitamina C. Para uma atuação efetiva, esta vitamina necessita do cobre para esse fim. A vitamina C é uma vitamina importantíssima por inúmeras razões dentre as quais a de defender o organismo contra as infecções.

O cloro também é um sal mineral importantíssimo. É encontrado no sal de cozinha e na azeitona. No organismo forma um ácido chamado ácido clorídrico. Sua formação e também sua atuação ocorrem no estômago, e o papel desse ácido é dar atividade catalítica à pepsina, ou seja, tornar ativa a enzima do suco gástrico que atua no início da digestão das proteínas. Além disso, ainda no estômago, o ácido clorídrico assume outros papéis, como os de dissolver cristais contidos na alimentação e atuar como bactericida destruindo eventuais bactérias nocivas ao organismo contidas no alimento ou aquelas contidas nos utensílios que levamos à boca, tais como: garfo, faca, copo, etc.

O próximo é o cromo, um sal mineral de grande importância que é encontrado no milho, galinha, carne vermelha e no marisco. Atua no organismo juntamente com um importante hormônio produzido pelo pâncreas, uma glândula mista, pois além de produzir o suco pancreático que atua na digestão química dos alimentos produz também hormônios que estão relacionados com o mecanismo do controle da taxa de açúcar no sangue; um destes hormônios é a insulina a qual necessita deste sal para uma ação mais efetiva.

O ferro é um sal mineral duplamente importante para os processos de respiração. Ele entra na formação das moléculas dos citocromos, substâncias que estão relacionadas com a produção de energia durante os processos de respiração celular no interior das mitocôndrias. O papel dos citocromos é transportar hidrogênios para que a energia seja liberada e posteriormente "estocada" em moléculas de ATP; além disso, este sal é importante para a produção da molécula de hemoglobina ou hemoglobina a qual tem o papel de transportar os gases respiratórios oxigênio e dióxido de carbono. É encontrado na gema do ovo, na couve e no espinafre; daí a necessidade de se consumir tais alimentos, pois uma queda dos níveis desse sal na alimentação pode provocar o quadro de anemia.

Magnésio é um tipo de sal mineral cuja importância está no fato deste contribuir para os processos que levam a produção de energia e evitar os estados de depressão além de estar envolvido como efector de muitas reações enzimáticas do metabolismo intermediário, inclusive em certos processos de biossíntese como ocorre, por exemplo, nos primeiros estágios da biossíntese do aminoácido histidina, processo esse que ocorre no fígado. Esse aminoácido é importante, pois apresenta duas vias metabólicas interessantes; a primeira consiste na formação, por descarboxilação, da histamina, cuja função é estar envolvida nos processos alérgicos; a outra via consiste na formação de dois compostos: o primeiro, por desaminação, forma o ácido urocânico cuja função parece estar relacionada com o processo de filtração dos raios ultravioleta do sol e o segundo é a formação do ácido tetraidrofólico num processo bastante interessante.

Suas principais fontes são: nozes, avelãs, amêndoas, limão e chocolate.

O próximo é o iodo, um sal mineral que é encontrado na cebola e no sal de cozinha, chamado de cloreto de sódio. No organismo o iodo é incorporado nas moléculas que vão formar os hormônios tireoidianos tri-iodo-tironina e tetra-iodo-tironina ou tiroxina os quais ficam armazenados temporariamente no interior da glândula tireóide antes de serem utilizados no organismo, inclusive no processo da queima dos lipídios localizados sob a pele.

Finalmente temos o potássio, um sal mineral que apresenta um amplo espectro de ação no metabolismo além do seu papel importantíssimo a nível das membranas celulares. De fato seu efeito em particular nas células nervosas e musculares é notável, pois sua função, juntamente com o sódio, é o de compor a chamada bomba de sódio-potássio cuja atividade é promover não só o fluxo de energia ao longo da célula nervosa como também a distribuição da energia por todo o corpo celular. É fundamental por todas as

atividades motoras do nosso corpo. Suas principais fontes são: banana, maçã e laranja.

A alimentação mineral é muito importante para a manutenção da nossa saúde, porém bebidas gaseificadas e o hábito de consumir água durante as refeições devem ser evitados. Verduras, frutas e legumes devem ser consumidos diariamente, pois são ricos em sais minerais, porém os verdadeiros campeões a esse respeito são as algas as quais possuem a incrível marca de vinte e dois tipos diferentes de sais minerais, atendendo assim praticamente a todas as necessidades do organismo, acredite se quiser!



## *Gil Campos de Farias*

### *Sete casos jornalísticos*

#### O sobrado do horror

Durante muitos anos, um sobrado na avenida Emílio Ribas, no Jardim Tranquilidade, guardou um segredo horripilante. As milhares de pessoas que, dia-a-dia, passavam diante do número 1856, bem na porta do Hospital Padre Bento, jamais imaginaram o que havia dentro daquele imóvel sujo, fétido e cheio de gatos. Eram 10, 20, 40. Eram mais de 50 bichanos.

Determinado dia, os animais começaram a ser envenenados, um a um. O odor aumentava e incomodava a vizinhança. Aliás, o *serial killer* poderia ser um dos vizinhos da casa que não suportavam mais as brigas, os miados e a sujeira que os bichanos causavam. Dez vítimas já haviam sido encontradas.

Tomei conhecimento dos fatos e resolvi ir ao local. Até chegar ao sobrado, imaginava ter visto quase tudo em mais de 20 anos de jornalismo. Pois bem, “quase tudo”. Uma mulher quase esquálida, baixa, cabelos pretos e pálida gritou para todos fossem embora. Ela estava em uma das janelas do andar de cima do sobrado. Era a dona de tudo... inclusive dos animais.

Tentei convencê-la a conversar e falar a respeito das mortes dos seus gatos. Algumas dezenas deles tentavam se enroscar em minhas pernas. A ânsia de vômito aumentava cada minuto que permanecia no sobrado. Era uma manhã fria, e alegando a baixa temperatura, a dona dos bichanos afirmou que não iria descer, mas pediu para retornar logo após o meio-dia, quando o tempo estivesse mais quente. Até lá prometeu pensar numa entrevista.

O retorno ao sobrado foi no horário combinado. A mulher, ainda da janela, determinou que eu tivesse acesso ao interior da casa. Por um momento, pensei que apagaria nos primeiros degraus em virtude do odor. Meus pés se afundavam nas fezes e no lixo acumulado há anos. A cada passo, cenas que fariam inveja a qualquer diretor de filme de terror. A todo instante, um gato arisco se apresentava no meio da escuridão que cobria a escadaria. No primeiro andar, mais lixo e mais gatos.

Seguia a tenebrosa mulher pela sua voz. No que parecia ser a sala, havia um sofá velho, algumas cadeiras, uma mesa empoeirada, um rádio antigo e muito lixo. E muitos gatos. No quarto, onde a mulher dormia estava a janela do primeiro contato. E lá, ela me aguardava. Em cima da cama, um gato que parecia ter mais de 10 quilos e parecia proteger a dona quando eu me aproximei.

A mulher se identificou como Nalderi Silva, a “dona Michelle” (lê-se Miquele), nascida no município baiano de Barreiras e viúva de um construtor italiano. Estava bem vestida, mas seu “perfume” era uma mistura de doce com podre. Ofereceu-me uma cadeira e um café que, por questões profissionais, não tive como rejeitar e um gole foi dado na bebida gelada e amarga. Enquanto me deixou sentado, dirigiu-se à porta e a trancou por dentro. Éramos três no cômodo fétido.

Seu drama foi apresentado em um português fluente, e muitas lágrimas. Contou-me que os gatos supriam sua carência de companhia desde a morte do marido, e mesmo tendo duas filhas que, na infância, foram mantidas em cárcere privado pela mãe e o pai – o italiano Michelle Aloísio (ex-combatente da Segunda Guerra Mundial), morto em 2001, vítima de câncer de próstata.

As meninas nunca freqüentaram uma escola e foram alfabetizadas dentro de casa. Só foram ao médico perto da idade adulta. Uma delas aparentava problemas mentais. As irmãs moravam nos fundos do sobrado e tinham poucos contatos com a mãe.

Dona Michelle lembrou que trabalhou durante anos em um escritório de advocacia, em São Paulo. Disse ser admiradora do baiano Rui Barbosa, o “Águia de Haia”, e do jurista Hélio Bicudo. Revelou que, se tivesse feito vestibular, faria para Direito e atuaria na defesa dos animais. Revelou ter votado em Serra e ser fã de Paulo Maluf. Falou também sobre a saudade da infância, quando brincava com as bonecas de pano feitas pela avó.

Mas, durante a entrevista, o seio esquerdo da mulher começou a vazar. No primeiro momento, tentou escondê-lo, mas diante da insistência sobre o que estava acontecendo com ela, resolveu abrir a blusa lentamente e de lá saíram larvas. Tudo estava podre. Ela chorou copiosamente.

Com a reportagem publicada, a repercussão tomou conta da cidade. Médicos enviados ao sobrado pela Secretaria de Saúde resolveram interná-la, quase que à força. Sua saúde não tinha mais recuperação. O câncer já estava espalhado. Duas semanas depois, dona Michelle morreu. Antes do último suspiro, pediu para que cuidassem dos seus gatos.

#### A mãe de Cristo

Ela morava no coração de Guarulhos. Tinha como vizinhos casas comerciais, restaurantes e o requintado Bristol Hotel. A “casa” ficava na praça Paschoal Thomeu, ao lado da praça IV Centenário, numa das principais entradas da cidade. Usava uma bandeira do Brasil como lenço de cabeça e não se incomodava com o grande fluxo de veículos e a passagem de pedestres diante de sua moradia. Nem tampouco com os gritos de jovens que a avistaram do outro lado da calçada.

É negra que traz no olhar o sofrimento e, nas palavras, o reflexo da desordem mental. Chama-se Joana Jéssica Getules Silva Santos. Apresentou-se dizendo que morava no inferno. Contou ser pastora de uma igreja evangélica e cantora de louvor. Mas garantiu que não quer voltar para a igreja. “De que adiantou ser

cantora de louvor durante tanto tempo, se estou morando na rua? Eles [os evangélicos] vêm aqui sempre para que eu volte para a igreja, mas eu quero mesmo é ter onde morar”, afirmou.

Na ocasião do encontro, aproveitava tranquilamente o forte calor do meio-dia para lavar suas roupas em água de chuva por ela depositada em velhas latas. Secava os trapos na grama, transformada em um amplo varal.

A mulher disse ter 1.080 anos, e ser a “mãe” de Cristo. “Você não acredita? Pois eu sou a mãe de Cristo. Já estou velha, tenho 1.080 anos. E ele [Cristo] está aqui para me dar forças”, afirmou enquanto não parava de lavar roupas. O teto de uma barraca tipo camping, onde ela dorme, também estava sendo usado para secar suas várias peças.

Negou-se a falar sobre o Natal e o nascimento do “seu filho”. “Ele nasceu nesta época, mas não quero falar sobre isso. Não sou feliz em nada. Seria feliz se tivesse casa, sossego. Eu vivo é de favor nas terras dos outros, vivo no inferno”. E posou sisuda para uma foto. Foi a primeira e última vez que vi aquela mulher que, pode não ser a mãe de Cristo, como garantiu, mas filha Dele, disso não há nenhuma dúvida.

### O túmulo do bispo

Maio de 2011. D. Luiz Gonzaga Bergonzini iria celebrar a sua última missa como bispo de Guarulhos, antes de entregar sua renúncia ao papa Bento XVI por ter completado 75 anos de idade, como determina o Cânon 401 (Código de Direito Canônico), no seu parágrafo 1º.

O tom da homilia *Quid Retribuam Domino* daquela missa na Igreja Matriz e Catedral Nossa Senhora da Conceição foi de despedida. A celebração de Ação de Graças comemoraria os 30 anos da Diocese de Guarulhos. Antes de ir para o altar, D. Luiz estava bem humorado. Nossa conversa começou enquanto ele vestia suas paramentas de sacerdote. Falou sobre sua infância e

adolescência, e dos primeiros estudos religiosos. Tudo isso em São João da Boa Vista, interior de São Paulo.

Ele só ficou sério quando perguntei se era ligado ao PSDB. “Minha política é o Evangelho e tenho como líder Jesus Cristo. Sou contra qualquer partido e qualquer política que vá de encontro ao Evangelho. Não tenho partido político. Se quer saber, sou contra tucanos (partidários do PSDB) que tenham pensamentos diferentes dos meus”, limitou-se a dizer.

Mas o senhor não tem nenhuma ideologia? Diante da pergunta, ele se mostrou impaciente. “Mas meu filho, acabei de responder. Minha ideologia é o Evangelho e o bem comum”. D. Luiz é jornalista e respondeu com uma pergunta ao ser indagado se era um bispo “progressista”. “O que é progressista para você? Me responda por favor. Olha, essa palavra é muito ambígua. Só digo uma coisa: aceito o novo e respeito o antigo”.

Disse que, durante sua vida no ministério episcopal, apanhou e bateu sempre buscando o bem. Se referiu às polêmicas políticas em que se envolveu, como a briga com o ex-prefeito Paschoal Thomeu, garantindo que ele havia mandado a Igreja Católica à merda (coisa que Thomeu morreu jurando que isso nunca aconteceu) e seu envolvimento com o também ex-prefeito Néfi Tales, tendo afirmado que nunca depositou seu voto neste político. Também sobre a carta que publicou, meses antes da missa, sugerindo que os fiéis não votassem em Dilma Rousseff (PT) para presidente por entender que ela é favorável ao aborto.

Quis saber o que ele faria depois de deixar a Diocese como bispo. Pediu, aos sorrisos, que eu lhe arrumasse um emprego, já que éramos colegas. Depois, disparou: “daqui não saio, daqui ninguém me tira”. E afirmou que não deixaria Guarulhos. “Aliás, nem depois de morto vou sair daqui, pois já tenho meu túmulo na catedral, pode ir lá fotografá-lo”.

O túmulo apresentado por D. Luiz ficava ao lado direito do altar, feito de mármore branco com argolas douradas. Na entrada,

um portão de ferro com cadeado e ao lado esquerdo uma imagem de São José. Do lado direito, a cena XIV da Paixão, com Jesus morto. Em cima da lápide, uma imagem de Cristo sob uma manta vermelha.

Mas uma pequena reforma na igreja, meses depois, mudou o túmulo de lugar e foi nele que D. Luiz foi sepultado no dia 14 de junho de 2012, dentro da igreja onde sempre celebrou, perto dos seus fiéis e na cidade que disse ser a sua segunda pátria.

### “Prepara-te para o fim do mundo”

Os homens usam barba e cabelos grandes, e as mulheres véus. Vestem-se com túnicas, como na época de Cristo. Encontram-se aos sábados e nos dias de lua nova para rezarem das 7h às 18h. Tentam cumprir, rigorosamente, os 10 Mandamentos, e, no dia-a-dia, pregam o fim do mundo.

Estas são algumas características dos israelitas, integrantes da religião que nasceu no Peru em 1956, fundada por Ezequiel Ataucusi Gamonal. Eles estão em Guarulhos há mais de 10 anos por meio da Associação Evangélica da Missão Israelita do Novo Pacto Universal (Aeminpu-Brasil).

Aliás, é na avenida Monteiro Lobato, número 2804, Vila Miriam, na entrada da Comunidade Hatsuta, onde está localizada a sede principal dos israelitas no País. No Brasil eles são cerca de 200 integrantes. Por Guarulhos passam dos 30, entre homens, mulheres e crianças; a maioria é de peruanos e bolivianos, e alguns brasileiros. Os israelitas cantam, pregam e louvam praticamente sem parar.

Nos dias de celebração, o pequeno templo de paredes azuis, chão de cimento, teto ainda inacabado, um ventilador ligado e 30 cadeiras de plástico se torna menor ainda. Qualquer pergunta respondida pelos israelitas é respondida com base na Bíblia, com citação de livros, capítulos e versículos. Eles pregam a doutrina de Cristo, com observância dos 10 Mandamentos de Moisés (chamada de “A Lei Real”).

Todos os sábados, os israelitas cultuam o “altar do holocausto”, ou o altar do sacrifício, matando e queimando um cordeiro ou ovelha. O animal queimando representa Jesus crucificado. Considerado um dízimo, o cordeiro é limpo e preparado com sal e azeite. Depois é colocado no altar onde é queimado. No ritual, se acende muito incenso *palo santo*.

Pelo pequeno espaço do templo, em Guarulhos ainda não existe o “altar do holocausto”. A congregação – cuja organização começa com o Missionário, depois Pastores, Diáconos, Anciões e, por fim, membros – se mantém com o dízimo. Um dízimo do dízimo é ofertado a Deus. Os outros 90% são para o povo pobre. Mesmo sendo dinheiro, ovelha ou plantação, 90% do dízimo são doados para as pessoas carentes. Eles não usam o que arrecada com construção de igrejas.

Não acreditam que o nascimento de Jesus ocorreu no dia 25 de dezembro. “O Natal é uma festa comercial”. Esta é a opinião dos israelitas, que afirmam que o Natal nasceu com a Igreja Católica e não tem base bíblica. Para os seguidores, Cristo nasceu no dia 6 de abril, na véspera da Páscoa. “A própria Bíblia diz que, cada vez que Jesus completava ano, ele se apresentava. E isso sempre era na Páscoa, não em dezembro”, explicou um deles. Os israelitas festejam a Páscoa, Pentecostes, Tabernáculos e a Festa da Expição, chamada pelos hebreus de Kippur.

Fui convidado para participar do louvor e pregação dos israelitas numa manhã de sábado. Homens de um lado, mulheres do outro. Muita música (com o acompanhamento de um teclado) antecede a pregação do missionário Antonio Marin. “A música é o sal do Evangelho”, disse o pastor Eduardo Jonas.

O tema da pregação foi o matrimônio. “Em toda parte do mundo, o ser humano está numa depravação total. O mundo se desviou de Deus, não existe mais moral. A humanidade está entrando no abismo”, afirmou com ímpeto, no púlpito, o missionário, se referindo à traição e ao homossexualismo. Também

condenou o sexo fora do casamento. Durante a pregação, que comumente se mistura com o espanhol, ele citou vários exemplos “vistos na televisão”.

“O adúltero merece a morte segundo a lei de Deus”, afirmou. O missionário disse ainda que o homossexualismo é um desvio e que, segundo a lei penal de Deus, o homossexual deveria ser apedrejado e morto. “Mas isso não pode acontecer. As leis no Brasil são muito moles e brandas. Se os israelitas estivessem no poder, a lei do Estado seria os 10 Mandamentos”, afirmou.

Sempre lendo trechos da Bíblia para justificar sua pregação, Antonio Marin disse que não pode haver sexo antes do casamento. “Se o jovem pratica ato carnal com uma virgem antes do casamento, ele terá que pagar 50 ciclos de prata ao pai da moça e, depois casar”.

Perguntado por um membro da congregação, quanto deveria ser pago hoje, ele afirmou que seria necessário fazer a conversão dos 50 ciclos de prata em real (moeda brasileira). E ponderou: “o jovem só estaria liberado do pagamento e da união se o pai não quiser dar a filha casamento”, pregou. É mesmo o fim do mundo.

#### A mãe de mais de 1.000

Numa Guarulhos anos 40, havia uma mulher que fumava, andava armada com um revólver Colt 38 e que contribuiu para que a cidade, hoje, tenha 1 milhão e 300 mil habitantes. Quando a conheci estava com 93 anos, morando sozinha em um amplo, mas humilde apartamento no Centro, “Antonia Parteira de Gopoúva” não mais “pegou” nenhuma criança nas últimas quatro décadas, mas em mais de 30 anos de profissão, mais de 1.000 nasceram em suas mãos, hoje enrugadas pelo tempo, mas sagradas pela missão.

Quando jovem, ela era chamada de “Zizi” pela família, mas nasceu Antonia Silveira Ribeira, em 1918, em São João da Boa Vista, interior de São Paulo. Ela não teve muitos contatos com os outros três irmãos e nem com os pais, um alemão e uma índia. Antonia foi criada pela avó Rosa da Silveira.

Na adolescência, com a carta de um padre da cidade onde nasceu, ela foi internada no colégio de Freitas Bom Pastor do Ipiranga, em São Paulo. Lá, permaneceu por quatro anos e meio. Neste período, aprendeu tudo na vida: cozinhar, lavar, passar, fazer bolos de casamento e fazer partos. “Neste período, o juizado de menores enviava as meninas grávidas para o colégio, onde havia um abrigo, e lá as irmãs faziam o parto. Eu estava lá, do lado”, lembrou.

Certo dia, com uma forte crise de apêndice, foi levada às pressas pelas freiras para a Santa Casa de Misericórdia. Operada, fez amizade com as enfermeiras que resolveram ajudá-la a colocar em prática seu maior plano: fugir. Tudo foi arquitetado. O abdome foi enfaixado e, às 5h, ela deixou o hospital sem nenhuma moeda no bolso. Pegou um bonde na Praça da Sé e foi de pé ao lado no motoneiro com destino à casa da tia Maria Silveira Coelho, na Vila Maria. Nunca mais voltou ao convívio das irmãs religiosas.

Em 1939, se casou com o capitão do Corpo de Bombeiros, Jaime Ribeiro. Tiveram cinco filhos. A família veio morar em Guarulhos, na rua engenheiro César Polillo, no Gopoúva. Dona Antonia colocou pela primeira vez o que aprendeu no colégio de freiras e mudou completamente a história da sua nova cidade.

Quando o prefeito era o médico Olivier Ramos Nogueira (1947/1948), ela passou a trabalhar em seu consultório no bairro. Foi tanta a confiança que depositava na funcionária, que, quando o médico ia atender em outro consultório na Avenida Paulista, na Capital, deixava seus pacientes aos cuidados da mulher, que ainda não era conhecida como parteira.

Certo dia, ela estava em casa lavando roupa. Já era tarde, quando o morador “seo” Zezinho a procurou dizendo que a mulher, Laura, estava se acabando em cólicas. Dona Antonia foi ao local e já encontrou a esposa em trabalho de parto.

“Escutei o foco (batimentos) da criança, que estava muito forte. Aí resolvi fazer o parto. Foi rápido. A mulher já era parideira, tinha uma porção de filhos”, disse. O menino, primeira criança

que nasceu em suas mãos, morreu meses depois de meningite. A partir deste nascimento, sua fama de parteira ultrapassou a fronteira de vários outros bairros da cidade.

Quando saía de casa para atender uma parturiente, dona Antonia levava na maleta vários rolos de compressas (gases), água oxigenada, mercúrio cromo, anestésicos, vitamina B12 (utilizada nas crianças que nasciam sem chorar, segundo explicou), a medicação Pituitrina (para acelerar o parto), instrumentos como bisturis, e muitas piadas para contar.

“Geralmente as meninas novas faziam um escândalo tremendo. Pedia várias vezes para pararem de gritar, quando não atendiam, começava a contar piadas, cada uma mais ardida que a outra. Não tinha jeito. Paravam”, lembrou. Às vezes, os partos varavam a madrugada. Cobrava por cada um 200 cruzeiros, quando a família tinha condições de pagar.

Muitas vezes quando chegava em casa, depois do parto, fazia um caldeirão de sopa e pedia para o filho Sílvio Ribeiro deixar na casa da “mãe-fresca” que não tinha condições financeiras. Em outras ocasiões, fazia o parto e enviava um relatório para o INPS, que ressarcia o valor.

Católica, dona Antonia encabeçou a construção da Igreja São Francisco de Assis, no Gopoúva. No meio político, fez parte da Liga Feminina de Guarulhos, mas nunca se candidatou porque o marido não deixava. “Ele tinha medo que, dentro da Câmara, do jeito que sou nervosa, desse uns tiros por lá”, contou sorrindo.

Aliás, dona Antonia sempre andou armada. Certo dia, jogando baralho no Complexo Padre Bento com amigos e, ao mesmo tempo, ouvindo um jogo do seu time de coração, o Corinthians, pelo rádio, se empolgou quando o Timão fez um gol e gritou. Um homem que estava no local caiu na besteira de dizer: “só um bando de filho da puta torce por este time”.

Ela se revoltou com o comentário. “Não pensei duas vezes, dei um soco no sujeito e, antes dele se levantar, saquei o revolver.

Se ele reagisse, queimava o cara ali mesmo”, lembrou a história às gargalhadas.

O último parto que dona Antonia fez foi no final da década de 1970. Mas garantiu que hoje, se precisar, “bota a mão na massa”. “Pelo o que sempre fiz na vida, sou uma mulher realizada e feliz. Os anjos sempre me ajudaram. E o segredo de ser parteira é ter amor; amor pela vida, pelo ser humano. Sou muito feliz”, disse dona Antonia, madrinha de centenas de crianças.

### O coveiro Josué

Em 1991, uma mulher foi assassinada a golpes de machado pelo próprio marido. O enterro coincidiu com o primeiro dia de trabalho do coveiro de Josué Marques. Suas pernas estavam trêmulas. Ele suava frio. Relembrava o medo que tinha dos mortos desde a infância e o pânico quando passava com a mãe, dona Aurelina, em frente ao cemitério São João Batista, no Centro.

Não teve outro jeito. Fechou o caixão. Levou o corpo à sepultura e, depois deste episódio, já perdeu as contas de quantos corpos enterrou e desenterrou no dia-a-dia. Quando o conheci, Josué estava com 43 anos e morava no Jardim Tupinambá, região do Pimentas. Escolheu uma profissão marcada por preconceitos e muitos causos por pura necessidade. “Estava desempregado na época e tive que enterrar meus medos”, lembrou.

Aliás, contou que o preconceito já lhe afastou de vários amigos. “Alguns vinham com brincadeiras preconceituosas, não queria me dá um aperto de mão; outros, quando chegava a um bar, mandavam eu ir embora pois eu atraía o azar. Me afastei de vários amigos por conta disso”, lamentou.

Outro problema era quando ia fazer um crediário no comércio. Na carteira de trabalho, o registro como coveiro sempre causou espanto ao atendente. “Muitas vezes tinha que contar todo meu dia-a-dia para matar a curiosidade do povo”.

Ele costuma abrir covas assoviando algum samba de Zeca Pagodinho ou cantando as músicas das Irmãs Galvão para todo o cemitério da Vila Rio ouvir. Para acabar com o preconceito, principalmente na hora de abrir um crediário, a prefeitura deu nova nomenclatura à profissão. “Agora nos deram o apelido de Agente Operacional Funerário. Aí perguntam: o que é isso? Respondo: coveiro”, revelou às gargalhadas.

O coveiro Josué é evangélico. Antes de sair de casa e entrar no trabalho às 7h, repete um ritual: se ajoelha aos pés da cama e ora pedindo proteção a Deus e em respeito aos mortos. No cemitério, o respeito se estende às famílias. Garante que perdeu o medo dos mortos, e da morte. Mas tem uma coisa que lhe causa calafrios, tonturas e o faz gelar: os filmes de terror. “Não tem no mundo quem me faça assistir a um filme desse. Morro de medo. Deus me livre”, garantiu.

Seus causos são inúmeros, como o do fantasma: “Certo dia, por volta das 18h30, estava saindo do trabalho no cemitério Vila Rio quando passou por mim um rapaz, bem perto da capela. Estranhei por conta do horário. Olhei para trás de imediato para ver onde ele iria e não o encontrei mais. Desapareceu às minhas costas em segundos”.

O da herança: “Outro dia, terminei o sepultamento e a família quebrou o pau na minha frente por causa da herança do morto. Fiquei caladinho, só observando a confusão”. Tem até da amante: “No cemitério de Bonsucesso, enquanto o morto era velado, a amante olhava de longe entre as covas. Na hora do sepultamento, quando já estava saindo com o corpo, a viúva viu a amante e gritou. Ela e outros parentes saíram correndo pelo cemitério me deixando sozinho com o morto. A coitada da mulher conseguiu fugir”.

Como não podia faltar, do corintiano: “Na Vila Rio onde a grande maioria dos óbitos é por homicídio, os amigos do morto insistem em cantar o hino do Corinthians quando o caixão vai pra cova. Temos que ter paciência (disse sorrindo)”

E o do pastor evangélico: “Um dia, um pastor veio fazer uma pregação ao lado da cova. Ele estava no barranco, bem na beirinha. Avisei que ele poderia cair, mas a resposta foi: ‘não se preocupe, estou firme’. Em determinado momento, alguém gritou: ‘vai cair irmão’. Não tive outra coisa a fazer, a não ser ajudá-lo a sair do buraco”.

### A bruxa de Gopoúva

O sobrado, às margens do Anel Viário, era igual aos de seus vizinhos no modelo, mas diferente na cor: todo negro. Na porta, um pentagrama, no jardim, um tridente e alguns sapos de gesso. Na garagem um Ford Ka roxo com a morte grafitada no capô. As janelas viviam fechadas e cortinas escuras impediam de ver o que havia no interior da sala. Quem morava ali?

Para responder esta pergunta, não havia outra alternativa a não ser tocar a campainha. Uma mulher de vestido negro, chapéu da mesma cor pontiagudo, luvas vermelhas e segurando uma iguana atendeu à porta. Era bonita, peruca longa, maquiada e um largo sorriso no rosto. No abdome, tinha a morte tatuada. Identificou-se como bruxa Arádia. O convite para entrar foi aceito de imediato. A curiosidade era muito maior que o medo.

Na sala, gatos persas repousavam sobre o sofá. Outra bruxa, esta de pano tamanho de um adulto, guardava as escadas que davam ao andar de cima. Mais pentagramas dividiam o espaço das paredes com alguns tridentes. Velas pretas e vermelhas reforçavam a iluminação. Crânios de gessos nas mesmas cores adornavam estantes. Para completar a decoração, um pequeno caixão de defunto, um caldeirão de ferro e uma vassoura.

As gargalhadas da bruxa Arádia ecoavam pelo bairro. Quando não gostava de algo que via ou ouvia, soltava a expressão: “cru crê, co’horror”. O convite para um chá também foi aceito. A conversa se transformou numa amizade. Apesar de toda parafernália encontrada em sua casa, ela era uma bruxa do bem.

Arádia foi o seu nome de batismo na Wicca, antiga religião das bruxas que cultua a natureza; se chamava Adriana Guastella Agra. Já havia sido vendedora de veículos em uma concessionária. Contraiu o vírus da Aids com um namorado no final da década de 1980. O tratamento se estendia há anos e havia sido reforçado após a descoberta de um câncer no seio esquerdo, retirado durante uma mastectomia.

O bom humor de Arádia não se abateu com a doença. Cabelos não mais existiam devido às quimioterapias. A bruxa Arádia gostava de pizza e sorvetes, e numa deixou na mão quem lhe pedia para fazer uma poção – principalmente a do amor. Comumente, crianças gritavam na porta de sua casa chamando pela bruxa e corriam. Evangélicos eram flagrados fazendo orações em voz alta. Tudo era motivo de altas risadas.

A reportagem publicada sobre a bruxa de Gopoúva ajudou a desmistificar muitas histórias, como a que ela dormia em um caixão, mesmo conservando um dentro de casa. Não comia aranhas, mas arroz e feijão todos os dias. Não bebia veneno de cobras, mas sucos sempre acompanhados de algum medicamento. Costava de exagerar era no vinho.

A amizade com a bruxa Arádia não se estendeu por anos, como eu esperava. A Aids não deixou e ela levou para o túmulo a luta que sempre travou pela vida que amava mais que tudo no mundo.

### A Menina na janela

A menina na janela  
Fica à espera da brisa do mar.  
Sente o sopro frio  
na noite quente  
balançar seus cabelos,

enquanto vê dois faróis  
na escuridão da rua  
à procura de seu corpo na cama... nua.

A menina na janela  
está impaciente,  
gélida e... sua.  
Não sei se um dia  
dela ouvirei: “sou tua!”,  
Mas seu rosto brilhante  
é o timoneiro  
que guia os barcos no horizonte.

A menina na janela  
é pura,  
é de beleza absurda,  
É lua.  
é calma,  
é alma,  
é beta, é alfa...  
A menina na janela  
quer ser amada.

A menina na janela  
é mais que uma menina.  
Seu passado  
procura esquecer;  
seu presente,  
com força, quer viver;  
seu futuro,  
é a mais bela aurora  
ao amanhecer.

A menina na janela  
chora;  
aos deuses, um tanto incrédula,  
implora por  
um momento de paz.

A insegurança  
lhe faz sentir criança  
mas viver um grande amor  
É a sua maior esperança.

Me aproximo da janela  
quando a saudade aperta  
E ela, ali está...  
muda... surda...  
sussurrando o canto dos pássaros,  
ouvindo a voz do amor  
que, de baixo, distante  
do seu toque,  
do seu corpo,  
suspira  
e deseja  
que o outro dia seja  
uma eterna aquarela  
com a menina na janela.

## Arrepio

Um medo de se ver,  
de se ter,  
de sonhar,  
de gostar,  
de amar,  
de sorrir,  
de chorar.  
Duas almas,  
um destino,  
um arrepio.

A lágrima que rola,  
que banha,  
que salga,  
que traz a calma.  
Lágrima de emoção,  
de tesão,  
de apreensão.  
Eu arredio...  
arrepio.

Nossas bocas se unem,  
o beijo nasce.  
Gostoso sentir você,  
viver você,  
respirar você.  
Acordo... suspiro...  
nossos corpos,,,  
um arrepio.

## Doze horas

Às 7h,  
 acordei machucado;  
 Às 8h,  
 já estava dilacerado;  
 Às 9h,  
 tive o tendão esmagado;  
 Às 10h,  
 já me encontrava paralisado,  
 e, às 11h,  
 desejava estar anestesiado.  
 Às 12h,  
 a dor doía e feria;  
 Às 13h,  
 o odor da minha alma eu sentia;  
 Às 14h,  
 eu já era a artrite do idoso;  
 Às 15h,  
 o escarro do tuberculoso.  
 Às 16h;  
 já era um ser agonizado;  
 Às 17h,  
 fui entubado;  
 Às 18h,  
 relembrei meus sonhos de menino;  
 Às 19h,  
 dei meu último suspiro.

## Escultura grega

Sinto o sabor do teu suor  
 ocre-doce  
 escorrendo pela tua pele,  
 fazendo cachoeira nos teus seios  
 e formando um lago nas  
 tuas coxas coladas.  
 Nele mergulho e me afogo,  
 não sei nadar  
 quero ar  
 quero amar..  
 mas padeço de amor..  
 “Aqui jaz a ilusão”.  
 (Tudo é pura imaginação!)

Tenho na boca o gosto  
 do beijo da boca  
 que não beijei,  
 do beijo que não roubei.  
 A saliva-mel  
 molha meu peito,  
 encharca minha alma.  
 O liquido quente  
 se mistura à terra dos meus pés  
 e transforma-se em lama.  
 Vejo-te, nua, linda, na cama  
 e peço por idolatria.  
 (Tudo é pura fantasia!).

Teus braços num abraço  
aquecem meu corpo fumegando de paixão.  
Minhas narinas são invadidas pelo  
perfume de jasmim;  
elas também te respiram.  
Fazes do meu ser um vulcão  
em erupção,  
dos meus neurônios um caldeirão em ebulição.  
Vejo-te esculpida pelas mãos  
do artista grego...  
suspiro...  
(Tudo é puro desejo!)



*Isabel Borazanian  
Macedo de Oliveira*

*Arte – uma verdade relativa*

A arte é a expressão dos sentimentos, captados pelos sentidos; reflete a essência do ser humano e traduz emoções, reflexões e impressões.

Em princípio, a arte não é obrigada a ser aprovada e entendida, e uma de suas grandes funções é se permitir passar por portas fechadas. O artista é um ser social, tem responsabilidades sociais e precisa estar consciente delas.

“Ninguém trabalha no vazio.”

No entanto, o artista é livre para experienciar diversas linguagens, e estas experiências normalmente são vistas e sentidas por seres individualmente diferenciados, e o resultado destas experiências está sujeito a identificações e não identificações. O artista deve ser livre para julgar o resultado de suas experiências, pois o verdadeiro artista é sensível e intuitivo. A sensibilidade e a intuição traduzem-se em “lucidez”. A lucidez faz com que o artista procure aperfeiçoar o que não foi coerente com o que ele tentou traduzir.

E o que não se pode permitir na arte são os critérios preconceituosos de apreciação artística, impostos por uma minoria, ditando o que o artista deve ou não fazer, e dentro de

padrões preestabelecidos subjugar trabalhos por não se identificarem ou por não fazerem jus ao que eles julgam ser bom.

Acredito que a arte é um direito. Apoiar e respeitar é um dever. Não interferir é obrigação.

O céu é para todos. Perceber que o céu é para todos é começar a ser humilde, e ser humilde *não* é sinônimo de ignorância que ou servidão. Ser humilde é perceber que: “Ninguém é dono da verdade”!; que a verdade é relativa e não absoluta. Que a vida é contínua lapidação. Que a arte é uma verdade relativa.

### Apometria

Ampliando os sentidos  
 Pulsando amor na intenção  
 Ondas de luz vão fluindo  
 Mundos paralelos se unindo  
 Energias se expandindo  
 Tempo e espaço se fundindo  
 Real presença do Amor  
 Imensa é a fé, grande guarida  
 Amor é a força motriz, maior riqueza da vida

### Aconchego

A energia do som  
 invadiu minha alma  
 clareou meus sentimentos  
 passeou nos meus sentidos  
 abrandou meu coração

A energia da cor  
 invadiu os meus sentidos  
 passeou pelo meu corpo  
 banhou toda a minha alma  
 alinhou todo o meu ser

A energia luz do amor  
 abraçou o meu ser inteiro  
 equilibrou meus sentimentos  
 fez sumir a minha dor

### “Seres aprendizes”

Somos seres aprendizes  
 buscando a evolução  
 tudo na vida tem um sentido  
 tudo na vida tem uma razão

### “Constatação”

Entre céu e a terra  
 moram os mistérios  
 Entre a emoção e arazão  
 vivem os sentimentos  
 Entre os mistérios e os sentimentos  
 habitam os nossos sonhos  
 que impulsionam nossa vidas.

## Tagarelice quadrada

Na rua a lua  
 lançou meu querer  
 Na sala a fala  
 engoliu minha ação  
 Os instrumentos tecnológicos  
 nos mostram situações  
 a tudo se ouve  
 a tudo se vê  
 A tagarelice quadrada  
 é forma de distração  
 passivamente a realidade acontece  
 ativamente a falsa ilusão sobrevive  
 Ah! Que sufoco  
 Ah! Que alucinação

## Impulso

Venha meu verso, varar a canção!  
 Venha com força rodopiar sentimentos  
 eternizar vibrações  
 O verso versa um estado  
 A alma reversa, se faz inversa  
 perplexa pela emoção

## Viagem

A atmosfera acaricia o meu querer  
 Beijos que na boca brincam  
 Cadenciados, deliciosos, matreiros  
 Doce sabor desencadeando sensações  
 Emaranhado de emoções que me fazem dançar  
 no leito  
 Fito seus olhos e me agarro em seu peito  
 Gingo no espaço sem sair do lugar  
 Homem fioso me atíça pra amar  
 Implode em meu corpo tamanha energia  
 Já sinto que sabes que é minha alegria  
 Leve, sua mão no meu corpo caminha  
 Meu corpo se esquece e o amor se aninha  
 Navego nas ondas das emoções  
 Ouvindo e dizendo das sensações  
 Peito ofegante, olhar rodopia  
 Quanta harmonia nesta melodia!  
 Ritmo, compasso, cadência, emoção...  
 Suave, selvagem sinto a canção  
 Tempo sem hora, hora sem tempo  
 Um *flash* de luzes brilhou no momento  
 Viagem de êxtase, prazer e calor  
 Xantungue dourado  
 Zênite do amor.

Refletindo

Um espaço é necessário

É necessário um espaço

no espaço

É necessário dar um espaço

dentro  
do

E S P A Ç O



Jacques Miranda de Oliveira

*“Escrever significa tecer um tecido que cobrirá um pensamento e, quicá, acalantaré uma alma.”*

Nesta edição da Revisa da Academia Guarulhense de Letras, faço a inserção de algumas crônicas escritas durante diversas fases do ano que se passou. Algumas foram publicadas em meu blog ([www.jacquesmiranda.com.br](http://www.jacquesmiranda.com.br)). Outras, são crônicas inéditas.

Com a rotina de escrever todas as terças-feiras para manter um ritmo voltado ao cotidiano, faço com isso a mesclagem das diversas outras obras a que venho me dedicando, em especial os romances da trilogia Herança de Família, cujo primeiro título “Ela Só Queria Ver o Mar” já está em fase de lançamento.

Por acaso (e estas coisas acontecem por acaso), forjei a frase do título deste trabalho e que pretendo carregar para toda a minha vida.

Por hora, uma boa leitura para você e obrigado pelo prestígio de sua companhia.

Se você é louco, eu gosto.

Você dá um sorriso, olha para o lado e a pessoa está séria. Insiste um pouco mais e... nada. Tudo bem, não é um velório, é apenas o dia a dia. Depois de insistir muito, a pessoa levanta a sobrançelha ou faz um movimento de canto de boca. Porque isso? Amigo, acorda, o mundo é dos loucos. Cadê você?

Definitivamente (e cientificamente), o mundo é dos loucos. Morin, um dos papas do pensamento complexo (de *complexus*, ou seja, visão do todo e não das partes isoladamente), diz que o ser humano moderno é assim por conta de uma evolução natural que ele definiu como Homo Sapiens-Demiens. Coloco neste mesmo barco, portanto, gente boa da história e assim considerados gênios: Da Vinci, Villa Lobos, Hitler, Bonaparte, Gandhi e o nosso brasileiro Senna. Ninguém é capaz de discordar que Villa Lobos, para compor como fazia naquela época, deveria ser um cara anormal. Da Vinci, com suas obras não deixava de demonstrar que tudo era “coisa de louco”. Hitler exterminou milhares de judeus, porque era chapadinho das ideias. Bonaparte também tinha seu lado pinel; Gandhi com aquela conversinha, poderia ter tomado vários tiros e, o Senna, se andasse a 20 por hora não iria ser tão bom como foi: o cara era chapadaço, corria feito quem? Feito louco! Ah, treinava feito louco, vivia feito louco...

Não gosto de gente apática. De povo fechado, de gente que não avança o sinal de vez em quando. Que não fala umas besteiras e pede desculpas. Que não dança na chuva. Que não sai sem blusa quando tá frio e desafia sua própria coragem. Que provoca a verdade do amigo falando um insano “duvido” e depois diz: – eu sei, to brincando. Que chama uma pessoa de cretino querendo ser um simpático e correndo o risco de provocar demais. Que faz do dia a dia uma obra para ficar para a eternidade e não um traço na areia que a água do mar leva embora. Um amigo que há muito

não o vejo tinha a mania de fazer tudo de maneira super exagerada. Dele me lembro sempre – era louco; dos outros tantos que convivi, não consigo puxar da memória. É claro que precisamos rememorar o maluco beleza com a feliz frase a respeito dos limites: “faça o que for tudo da lei”, senão...

Tem uma música do Seal chamada Crazy, em que ele diz que “nós nunca vamos sobreviver, a menos que fiquemos um pouco loucos. E eu destaco a frase “we get a little crazy” e canto “craaaaaazyyyyyyyyyyyyyyyyyyyyyy”!

Se quiser cantar, cante. Se quiser rir, ria. Se deseja beijar, beije. Se for fazer qualquer coisa, faça como um louco faria, sem essa coisa de “o que os outros vão pensar”.

Pessoas as vezes convivem por 10, 20 anos e não cometem loucuras. Não dançam sem música e nem compartilham suas loucuras. Não dá um tapa seguido de um beijo e negocia as desculpas. Não sente cócegas e diz que “não gosta dessa brincadeira” e em seguida faz cócegas também. A lista de sandices é imensa e eu sei que você está rindo agora disso tudo. Tá vendo, você é louco!

A loucura é parte da nossa vida. Se alguém te disser – tu é louco? Tire como elogio.

A loucura deve estar presente. Quem não é louco não vive, não serve, não sente.

Seja louco e vá em frente!

Cada minuto vale.

Um bom homem caminhava solitário pela estrada por uma distância que era seu hábito diário. Chão de terra, poeira que subia cada vez que um carro ou um cavalo passava ou um vento batia. Ele andava e sempre ocupava os seus pensamentos.

Pensava na esposa, nos filhos, na comida, no dinheiro, na vida de beltrano, na vida de fulano. Pensava na música de viola, na plantação, no córrego, no avião que passava sobre ele e, pensava naquele monstrengo de aço no mesmo passo que pensava no mar e dizia: meu Deus que imensidão. Pensava nos sapatos que calçava, pensava na roupa que usava. Pensava no tempo.

Quando pensava no tempo, esse bom homem cobria o pensamento com o próprio tempo; com a fração que o universo lhe dava, cada minuto valia algumas pegadas em seu andar solitário, naquela distância que era seu hábito diário.

Cada minuto valia o seu pensar, como para você deve valer o seu viver.

### Descobri com você

Conversando com você, acabei descobrindo algumas coisas que agora quero compartilhar.

Descobri que somos energizados pelas crianças, desenvolvemos nossa capacidade crítica com os adultos e aprendemos de verdade com os idosos e que, sabe-se lá o porque, só nos damos conta disso quando nos distanciamos deles.

Descobri que amizade é uma coisa esquisita. Embora não tenha preço, hora, dia, lugar, provoca sentimentos e sensações maravilhosas e que o rancor causa doenças seríssimas e, mesmo assim, muita gente ainda guarda consigo este veneno, sem se esforçar em perdoar, que é um dos exercícios mais curativos da nossa medicina.

Descobri também que tão importante quanto mudar de atitude está em saber o momento certo de fazê-lo. Descobri, aliás, que é muitíssimo importante ler livros, mas também é importante “ler” as pessoas que tanto nos tem a dizer sem que seja necessário proferir uma única palavra.

Descobri que um abraço, um aperto de mão e um olho no olho que dure uns míseros 10 segundos, em qualquer lugar, seja no supermercado, na praça, na escola e do qual você ouça da boca daquela pessoa que “ela está bem”, substitui muitas horas de conexão de internet, no qual ficamos perguntando e respondendo abestalhadamente “td bem e vc?”.

Descobri que todos nós temos o dom de converter o fato bom ou ruim do nosso dia em um combustível para levar adiante a nossa vida e que aquilo que é impossível para mim, são meros obstáculos para você, cuja atitude ou exemplo de vida me ensina melhor do que centenas de dias sentados no banco de qualquer faculdade.

Descobri que assim como os metais que se transformam em altas temperaturas, os seres humanos só evoluem quando sujeitos a grandes desafios e é por isso que eu uso o mesmo entusiasmo para agradecer tanto aqueles que me estimulam, quanto aqueles que me invejam ou me agouram.

Descobri que, embora existam muitas palavras vazias, muitos amigos falsos e muitas promessas inúteis, existe um único Deus para guiar os passos de todas as pessoas, indistintamente, e que a vida irá um dia fazê-lo mudar de atitude.

Descobri que fazer o bem não lhe deixa pobre e, ao contrário, enriquece quem recebe. Descobri também, que a fé é aquilo que está no coração e não nas palavras.

Descobri que viver não depende daquilo que perdemos. Viver, depende mais daquilo que doamos e recebemos espontaneamente. Viver é representado pelo seu gesto, pela sua sensibilidade, pelo seu carinho e pela sua bondade. Viver não é um exercício de gênio, é simples: você dá e recebe.

Descobri, finalmente, que todos nós somos tão responsáveis por aquilo que fazemos, quanto por aquilo que deixamos de fazer, pois um dia a conta chega.

Descobri muitas outras coisas e um dia desse te conto mais. Enquanto isso, passa essa mensagem adiante, se você realmente descobriu isso de seus amigos.

**Futebol é um esporte. E só.**

Futebol não pode ser usado como elemento de formação sócio-cultural do cidadão.

Futebol é um esporte assim como o basquete, o vôlei, tênis, peteca, curling etc. O que andamos vendo sob o ponto de vista da educação e cultura é uma verdadeira idolatria aos craques de futebol, capitaneadas pelo sucesso de Neymar, Ganso e afins. Por certo, ele não foi o único, antes vieram vários. Raros foram aqueles que eram filhos de família endinheirada, como a do Kaká e Caio, por exemplo. Falou-se desde o começo de Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Robinho e muitos outros que minha memória não me permite resgatar, provenientes de família pobre.

Não poderia ser diferente não é. No futebol, o Brasil ficou entre os 8 melhores do mundo e muita gente não se conforma, tem gente que fica triste por isso. Na educação o Brasil é o 85º e ninguém reclama. A propósito, tem mais escolinha de futebol do que biblioteca.

Para ter uma ideia da força que tem o futebol para movimentar as pessoas, o Itaú, um dos maiores conglomerados financeiros do mundo, lançou uma campanha com jingle e tudo cujo refrão “vamos jogar bola” e aí ele continua “*O futebol muda as pessoas... O futebol muda o país... Vamos jogar bola que vai dar certo.*”. Isso é absurdamente ridículo. Nos anos 70, na Copa do Mundo, Brasil Campeão e o Governo era militar e o que aconteceu? Jogamos bola e não mudou nada; continuou general no poder.

Desta forma, quando idolatram qualquer jogador de futebol, aparentemente querem pegar os valores de um menino que joga bem futebol e colocá-los como um baluarte, um exemplo, alguém que merece uma estátua por ter alcançado o sucesso.

Este sucesso, esta felicidade, para o jovem é medido em função de sua capacidade de SER FAMOSO (aparecendo na televisão) e GANHAR DINHEIRO. E – como bem sabe – sucesso não é isso, definitivamente.

Uma criança precisa do futebol como esporte, assim como precisa da natação, do tênis, do skate. Ele não precisa jogar futebol para ficar rico. Não precisa jogar futebol para ser inteligente, embora se admita que o raciocínio do esporte desenvolve certas áreas da inteligência. Talvez precise jogar bem futebol para ser famoso, ter dinheiro, ser considerado um elemento de sucesso. Mas, de forma alguma precisa do futebol para ser uma pessoa culta, um bom empreendedor, um bom pai de família, um valor para a sociedade, mesmo que seja para a sua pequena célula, que se chama família.

É oportuno lembrar que entre os atletas temos os maus exemplos aos borbotões. Aqueles que se metem em confusões em bares e restaurantes. Que engravidam menores; praticam crimes hediondos, estimulam o tráfico de drogas financiando festas, que dirigem sem habilitação; que não pagam pensões; que não tem amor pelos filhos ou que casam com amantes muito mais jovens e algumas até se “suicidam”.

Tem muitos pais que não se atentam para isso e trazem para sua casa o fanatismo de uma torcida, seja ela qual for. Muitas crianças tem incutidas na cabeça pelos pais o pré-conceito e a intolerância. Tem pai que coloca pro filho que todo corinthiano é ladrão; santista é caçara boa-vida, palmeirense é porco e são paulino é homossexual. A violência que existe nos estádios irradia para dentro dos lares. Quantos crimes não são cometidos por intolerância neste sentido?

Quem discrimina o negro, o homossexual, por exemplo, também tende a discriminar as pessoas que não são de sua agremiação.

Desta forma, dê um basta à idolatria a jogadores de futebol. Vamos disseminar a educação e a cultura que isso sim faz um país.

O Bradesco, concorrente do Itaú deveria lançar uma campanha "Vamos Ler Um Livro"? Estou dizendo apenas por dizer, porque ler livro não faz tanto sucesso na nossa sociedade quanto "jogar bola".

Fazer o quê. Diria, com um pouco de dor, bola pra frente.

### O Vinho de Baudelaire

O lado tedioso e marginal deste poeta do século 19 é revisitado frequentemente quando o assunto é a produção lítero-poética. Pra mim, o fim de semana prolongado e chuvoso, me trouxe a lembrança desta obra que venho lendo aos poucos.

Este poeta é o mesmo que inspira as pessoas a mostrarem um "quê" de intelectualidade ao falar dele. E faz sentido, Charles Baudelaire mantinha em seus versos o lado macabro e frustrado de seus amores mas, sem dúvida, sua precisão e sua métrica nos textos inspiraram diversos outros poetas.

O curioso de uma de suas obras é o capítulo dedicado ao vinho, cuja poesia, denominada Vinho Dos Amantes, descreve um momento típico de embriago, cuja permissão para adaptá-lo, insiro abaixo, em alusão às noites frias e chuvosas deste nosso outono:

O espaço hoje esplende de vida!  
Livre se esporas, freio ou ferida!

Cavalguemos no vinho: adiante  
Se abre um céu puro e fulgurante!

Como dois anjos que tortura  
Uma implacável aventura,  
No límpido azul da paisagem  
Sigamos a fugaz miragem!

Embalados no íntimo do Eu Quero  
De um lícido e febril afã,  
Qual num delírio paralelo,  
Lado a lado nadando, irmã,  
Chegaremos enfim, risinhos,  
Ao paraíso dos meus sonhos!

Se teve dificuldade para compreender não é porque está lícido, mas é que a poesia é assim mesmo; precisamos ser treinados, portanto, leia novamente. Leia alto, compassado e memorize. Quando estiver em uma roda de amigos, diga que vai declamar um poema de Baudelaire (pronuncia-se Bodelér). É chique e culto, sem dizer que vão te achar bêbado muito antes de terminar a poesia...

A natureza segue seu rumo. E você?

A natureza segue seu rumo. E você?

Já disseram que o ser humano está condenado a bagunça, à desordem. A natureza é perfeita em seu destino.

Tem umas imagens feitas com aquelas microcâmeras que mostram uma pequena formiguinha tomando um banho de um pingo de chuva e despencando da folha. Ficamos morrendo de dó. Mas, a natureza é perfeita em sua concepção. Os seres que lá

compõe são partes de um sistema coordenado, cuja ordem foi preestabelecida há milhões de anos.

E os seres humanos? Estes, são bagunçados mesmo. Eu sempre conto a história do parto de uma girafa. A girafa, faz o parto em pé e a girafinha, cai de uma altura de 2 metros e sai andando. A mulher, se se der ao luxo de fazer o parto em pé e a criança cair, certamente terá traumatismo craniano e vai morrer ali mesmo se não houver pelo menos o esforço de fazer a criança respirar pela primeira vez.

A ilustração colocada na matéria mostra bem o que estamos querendo dizer. A natureza segue o seu ritmo independente do que tem pela frente. Dizem – de maneira um tanto controversa – que alguém acorrentou a bicicleta à árvore, foi para a guerra e nunca mais voltou. A natureza não esperou o dono da bicicleta, apenas engoliu-a.

Existem vários casos iguais da natureza que seguiu seu rumo. Entretanto, não existe nenhum caso de alguém que ficou em casa esperando as coisas acontecerem e tudo aconteceu de bom na vida.

Ou seja, não se pode deixar as coisas no piloto automático, como se fosse necessário ensinar uma vez só e deixar. Isso é cada vez mais difícil. Os americanos fazem muito bem isso: não confiam demais no sistema e que checassem se determinadas ações críticas foram realmente executadas.

Fatos ruins vão acontecer naturalmente. Para que algo bom aconteça, temos que “forçar a barra”. Já disseram que as pessoas se descalibram com facilidade, têm falta de atenção. As pessoas cansam, todos cansamos. Variamos demais o nosso humor e somos emotivos.

Precisamos estar atentos a tudo. Colocar controle nos processos para buscar o resultado a qualquer custo, porque a natureza é perfeita. Nós...

Então, vamos praticar o TBC – tirar a bunda da cadeira!

## Não dá pra fabricar o “Se”

Toda vez que lembro do quanto nossa vida é questão de escolha, me vem à cabeça a cena de Benjamin narrando uma série de eventos importunos que se sucedem na vida de Daisy que a impedem de tornar-se uma grande bailarina. A cena é uma sequencia tórrida de “se”.

A cena se passa no filme O Curioso Caso de Benjamin Button, cujo ator é Brad Pitty e em nenhum momento nos perguntamos (pelo menos eu) como é que pode acontecer aquilo, isto é, ele nascer velho e morrer um bebê, até porque, em função da curiosidade, isso não tem a menor importância.

Tem uma história que sempre conto e que aconteceu comigo quando tinha 14 anos de idade (isso no ano de 1977, faz quase uma encarnação). Minha família, eu, minha mãe e meus dois irmãos estávamos em uma pindaíba de dar dó (sem dinheiro... passando necessidade). Meu pai havia se separado de minha mãe e ela estava trabalhando de balconista numa loja de roupas. Eu, precisando urgente trabalhar para trazer o dinheiro para casa, peguei no jornal um anúncio de uma vaga de “contínuo”, algo como um office-boy interno em um banco que não existe mais: o Banco Nacional.

Coberto pela necessidade e pelo desejo de trabalhar, lá fui eu buscar uma oportunidade no mercado e com isso defender o pão para mim e minha família. Preenchi a ficha, fiz a entrevista e fiquei esperando ansiosamente ser chamado.

Estou esperando até hoje.

Não sei o que aconteceria “se” tivesse trabalhado no Banco Nacional. Não sei mesmo e nem quero saber. Para os otimistas, poderiam dizer que eu hoje poderia ter sido gerente, diretor, ter ganhado uma baba de dinheiro porque o banco foi comprado por outro. Ou ter sido, quando ele foi vendido, ou antes, ou um mês depois, demitido ou sei-lá-o-que.

Tem uma história que diz que o camarada morreu e foi pro céu. Ao chegar lá deparou com uma fila com várias pessoas que traziam consigo um caderno embaixo do braço. A maioria das pessoas tinha seus cadernos bonitos, novos, organizados, grandes, ilustrados. Quando chegou a sua vez, ele mostrou para São Pedro uma caderneta daquelas do tipo que apresentam nas mercearias, cheia de anotações, rabiscos, meio gasta, com folhas soltas e amareladas, dobradas, com a capa toda destruída. Curioso, o falecido perguntou para São Pedro porque seu caderno era assim e ele respondeu: porque você só viveu de passado e sua vida não se renovou.

Que tal renovar suas idéias, seus conceitos todo o dia?  
Esqueça o "se"!



*João Bosco Maciel*  
*As cartas do capitão*

As cartas do capitão

sete cartas escritas no passado  
recheadas de sonhos permanentes  
sete caixas lotadas de presentes  
um tesouro guardado no porão  
cicatrizes correndo pela mão  
resultados de guerras já vividas  
sete mares cruzados, sete vidas  
carregadas de ares, de mister  
relicário de amores à mulher  
que no cais esperava o capitão

mas o tempo passou rapidamente  
e a mulher hoje não espera mais  
foi tragada por ondas colossais  
numa noite de dor e solidão

Navegante dos mares do Caribe  
Muito ouro nos dentes, nos anéis  
Mas agora estirado no convés  
É um corpo, inerte sem ação  
um tinteiro vazando pela mão  
*uma pena, ao lado de um papel*  
quatro estrelas brilhando lá no céu  
faiscando centelhas de azul  
a maneira que o cruzeiro do sul  
encontrou pra velar o capitão

mas o tempo passou rapidamente  
e a mulher hoje não espera mais  
foi tragada por ondas colossais  
numa noite de dor e solidão

### As três filhas de Maria

Maria tinha três filhas  
Finas, cultas bem singelas  
Todas muito parecidas  
E todas três muito belas

A primeira Madalena  
A segunda Conceição  
A terceira Bernadete  
Modelos de perfeição

Por influência da mãe  
Ou pela própria vontade  
As três se tornaram freiras  
em convento da cidade

a cidade em que viviam  
quem governava era um rei  
Um rapaz forte e bonito  
Que sempre cumpriu a lei

Era um homem muito rico  
No castelo tudo tinha  
Só faltava o principal  
A figura da rainha

Certo dia o rei jurou  
às três filhas de Maria  
que com ele uma das três  
um dia se casaria

cinco anos se passaram  
e ele foi visitar  
As três filhas de Maria  
Pois queria se casar

Bem na porta do convento  
Um sininho ele tocou  
Lhe atendeu Madalena  
ele então se apresentou

Eu procuro uma donzela  
Singela como uma flor  
A quem chame de rainha  
A quem dê o meu amor

dos olhos negros da freira  
pequena lágrima escapou  
baixinho, bem delicada  
ela ao rei assim falou

Eu sou Irmã dorotéia  
Sou filha da Santa sé  
Na clausura eu me recolho  
Em contemplação, e fé

Quando não enclausurada  
Eu estou nos hospitais  
Praticando a caridade  
É isso que a freira faz

e depois se despediu  
deixando o rei no salão  
E enquanto se retirava  
entoava uma canção

O meu coração  
É só de Jesus,  
A minha alegria  
É a santa cruz

O rei triste e desolado  
Ao castelo retornou  
A recusa desta freira  
Seu coração castigou

Mais três anos se passaram  
E o rei não se conformou  
Não era de desistir  
E ao convento retornou

Bem na porta do convento  
O sininho ele tocou  
Lhe atendeu Conceição  
E Ele se apresentou

Eu procuro uma donzela  
Singela como uma flor  
A quem chame de rainha  
A quem dê o meu amor

o lindo rosto da freira  
Na hora se transformou  
E com voz calma e serena  
Para o rei assim falou

Eu sou Irmã carmelita  
Larguei as coisas banais  
Entreguei a vida a Deus  
Esteio de amor e paz

No pano do escapulário  
carrego São João da Cruz  
Que prega a sublimação  
Caminho que leva à luz

e depois se despediu  
sofria seu coração  
E como fez sua irmã  
entooou esta canção

O meu coração  
É só de Jesus,  
A minha alegria  
É a santa cruz  
O rei ouviu cabisbaixo  
A exposição da freira  
Despediu-se e foi embora  
Era uma segunda-feira

Mais três anos se passaram  
E o rei não se conformou  
Buscava quem lhe amasse  
E ao convento retornou

Bem na porta do convento  
O sininho ele tocou  
Lhe atendeu Bernadete  
E ele então se apresentou

Eu procuro uma donzela  
Singela como uma flor  
A quem chame de rainha  
A quem dê o meu amor

Ela ouviu com atenção  
O rei se manifestar  
E com voz doce e singela  
começou a lhe falar

Eu sou Irmã Mariana,  
Sou das obras sociais  
da ordem salesiana  
das causas eclesiais

eu jurei obediência  
à minha congregação  
que pratica a caridade  
que vive de oração

e também se despediu  
 com um rosário na mão  
 e com a voz doce que tinha  
 cantou a mesma canção

O meu coração  
 É só de Jesus,  
 A minha alegria  
 É a santa cruz

O rei triste, se abateu  
 Depois veio a depressão  
 Não saia mais de casa  
 Sangrava seu coração

Muitos anos se passaram  
 o castelo abandonou  
 Não achando quem amasse  
 Num mosteiro se internou

Foi viver de caridade  
 E em lugar da realeza  
 os cantos gregorianos  
 a castidade, a pobreza

virou monge franciscano  
 do passado se esqueceu  
 silêncio, seu universo  
 o mosteiro, o mundo seu

e no lugar onde vive  
 Recolhido em oração  
 Sempre ao final da tarde  
 Ele canta esta canção

O meu coração  
 É só de Jesus,  
 A minha alegria  
 É a santa cruz

### Cabelo leseira

Oi Zé,  
 Esse menino  
 Tem um cabelo na mão?

Sei não,  
 Tô achando,  
 que não tem cabelo não

todo menino  
 que tem cara de bobinho  
 mas é amante das artes  
 tem na mão um cabelinho  
 e todo eles  
 com esse pelo na mão  
 não gostam de trabalhar  
 não querem ocupação  
 e esse menino  
 lê música de partitura  
 gosta de literatura  
 canta sem desafinar  
 se esse menino  
 anda sozinho na rua  
 vive no mundo da lua  
 não vai querer trabalhar  
 se esse menino  
 anda sozinho na rua  
 vive no mundo da lua  
 não vai querer trabalhar

esse menino  
 só frequenta recitais  
 museus, sebos literários  
 teatros municipais  
 esse menino  
 esculpe bem na madeira  
 tem quadros em galerias  
 é um pintor de primeira  
 esse menino  
 Estuda cenografia  
 gosta de filosofia  
 de tudo que faz pensar  
 esse menino  
 nunca pegou no pesado  
 vive sempre desligado  
 não vai querer trabalhar  
 esse menino  
 nunca pegou no pesado  
 vive sempre desligado  
 não vai querer trabalhar

Esse menino,  
 Tem excelente memória  
 de Platão conhece tudo  
 Toda vida, toda história  
 Esse menino,  
 contrariando seus pais  
 é ator participante  
 de tres peças teatrais  
 Esse menino,  
 Já leu 'O alienista'  
 diz que quer ser um artista  
 do teatro popular  
 Esse menino,  
 Com seu jeito diferente  
 não vai pegar no batente  
 não vai querer trabalhar  
 Esse menino,  
 Com seu jeito diferente  
 não vai pegar no batente  
 não vai querer trabalhar

Esse menino,  
foi palhaço, e bilheteiro  
homem-bala, trapezista  
cuspiu fogo em picadeiro  
Esse menino,  
repentista e cantador  
o capeta no improviso  
seja no tema que for  
Esse menino,  
toca flauta e violino  
dança como um bailarino  
tem talento pra danar  
Esse menino,  
não para de abrir a boca  
um tremendo porra-lôca  
não vai querer trabalhar  
Esse menino,  
não para de abrir a boca  
um tremendo porra-lôca  
não vai querer trabalhar

Esse menino,  
Vive de paz, de amor  
credo em cruz ave-maria  
eita cara sonhador  
Esse menino,  
faz roteiro, faz poema  
tirou foto pra revista  
Quer ser ator de cinema  
Esse menino,  
fez tres anos de piano  
não vê filme americano  
vive só pra poetar  
Esse menino,  
não tem mesmo o pé no chão  
não conte com ele não  
não vai querer trabalhar  
Esse menino,  
não tem mesmo o pé no chão  
não conte com ele não  
não vai querer trabalhar

esse menino  
 se se prestar atenção  
 acha um cabelo leseira  
 na palma de sua mão  
 Esse menino,  
 gosta de guitarra-solo  
 usa brinco, é cabeludo  
 traz mochila a tira-colo  
 Esse menino,  
 De teatro é professor  
 é também pesquisador  
 de cultura popular  
 Esse menino,  
 vive vagando no mundo  
 vai virar um vagabundo  
 não vai querer trabalhar  
 Esse menino,  
 vive vagando no mundo  
 vai virar um vagabundo  
 não vai querer trabalhar

Oi Zé,  
 Esse menino  
 Tem um cabelo na mão?

Sei não,  
 Tô achando,  
 que não tem cabelo não

### Cavalo de pau

Com certeza é dos mais inteligente  
 dos meninos viventes na freguesia  
 De argila fez uma cavalaria  
 De madeira fez as armas dos tenentes  
 uniformes de todos combatentes  
 ele fez de fiapos de sisal  
 as medalhas do mandante general  
 construiu dos restos de uma bacia  
 relicário de sonho, de fantasia  
 o menino em seu cavalo de pau

Um pião fez do pau de goiabeira  
 fez esquadra de barquinhos de papel  
 fez pipas com linha de carretel  
 De forquilha fez cabo de baladeira  
 Fez bonecas paramentadas de freira  
 com sabugos que pegou no milharal  
 na madeira esculpiu um picapau  
 perfurando um ôco de moradia  
 relicário de sonho, de fantasia  
 o menino em seu cavalo de pau

isopor pra asas de um avião  
 Rolimãs pra rodas do patinete  
 Duma lata fez uma camionete  
 De madeira ele fez um violão  
 Fez as cordas com arame de latão  
 E da sobra ele fez um berimbau  
 Um carrinho fez de caixa de mingau  
 Fiel cópia do modelo kharman-ghia  
 relicário de sonho, de fantasia  
 o menino em seu cavalo de pau

De catemba ele fez um telefone  
 De arame fez uma bicicletinha  
 de barro fêz ovos de uma galinha  
 De bambú ele fez um microfone  
 Como cola ele usou o silicone  
 Como enfeite filetinhos de metal  
 De sucata ele fez um castiçal  
 Com requintes de peça de burguesia  
 relicário de sonho, de fantasia  
 o menino em seu cavalo de pau

fez um galo com cacos de porcelana  
 Guarda-chuva transformou num paraquedas  
 Um porquinho virou cofre de moedas  
 De taboca fez uma zarabatana  
 Os petardos fez de baço de cana  
 Que catou dentro do canavial  
 Desenhou no tronco de um pé de pau  
 Detalhado mapa da oceania  
 relicário de sonho, de fantasia  
 o menino em seu cavalo de pau  
 de caixinhas de fósforo que foi juntando  
 ele fez um trenzinho e cem vagões  
 que pára na frente das estações  
 fumagando, dando espirros e apitando  
 ele fez seis vaqueiros aboiando  
 conduzindo o gado para o curral  
 são peças de quadro medieval  
 em cenário de beleza e harmonia  
 relicário de sonho, de fantasia  
 o menino em seu cavalo de pau

fez de tudo com retalhos de cabaça  
 catavento, carrapeta, currupio  
 a banheira transformou-se num navio  
 que ficou em exposição na praça  
 e não há objeto que não faça  
 em madeira, barro, ferro, pedra, ou pau  
 pode ser com qualquer material  
 ele faz muita coisa num só dia  
 relicário de sonho, de fantasia  
 o menino em seu cavalo de de pau

finalmente seu cirquinho construiu  
 Com palhaços, acrobatas, trapezistas  
 Homens-bala, serviçais, malabaristas  
 Com corcéis brancos de Buffalo bill  
 E com ele percorre todo Brasil  
 nos extremos, centro, norte e litoral  
 nas cidades com porte de capital  
 permanece mais tempo de estadia  
 relicário de sonho, de fantasia  
 o menino em seu cavalo de de pau

### Olho d'água

das fundas cavernas  
 dos lagos sem fim  
 me diz olho d'água  
 que trazes pra mim

alguns manuscritos  
 do rei salomão  
 lenha de fogueira  
 da inquisição  
 um braço de mar  
 e um dedo da mão  
 de Daladier

pois é, isso tudo  
trago pra você

do fundo das águas  
do rio tapajós  
me diz olho d'água  
que trazes pra nós

vestido de chita  
fitas de cetim  
o som da matraca  
tiros de festim  
catarro da gripe  
de um curumin  
filho de urupês

pois é, tudo isso  
trago pra vocês

das chuvas cadentes  
sobre os milharais  
me diz olho d'água  
que trazes a mais

as vigas da terra  
as dores do mundo  
o bastão de ouro  
de Pedro segundo  
o bobo da corte  
em sono profundo  
e seus ancestrais

São todas estas coisas  
que trago de mais

por fim olho d'água  
preciso saber  
me diz o que foi  
que não pôde trazer

as línguas de fogo  
um feixe de luz  
o manto sagrado  
os pregos da cruz  
o choro contido  
da mãe de Jesus  
no alvorecer

Por mais que quisesse  
não pude trazer

### Vida de carrossel

Coloridos cavalinhos  
Pulem pulem sem parar  
Mostrem graça, mostrem vida  
Pra pequena Margarida  
Que tem tristeza no olhar

tem o pai desempregado  
parado sem trabalhar  
em casa não tem dinheiro  
mas tem contas pra pagar  
e Margarida padece  
por não poder ajudar

por pequenas Margaridas  
brilhem luzes coloridas  
piscando cores no ar  
Toque toque realejo  
Três marchinhas de quartel  
Rode rode carrossel  
Em delirante embalar

Embale todas as Guidas  
devolvendo seus sorrisos  
cintilando seus olhinhos  
lhes ensinando voar  
algazarrem cavalinhos  
relinchem,  
brinquem,  
saltitem  
não parem galopar

Coloridos cavalinhos  
Pulem pulem sem parar  
Sejam cor, luz, e, verniz  
que a pequena Beatriz  
traz tristeza em seu olhar

seu irmão estudou muito  
passou no vestibular  
mas está angustiado  
por não ter como pagar  
a alta mensalidade  
da rede particular

por pequenas Beatrices  
toquem sinos das matrizes  
em festivo badalar  
Toque toque realejo  
cumpra bem o seu papel  
Rode rode carrossel  
Em delirante embalar

Embale todas as Bias  
devolvendo seus sorrisos  
cintilando seus olhinhos  
lhes ensinando voar  
algazarrem cavalinhos  
relinchem,  
brinquem,  
saltitem  
não parem galopar

Coloridos cavalinhos  
Pulem pulem sem parar  
Façam o que puder por ela  
Pois a linda Manoela  
Traz tristeza em seu olhar

sempre quiz uma boneca  
e o pai nunca pôde dar  
tem vergonha de pedir  
e pra não lhe magoar  
vai esperar o natal  
quando dezembro chegar

por pequenas Manoelas  
abram rosas amarelas  
em cheiroso perfumar  
Toque toque realejo  
o canto de Rapunzel  
Rode rode carrossel  
Em delirante embalar

Embale todas Maninhas  
devolvendo seus sorrisos  
cintilando seus olhinhos  
lhes ensinando voar  
algazarrem cavalinhos  
relinchem,  
brinquem,  
saltitem  
não parem galopar

Coloridos cavalinhos  
Pulem pulem sem parar  
Carregadinhos de amor  
que o pequeno Nicanor  
traz tristeza em seu olhar

os seus pais são separados  
e o pai longe foi morar  
mas um dia em cada mes  
ele vem lhe visitar  
vieram hoje ao parquinho  
logo vão se separar

por pequenos Nicanores  
rufem couros de tambores  
tecendo ondas no ar  
Toque toque realejo  
Três cantigas de cordel  
Rode rode carrossel  
Em delirante embalar

Embale todos Niquinhas  
devolvendo seus sorrisos  
cintilando seus olhinhos  
lhes ensinando voar  
algazarrem cavalinhos  
relinchem,  
brinquem,  
saltitem  
não parem galopar

Coloridos cavalinhos  
Pulem pulem sem parar  
Como faz cavalo grande  
Pois o pequeno Alexandre  
traz tristeza em seu olhar

a família é muito pobre  
não tem casa pra morar  
não tem lápis nem caderno  
não tem o livro escolar  
porisso que sua mãe  
não vai lhe matricular

por pequenos Alexandres  
vibrem zínco, vibrem flandres  
assim como vibra o mar  
Toque toque realejo  
para os herdeiros do céu  
Rode rode carrossel  
Em delirante embalar

Embale todos Xandinhos  
devolvendo seus sorrisos  
cintilando seus olhinhos  
lhes ensinando voar  
algazarrem cavalinhos  
relinchem,  
brinquem,  
saltitem  
não parem galopar

Coloridos cavalinhos  
Parem parem de pular  
Virem circo, virem pão  
Pra muitos de pé no chão  
Que acabaram de chegar

são meninas limpa-vidro  
são nórias que cheiram cola  
são filhas de boia-frias  
são gurís que jogam bola  
são moradores de rua  
são pirralhos sem-escola

por pequenos excluídos  
que ouçam todos os ouvidos  
o clamor deste cantar  
toquem toquem realejos  
seus sonoros carreteis  
rodem rodem carrosseis  
Em delirante embalar

Embalem todas crianças  
devolvendo seus sorrisos  
cintilando seus olhinhos  
lhes ensinando voar  
coloridos cavalinhos  
nesta festa de alegria  
esparramem fantasia  
não parem de galopar



José Augusto Rodrigues Pinheiro

Sementes de esperança

Eu cresci ouvindo os mais velhos dizerem que uma existência, para ser completa, necessita de três importantes e decisivos atos: escrever um livro, plantar uma árvore e ter um filho – não necessariamente nessa ordem. Pois bem, as imagens contidas nesta página provam que o meu subconsciente ficou inundado com os conselhos dos mais sábios que eu. Missão cumprida? Não.

A poucos meses de completar meu primeiro cinquentenário (sim, sou muito otimista!), observo o que já me foi possível construir aqui neste efêmero plano material e concluo: foi um bom e promissor começo... e só. A vida na Terra prossegue o seu curso, sinalizando e exigindo de cada um de nós uma atitude bem mais relevante do que contemplar o que está feito.

Ao plantar uma muda de árvore, e observar dia a dia o seu crescimento, senti-me parte da natureza divina que habita todos nós, filhos de Deus; mas que também ilumina cada uma das existências vegetal, mineral e animal, bem como as estrelas que cintilam no céu – 24 horas por dia. Não percebemos isso porque ainda não enxergamos além do nosso limitado entorno. Se tanto...

Ao escrever um livro, eu o fiz com o propósito de compartilhar o que há de mais puro no meu íntimo em prol de um futuro mais fraterno entre nós. Eu visualizo esse como um tempo mais nobre para os mais de sete bilhões de irmãos e irmãs aos quais estou

sempre integrado. Esse não é privilégio meu; nós estamos todos umbilicalmente ligados neste lindo planeta azul marinho. Afinal, o que alguém faz na cidade impacta o cotidiano nas florestas e nas matas.

Quando me tornei pai, eu percebi o quanto ignoro. Para minha sorte, a magnanimidade do Pai estabeleceu a ordem natural das coisas. Eu devo aprender com quem chegou depois, preparado para herdar o que as gerações anteriores edificaram. Teria sido melhor que fossem eternos os valores que as crianças recebessem ao nascer. Mas quase tudo parece pintado de cinza-concreto.

É. Parece que a obra continua incompleta. Dependendo do ponto de vista, esta pode ser uma informação auspiciosa e muito promissora. Por isso eu devo fazer a minha modesta parte, plantando sementes de esperança em forma de árvores, transformando ideias em ideais por meio de boas palavras e ações, e produzindo exemplos positivos que norteiem o caminho de nossos amados jovens.

Muito prazer!

### Muito obrigado, amigo Jair

Naqueles tempos de poucos recursos materiais, eu fui sozinho, pela primeira vez, cortar o cabelo na barbearia da rua 13 de Maio, na Vila Galvão. Era 1974, e eu estava com 11 anos. O barbeiro se chamava Jair, e estava com 31 anos. Um jovem, portanto.

A minha mãe me dera o valor certinho para o corte: cinco cruzeiros. Quando chegou a minha vez, o Jair me chamou e fez a pergunta que marcaria a minha vida: você quer uma lavagem nos cabelos. Eu disse 'sim'.

Porém, enquanto Jair lavava a minha vasta cabeleira da época, eu observei no quadro de preços dos serviços, que o corte + lavagem custava sete cruzeiros. Eu fiquei muito envergonhado, com vontade de levantar-me da cadeira e sair correndo...

Ao voltar para a cadeira do barbeiro, eu resolvi dizer a verdade a ele: - Eu só tenho cinco cruzeiros. No que Jair respondeu, prontamente, para grande alívio de minha parte: - Tudo bem!

Naquele momento, o filho do barbeiro José, que lhe ensinou o ofício, Jair Carlos de Carvalho fidelizou um cliente e eu ganhei um grande e eterno amigo.

Descanse em paz, generoso e querido amigo Jair.

### Feliz Dia, Mulher!

A ocasião é muito especial. Nós, homens, devemos aproveitar este dia – em um rico universo de 365 rotações da Terra – para nos confraternizarmos com as representantes do sexo feminino. Nossa mãe, irmã, amiga, esposa, enfim o ser especial que Deus criou para abrigar as melhores características humanas.

O Pai foi muito generoso para conosco, homens, ao oferecer companheiras tão lindas, dóceis, amorosas, amistosas, criativas, sensíveis, agradáveis, solícitas, simpáticas, etc., etc., etc.. O que há de melhor na Criação ficou para vocês, mulheres, inclusive – e principalmente – abrigar no ventre o fruto do amor e o futuro de nossa civilização.

Qual de nós, homens, suportaria a dor do parto?. Uma dor de cabeça, mesma a mais leve, já nos faz mudar de humor. Elas não; mesmo suportando regras mensais, o sorriso está lá – presente, como um divino presente para nós, homens, entendermos e admirarmos a natureza humana.

Essa natureza é divina, pois fomos todos – homens e mulheres – feitos à imagem e à semelhança d'Ele. Mas, se alguém chegou mais perto da perfeição, depois de Jesus – o Nazareno, foram vocês, mulheres.

Parabéns, pelo seu dia! O mundo masculino se rende ao óbvio: nós não viveríamos um dia sequer sem vocês... nem hoje, nem nunca!

### O que eu fiz pela minha cidade hoje?

Guarulhos, 452 anos! Hoje é dia de festa para todos os guarulhenses, os filhos naturais e os filhos que adotaram como sua esta pujante cidade. De história umbilicalmente ligada aos primórdios da capital, Guarulhos ostenta números expressivos. Não bastasse a proximidade com São Paulo – e todos os bônus e ônus que isso acarreta –, os habitantes desta terra sonham com uma cidade com melhores qualidade de vida e distribuição de renda. Ainda são muitas as desigualdades existentes aqui, mas o quadro vem ganhando cores mais vivas de desenvolvimento urbano e econômico, saúde, educação e saneamento básico.

Neste oito de dezembro, a cidade parou. Como ocorre em todas as cidades brasileiras, existe um dia dedicado à municipalidade. Nós escolhemos o dia da padroeira – Nossa Senhora da Conceição de Guarulhos – para lembrarmos a nossa fundação. Todos que aqui estudam e trabalham tiveram um dia de folga. Ou melhor, quase todos... Eu, por exemplo, aproveitei a tranqüilidade da manhã de hoje para colocar em ordem algumas pendências. E para minha alegria, encontrei o barbeiro a postos para cortar o meu cabelo; o feirante de vila Galvão sorrindo e me oferecendo frutas, verduras e legumes; o vendedor de camisas de futebol animado com a recente conquista do Corinthians e com a possibilidade de encontrar santistas otimistas pelo caminho.

Então, ao deparar com inúmeras pessoas dispostas a ajudar os semelhantes com o seu sagrado trabalho, eu refleti: o que eu fiz minha cidade para merecer um dia de folga? Cheguei à conclusão de que a melhor maneira de retribuir o muito que recebo de Guarulhos é prestando o meu melhor serviço, com a minha mais forte energia positiva para auxiliar na edificação de uma sociedade mais equilibrada e feliz. Por isso eu estou aqui, fazendo companhia para você, ouvinte do RBN Notícias; trazendo informações que – espero – sejam úteis no seu dia a dia;

entrevistando pessoas ilustres como você e delas obtendo uma opinião que faça sentido na mente e no coração de cada ouvinte.

Eu não estaria mais contente se estivesse em outro lugar que não aqui, neste estúdio de rádio, a rádio da minha cidade natal, pronunciando conjuntos de palavras que transformem o mundo em que vivo no lugar digno que todos nós tanto almejamos. Eu deixei de trabalhar há muitos anos e passei a fazer o que sempre almejei: atuar na área de comunicação. Abri mão de um pseudo conforto para ser feliz. Alguns chamam a isso de sonho; eu o denomino como missão de vida. Assim eu espero estar fazendo algo pela minha cidade. Muito obrigado, Guarulhos, por me receber em seu berço naquele ano de 1963. Muito obrigado, Paulo e Anna, por compartilharem comigo o grande amor de vocês. Obrigado, ouvinte, por também contribuir com o seu trabalho para esta obra em eterna construção chamada 'cidade de Guarulhos'.

### Noite de Luzes

Wladimir Cerqueira é um homem muito grande – um verdadeiro homenzarrão. Ele tem 36 anos, mas manteve o coração puro como o de uma criança de 06 anos. Aliás, foi com essa idade que Wladimir chegou às Casas André Luiz - onde mora até hoje. Todos os dias, a partir de janeiro, ele pergunta para quem encontra pelo caminho: “Quando será a Noite de Luzes?”.

É com esse mesmo espírito que centenas de crianças, assim como Wladimir, aguardam ansiosamente pelo evento mais importante do ano para elas. A Noite de Luzes contempla uma série de atividades natalinas, que incluem a chegada do Papai Noel, shows musicais, visita dos padrinhos e de simpatizantes da missão das Casas André Luiz.

Na edição de 2011, o grande evento será realizado no dia 05 de dezembro, a partir das 20 horas, no Bosque Maia – ampla área de vegetação natural, incrustada no centro da cidade de Guarulhos, onde fica a sede da instituição. Entre as inúmeras vantagens para as nossas crianças, estão: a visita à decoração de Natal e a interação com o público presente no local.

Nos anos anteriores, a Noite de Luzes foi realizada nas dependências das Casas André Luiz – sempre com muita emoção e sucesso absoluto de felicidade para os nossos pacientes. Neste ano, porém, nós desejamos subir esse novo degrau. Marque em sua agenda: 05/12, 20h, Bosque Maia (av. Paulo Faccini) – Noite de Luzes!

Que Deus continue iluminando o seu caminho.

### Sinal Fechado

A relação é inversamente proporcional: quanto menos tempo disponível para vencer as atividades do dia, maior o tempo necessário para dedicar ao estágio vermelho dos semáforos da cidade. O excesso de veículos é o grande vilão. Então, paciência!

“A paciência é o lugar onde o amor encontra a sabedoria”. As sábias palavras contidas no livro ‘O Desafio de Amar – Dia a Dia’ (BV Films Editora – 2009) representam um maravilhoso antídoto para evitar sofrimentos com o estresse do trânsito. Veículos de todos os tamanhos e modelos disputam o pouco espaço nas ruas com pessoas, ciclistas, motos e caminhões. No meio do caminho das nossas ruas e avenidas sempre haverá um semáforo. Vermelho, invariavelmente.

Relato pessoal: Sexta-feira Santa, 06 de abril de 2012, 09h30, trafegando pelas ruas de meu bairro, vila Galvão, com o objetivo de ir ao Internacional Shopping, eu enfrentei trânsito tranqüilo, mas os primeiros quatro semáforos estavam fechados. Após cinco

minutos, eu consegui avançar 400 metros. Velocidade média: 4,8 km por hora; o correspondente ao ritmo de uma tranquila caminhada.

Guarulhos tem hoje 380 cruzamentos viários com semáforos. Parece muito? Segundo o secretário de Transportes e Trânsito da cidade, Atílio André Pereira, serão instalados mais 30 somente neste ano. “Os semáforos são válvulas para regular melhor a mobilidade urbana”, definiu Pereira. Faz sentido. Afinal, quando não há um farol para disciplinar o fluxo de veículos, vale a lei do mais forte ou a do mais ousado. E isso não é bom.

Guarulhos deverá contratar os serviços de empresa especializada em sinalização semafórica para avaliar a situação atual e, também, os mais de 500 pedidos de implantação de novos semáforos que chegam anualmente à mesa do secretário. A situação, portanto, pode ficar ainda mais complexa – e lenta. A postura otimista do guarulhense, porém, exige que nós enxerguemos uma luz no fim do túnel. Luz verde, de preferência.

“Os diversos incentivos governamentais para aquisição de carros por particulares vão na contramão da solução para o problema do trânsito nas grandes cidades. Somente o investimento em grande escala no transporte público de massa e de qualidade, a exemplo do metrô e o Veículo Leve sobre Trilhos - VLT, poderão minimizar estes efeitos”. As palavras são do advogado Antonio Roberto Marchiori, ex-presidente da Associação dos Empresários de Cumbica, profundo conhecedor das agruras vividas por quem transita pela Cidade Industrial.

### Problemas e soluções

O secretário Atílio traz a solução, citando as boas perspectivas que se abrem na rodovia Presidente Dutra, que corta a cidade em toda a extensão norte/nordeste desde 1952. Aliás, aí reside

um paradoxo. A estrada que catapultou Guarulhos à condição de segunda maior economia do estado de São Paulo transformou-se na principal avenida da cidade – e os problemas de mobilidade foram se intensificando vertiginosamente. “Em dez quilômetros de rodovia, nós temos apenas a entrada para o Aeroporto (km 219) seguir, em Bonsucesso (km 209)”. Estão previstas saídas no sentido RJ em Cumbica (km 216), Jacu-Pêssego (km 214) e Carmela (km 212), o que desafogaria o trânsito no Trevo do Bonsucesso – o principal gargalo na cidade.

A dependência da rodovia presidente Dutra é fator de empecilho para a mobilidade urbana. “Os motoristas precisam ter mais opções”, afirma o secretário, cujos planos passam pela avenida papa João Paulo e a Tancredo de Almeida Neves. Outro exemplo: no aeroporto André Franco Montoro, nosso hóspede ilustre de 1985, são mais de 90 mil pessoa por dia – com entrada e saída únicas. A solução estudada pela Prefeitura é a construção de um anel no entorno – que englobaria a Marginal Baquirivu, a duplicação da rua Bela Vista do Paraíso, avenida João Paulo I (Jardim Presidente Dutra), Estrada Guarulhos-Nazaré e avenida Monteiro Lobato.

E no centro da cidade? Bem, é melhor evitar ir de carro para lá. O trânsito nos horários de pico exige maior tolerância aos motoristas. E aos pedestres também. O tempo destinado a cada ator parece cada vez mais curto. E a imprudência parece imperar dos dois lados. “Falta bom senso no trânsito. Cada um busca o caminho mais curto para si, normalmente deixando a segurança de lado”, disse em entrevista para o programa Direitos e Deveres, da TV Destaque, o Dr. José Augusto Brandt, da Junta Administrativa de Recursos de Infrações – Jari. Isso somente agrava o estado de ânimo e a amplia as estatísticas de acidentes.

## Túneis em Guarulhos

Talvez esteja chegando a hora de Guarulhos projetar túneis para viabilizar o seu trânsito de veículos. A cidade, que já tem mais de 500 mil veículos licenciados transitando pelos 318 km<sup>2</sup>, deverá ter túneis na praça Getúlio Vargas e na avenida Paulo Faccini – no cruzamento com a avenida Tiradentes. Segundo o secretário Atílio, “Os semáforos já não dão mais conta do grande fluxo de veículos. Em alguns horários, o congestionamento é inevitável”, É mesmo.

Existe uma ótima situação que preocupa os guarulhenses. A pergunta está na mente de todos que transitam pela cidade: como vai ficar o trânsito quando ficarem prontos todos os prédios que estão sendo construídos na cidade? As perspectivas são sombrias. O município, que tinha 289 mil domicílios em 2000, viu o número aumentar 36% em 10 anos – para uma população que cresceu 12%. Como não há mais espaço no chão, edifica-se para o alto. “A verticalização das moradias começou em 2002 e intensificou-se há dois anos”, diz o secretário. Vai faltar rua para tantos carros.

Para o nó de marinho dado no trânsito em Guarulhos não parece haver mais dúvidas de que a solução é o transporte público. Implantado no início de 2011, o sistema integrado de transporte ainda não representa um convite tentador para quem precisa locomover-se em Guarulhos. As alterações, ainda que necessárias, foram abruptas e não foram completamente assimiladas por quem costumava tomar uma condução para ir do ponto A ao ponto B e agora precisa de duas.

Talvez o tempo – senhor da razão – e a inauguração de todos os terminais de ônibus possam deixar o plenamente eficaz o sistema o sistema de transporte público. Os terminais São João, Cecap e Pimentas já foram inaugurados. Os próximos serão Taboão e Vila Galvão. Segundo dados da Secretaria de Transportes e

Trânsito, são 108 linhas disponíveis – que em dezembro de 2011 embarcou e desembarcou quase 11 milhões de passageiros, representando aos usuários uma economia acumulada de 62 milhões de reais nos dois primeiros meses do ano. Os números, embora superlativos, não eliminam os congestionamentos nos horários de rush (veja quadro de melhores horários para dirigir em Guarulhos).

Casar ou comprar uma bicicleta? Decisão histórica bastante difícil. Em Guarulhos foi inaugurada a ciclofaixa das avenidas Paulo Faccini e Transguarulhense, que funciona no período das 07h às 16h de domingo. É um bom começo. Porém, essa deve ser uma medida que ultrapasse as fronteiras do lazer e se torne uma opção significativa de locomoção. Está prevista a implementação de ciclovias na Marginal Baquirivu, e avenida Monteiro Lobato, papa João Paulo I e Juscelino Kubitschek de Oliveira. Ponto para a saúde e para a natureza.

Entrevistado pela Novità nesta edição, o empresário Daniele Pestelli visualiza em 2020 uma Guarulhos muito bonita e com boa qualidade de vida para a sua população. “Se este processo urbanístico prosperar, com esse ideal de você difundir que é muito mais importante: a mobilidade do cidadão. Ou seja, a rua deve ser devolvida ao cidadão. Andar é mais prazeroso, passar em frente a um bar e tomar um cafezinho. Se o cidadão começa a entender que isto é mais agradável e mais rápida para atingir o objetivo de ir e vir eu diria que nós teremos uma transformação expressiva da cidade com o aumento sensível das calçadas. Nós vamos começar a ‘brigar’ não por buracos nas ruas, mas por calçadas melhores e mais agradáveis para se percorrer”. Que assim seja!



José João de Macedo

Chão

Chão

Para Max Marques e Heide

Desço do palco e assumo  
a minha frágil condição:  
sou apenas uma pequenina  
partícula do chão.  
Estou preso à vida,  
ao céu e ao chão.  
O chão é o princípio,  
o berço, o palco e o pão.  
O céu é além...  
além da visão:  
é o espírito e a alma do chão.

Norte

Para Rita de Cássia

Todos os meus caminhos  
me levam até você.  
Você é o meu norte.  
Você me traz paz,  
prazer e sorte.

### Senhor silêncio

Para Marlene Nunes Guerra

O silêncio, quando não imposto,  
traz paz.  
Ouço o silêncio  
e imagino que estou pensando,  
pensando na vida.  
E, enquanto penso que penso,  
sigo os princípios de uma sociedade  
matriz e meretriz.  
Com a alma em prantos  
e o coração em farrapos,  
ando, sem rumo,  
pelos caminhos da incerteza,  
rumo a lugar nenhum,  
em busca do paraíso perdido e inexistente.  
E, para passar o tempo,  
vou, sozinho, juntando  
os cacos das glórias e das vaidades.  
Ouço o silêncio: senhor silêncio.

### A vida

Para Eliana Nunes Guerra

A vida é assim:  
nacer,  
crescer,  
chorar,  
brincar,  
sofrer,  
e, na incerteza de tudo,

trabalhar,  
trabalhar,  
trabalhar, para, talvez, merecer  
a luz e o calor do sol.  
E, depois, cedo ou tarde,  
partir...

### Aparência

Para Manuela Ferreira

Eu tenho  
um bom coração  
e uma imensa  
beleza interior,  
por isso,  
sempre me viro  
pelo avesso  
e fico, diante do espelho,  
me admirando.

### Iluminar

Para Edna Nunes Guerra

Precisamos iluminar  
nossos caminhos,  
nossas mentes,  
nossos espíritos  
para eliminar  
a fome e o desejo  
que se nutrem  
da nossa fé,

do nosso medo,  
do sal do nosso suor  
e das nossas lágrimas.

### Salmo

Para Maria Campos Marques Fernandes

Senhor, perdoe as minhas súplicas,  
não sou santo nem profano:  
sou humano.  
Não lavo as minhas mãos nem as minhas culpas.  
Mas, se clamo, Senhor, não é por mim,  
clamo pelas crianças abandonadas,  
espalhadas, como lixo, pelas ruas  
e as margens das estradas.  
Em silêncio, elas pedem com os olhos:  
pedem ternura e paz.  
Se clamo por Ti, Senhor, é porque não acredito  
nas autoridades e nem nas leis.  
As autoridades fingem não vê-las  
ou as olham com desprezo  
e as leis não bastam,  
é preciso pô-las em prática.  
Sei, Senhor, não esqueceste a mensagem:  
“Deixai as crianças em paz  
e não as impeçais de virem a mim,  
pois o reino dos céus é daqueles  
que lhe são semelhantes.”  
“Na certeza de ser atendido,  
desde já, agradeço.”  
Obrigado, Senhor !

### Manual de Instrução Para Sábata Sanches Leite

Ouçá a voz da memória,  
do coração, da razão  
e siga apenas os impulsos  
que pulsam nos seus pulsos.  
Não se iluda com os espetáculos  
do mundo e da mídia:  
(não existe verdade na mídia).  
Não distancie de si mesma,  
de si mesmo nem da natureza.  
Não acredite nas coisas.  
(Deus não existe nas coisas)  
Não desperdice a vida:  
a vida é para ser vivida,  
não é para ser vencida, destruída.  
Você é jovem, tem tempo,  
tenho o tempo:  
faça do tempo o seu templo  
e viva plenamente.  
Nunca leve vantagem:  
As vantagens devem ser repartidas.  
Se há desordem, incoerência e indecisão:  
a ordem é não cumprir ordem;  
é não seguir manual de instrução;  
é não temer o medo,  
os desafios,  
e os avessos,  
os abismos:  
a experiência sabe verdades,  
sabe mistérios, sabe segredos...

**O sonho**

Para Maria José da Silva

Decepcionado, cansado  
de tanto sofrer calado,  
o sonho já não sonha mais  
e vive mal.

Mas se recusa a morrer,  
ele precisa de alguém,  
de alguém que o ampare,  
que o embale,  
que o encha de vida,  
de força,  
de fé,  
de coragem  
e de sentido para, novamente, sonhar.

**Constatação**

Para Virgínia Gonçalves

Vou no vazio do vazio,  
exercitando as minhas limitações.  
E, consumido pelas dúvidas  
do ser ou não ser,  
sei que a vida vale  
pouco ou quase nada  
se a alma não é penada.  
Mas, mesmo com tanta pena,  
viver vale a pena.

**Ternura e Paz**

Para Milza Marques

Eu procuro o encanto  
das formas sonhadas  
para o tempo do amor.

Eu procuro a beleza sublime  
e a elegância sutil da simplicidade,  
da simplicidade invisível para os olhos  
que ainda não aprenderam a ver.

Eu procuro a harmonia do corpo,  
da alma, dos gestos, dos sons,  
das cores, dos ritmos e do coração.

Eu procuro o sorriso e o brilho  
dos olhos do sol  
de todas as manhãs.

Eu procuro ternura e paz.

**Lição**

Para Eliandro Gonçalves Ferreira e Amanda do Nascimento da Silva Ferreira

Não fomos muito longe.  
Mas fizemos a lição:  
não lavamos as mãos  
nem as levamos vazias  
para a ceia da nação.

Sabemos que é preciso limpar o mundo.

Temos a consciência e a planta  
dos pés plantada no chão.

### Anúncios

Aluga-se pequenos cômodos incômodos  
nos fundos de uma nação.

Aluga-se áreas de riscos  
nas encostas dos morros  
e às margens dos rios.

Aluga-se um pedágio,  
no centro da cidade,  
para taxar trânsito parado.

Aluga-se um grande templo  
para grandes espetáculos  
e eventos comerciais.

Aluga-se uma cidade suja,  
agressiva e fria para que você possa celebrar  
o seu egoísmo a sua indiferença e a sua solidão.



*Lineu Roque Aceiro*

### *Reflexões*

Por mais que se estude, não há em nossa memória a imagem completa da personalidade de Hitler; em vez disso, há várias imagens e formas, todas chamadas Adolfo Hitler e que eram todas Adolfo Hitler, e que somente com muita dificuldade podem ser juntadas numa relação global umas com as outras. Por vezes, ele podia ser encantador e, pouco depois, expressar opiniões que insinuavam um abismo horrível. Podia sim, desenvolver grandes idéias e ser tão primitivo, a ponto de atingir a banalidade. Podia encher milhões de pessoas com a convicção de que somente sua vontade e força de caráter garantiam a vitória. E, ao mesmo tempo, até quando já era chanceler, ser um boêmio, um déspota, um exagerado de si mesmo, cuja responsabilidade levava seus colegas ao desespero.

A guerra não nos leva a nada. Ela, a guerra, é a ciência da destruição. Jamais existiu uma boa guerra ou uma paz má. (Benjamim Franklin). Mas a guerra era tudo o que importava para Hitler. Encerrado no estranho mundo da Toca do Lobo, ele estava cada vez mais distanciado de suas realidades, tanto na frente de batalha como da própria Alemanha. O distanciamento e a solidão temerosa apagavam todos os vestígios de humanidade. Até mesmo em relação às pessoas de seu séquito, que estavam com ele havia anos, não tinham naquele esconderijo nada parecido com afeição verdadeira, para não falar de amizade e carinho – a genuína ternura era reservada para sua jovem cadela pastora – alemã. A vida e o sofrimento humano não tinham importância nenhuma para Hitler. Nunca visitou um hospital de Campanha, nem aqueles que ficavam sem lar depois de bombardeios aéreos. Não assistia

a massacres, não chegava perto dos campos de concentração, não se deparava com prisioneiros de guerra, maltrapilhos, feridos, mortos de fome. Aos seus olhos, os inimigos eram como vermes que logo precisavam serem liquidados. Mas esse profundo desprezo pela existência humana estendia-se ao seu próprio povo, que quase não tinha o que comer e ele, insistia na indústria bélica: construindo aviões, submarinos, tanques e metralhadoras. Decisões que custavam a vida de dezenas de milhares de seus soldados eram tomadas – sem consideração nenhuma pelo sofrimento humano. Num asilo de velhos, antes modelo de recolhimento, faltava tudo, inclusive alimentação que era pouca e ruim – ordenou Hitler alegando economia de guerra, para que todos os velhinhos fossem sumariamente eliminados – envenenados impiedosamente. Os campos de concentração encontravam-se superlotados – centenas de mulheres russas caíram prisioneiras, Hitler indicou um grande lago que lá havia e mandou que as afogasse (todas).

Nunca na história tamanha ruína – física e moral foi associada ao nome de um único homem. Que essa ruína tinha raízes e causas muito mais profundas do que os objetivos e as ações desse homem, isso ficou evidente nos fatos já conhecidos e aqui narrados. Que as profundezas de desumanidade, nunca antes exploradas como pelo regime nazista, puderam contar com ampla publicidade em todos os níveis da sociedade, isso também ficou claro. Mas justifica-se que o nome de Hitler permaneça para sempre como o principal investigador do mais profundo colapso da civilização nos tempos modernos. A forma extrema de mando pessoal que um pouco instruído demagogo de cervejaria e racista preconceituoso, um pretenso salvador nacional e megalomaniaco (delírio de grandeza) – pode obter e exercer numa terra moderna, economicamente avançada e culta, conhecida por seus filósofos e poetas, foi absolutamente decisiva no terrível desenrolar dos eventos daqueles fatídicos doze anos de poder.

Hitler foi o principal autor de uma guerra que deixou mais de 50 milhões de mortos e muitos outros milhões lamentando seus entes queridos perdidos, e tanto refazer suas vidas completamente destruídas. Hitler foi a principal inspiração de um genocídio como nunca jamais havia assistido e visto – a não ser considerado nos tempos futuros, com razão, um episódio desastroso, definidor do século XX. No fim, o Reich, cuja glória ele buscava, jazia destruída e seus restos seriam divididos entre as potências vitoriosas. O arqui-inimigo, o bolchevismo, ocupou a capital do Reich e dominou mais da metade da Europa. Até o povo alemão, cuja sobrevivência ele dizia que era a própria razão de sua luta política, revelara-se em última instância, dispensável para ele.

As cidades destruídas – as estradas repletas de refugiados desesperados para deixar Berlim por qualquer rota que conseguissem abrir. Em meio às ruínas fumegantes da grande cidade, as condições de vida se deterioravam rapidamente. A com ida de há muito racionada estava acabando. O sistema de fornecimento de água fora interrompido. Os velhos, doentes, mulheres e crianças, soldados feridos refugiados – todos se agarravam à vida em porões, abrigos lotados em estações subterrâneas enquanto o inferno se propagava na superfície sangrenta.

Era o fim! “Um homem em vias de se afogar agarra-se às palhas”. Todos sabiam entre os oficiais superiores que, era uma questão de horas para que Hitler se matasse. Falou-se muito sobre os melhores métodos de se suicidar. O cirurgião da SS trouxe as melhores maneiras de por fim à vida – de se suicidar: ampolas de metal de ácido cianídrico. A paranóia de Hitler agora provocava dúvidas sobre às cápsulas fatais. Quis testar então. Em anos recentes, ele havia demonstrado afeição por sua cadela Blondi, bem maior do que por qualquer ser humano, inclusive e provavelmente, Eva Braun – sua fiel companheira. Mandou pois, testar o veneno em seu animal – que de imediato a cachorra tombou no chão.

Tinha a aparência envelhecida, doentia e densa – cabelos brancos, abatido, parecendo mais curvado do que nunca, vestido como sempre com seu casaco do uniforme e calças prestas. Hitler apareceu ao lado de Eva Braun, que usava vestido azul com enfeites brancos. Estendeu a mão a cada um de seus séquitos (seguidores), murmurou algumas palavras e em poucos minutos, sem outras formalidades, retornou ao seu estúdio, Eva segue seus passos imediatamente.

Dez minutos se passaram – havia o mais profundo silêncio, o único ruído que se ouvia era o zumbido de um ventilador a diesel. Passava pouco das 15h30min do dia 30 de abril de 1945 – abriram a porta cautelosamente... no estúdio apertado Hitler e Eva estavam sentados um ao lado do outro num pequeno sofá. Um forte odor de amêndoas amargas – era o cheiro característico do ácido cianídrico que emanava de seus corpos inertes.

Devemos evitar totalmente a questão da grandeza – grandeza histórica que tantos contemporâneos viram em Hitler. Ao invés de tratarmos da grandeza histórica, precisamos voltar nossa atenção para outra pergunta, de muito maior importância. Como explicar que alguém com poucos dons intelectuais e atributos sociais, alguém que não era mais que um recipiente vazio completamente fora de sua vida política, inacessível e impenetrável até mesmo para aqueles que conviviam com ele, incapaz aparentemente de uma amizade genuína, sem a formação que preparava para os altos cargos – sem nem mesmo qualquer experiências de governo antes de se tornar chanceler do Reich, pôde, não obstante, causar um impacto histórico tão imenso, choque emocional terrível – que pôde fazer o mundo inteiro segurar a respiração.

O povo alemão, que o ditador estava disposto a ver condenado ao lado dele, mostrou-se capaz de sobreviver até a um Hitler. Mas, para além do conserto de vidas e lares destruídos em cidades e prédios arrasados, a marca moral abrasadora da era Hitler

permaneceria. Aos poucos, no entanto, uma nova sociedade, firmada no tempo, felizmente em valores novos, imergiria das ruínas da antiga, pois em seu vendaval de destruição e aniquilamento, o regime de Hitler demonstrava também de forma conclusiva, a falência total das ambições hiper-nacionalistas e de potência mundial racista que haviam prevalecido na Alemanha no meio do século anterior e levado duas vezes a Europa e o mundo a guerras calamitosas.

Comentário revelador e profético de um jornal inglês, apenas três dias depois do suicídio do gênio maligno: “tenho vergonha de ser alemão – a Europa jamais conheceu tamanha calamidade para sua civilização – e ninguém pode dizer quando ela começará a se recuperar de seus efeitos”.

“Avancem para águas mais profundas – Não capitularemos. Nunca. Podemos afundar. Mas levaremos o mundo conosco”.

A velha Alemanha foi-se com Hitler...

### O reconhecer

Corria alegre a palestra no encontro dos acadêmicos ... de súbito, veio solene a novidade.

Um dos companheiros interpela surpreso: “Mas que fez o Plínio em São Paulo para merecer tal comenda?”

O laureado é engenheiro civil formado em 1966 pela renomada Escola Politécnica da USP – Universidade São Paulo. Desde então, já brilha em São Paulo aos 25 anos de idade. Em seguida, assume a Diretoria de Águas e Esgotos na Prefeitura Municipal de Guarulhos. Competente e dedicado munícipe permanece à frente da organização por longos 30 anos – momento em que, instituído com responsabilidade o SAAE – Serviço Autônomo de Águas e Esgoto de Guarulhos. Inovando sempre, atua em várias áreas do setor construindo obras de grande utilidade – saneamento básico, manutenção e conservação, entre outras.

Durante inúmeros exercícios exerceu o importante cargo efetivo de Diretor Superintendente do SAAE de Guarulhos. Retorna a São Paulo, nomeado que foi para representar Guarulhos no Conselho Estadual de Águas e Esgotos. De há muito faz parte também de importantíssimas Associações que versam no estudo de águas subterrâneas. Seria ainda na capital paulista que por repetidas vezes proferiria palestras e conferências de alto brilho – bem como, ministrar aulas sobre o tema em faculdades de São Paulo, de outros Estados, países da Europa, inclusive.

Era um belo dia de verão guarulhense quando apresentei-me em sua residência na Vila Rosália para uma visita de beija-flor. Muito bem recepcionado, a copeira servia café coado quando soa o telefone na vasta biblioteca. Quem seria? Do outro lado da linha ouve-se uma voz feminina – Maria Lúcia, jornalista e apresentadora da TV Gazeta. E então, Plínio Tomaz discorreu sobre a água para o Brasil inteiro.

Professor e engenheiro, 18 livros publicados, o acadêmico Plínio pela fluência que manifesta ao tratar de estudo de tão precioso líquido e pela riqueza de dados apresentados, demonstra ser notável o conhecimento do homenageado sobre o tema referido.

Merece ou não o nobre companheiro, o nosso reconhecimento e honroso título de “Cidadão Paulista”.

### Ficas tu aqui

Achava-se um infatigável general sertanista em vésperas de deixar a aldeia onde se hospedara no Alto Araguaia, quando lhe apareceu em despedida, o cacique da tribo – o chefe dos Caiapós. Com o intuito de ser gentil, o general convidou-o a descer até o Pará e, para tentá-lo, descreveu-lhe as vantagens da vida civilizada, falando-lhe das casas de cinco andares, das gravatas e coletes, dos chapéus, das botinas engraxadas, dos automóveis, de tudo, enfim, que o homem criou para aumentar as suas torturas naturais.

Atentamente o Caiapó ouviu-o em silêncio e, ao fim de alguns instantes, indagou: Porque não ficas tu aqui, onde não se precisa de nada disso?

### Uma modesta avaliação

Meu Caro Dácio Montans.

Acusamos com alegria o recebimento do livro de sua autobiografia. Cuidadosamente analisado por alguns confrades, somente agora chega às minhas mãos o exemplar de “Minha Razão de Viver”.

Já o sugestivo título trazia o entusiasmo necessário aos meus invernos. Devem ter sido bons aqueles tempos, que você recordou em páginas lépidas, com vida e vontade. É doce achar na conta da vida passada algumas horas tais que não esquecem, que revivem e fazem reviver outras pessoas...

Numa escrita coloquial interessante fizeste-me reviver, com saudade dorida, dias passados inesquecíveis – muito parecidos com aqueles de Altinópolis, mas vividos intensamente em minha meninice aqui em Vila Galvão na chacinha do vovô.

Não há senão um relógio para aquelas horas, porém é preciso ser bom relojoeiro para saber dar corda e fazê-las bater de novo, revivendo enfim, como você fez. Ao pé delas, li a apresentação, vi os contos, reli passagens marcantes, e agradeço as sensações de várias espécies que me deixaram: alegres, melancólicas ou comoventes. Dentre tantas, a do franguinho fraturado, o cachorro Bil, da praia do Embaré, da sua fala sobre Regina – são das mais vivas. E das melancólicas não sei, prezado Dácio, se algum a valerá mais que aquela da página 81 – A Carta da dona Mocinha, ou a homenagem sincera ao Ballini, ou sua esmagadora vitória na disputa eleitoral, pois quem saiu derrotada foi a população guarulhense.

Conhecíamos o médico competente e idealizador, homem de alto valor humanitário – mas eis que surge agora o escritor, munido de boa prosa com emoção e sinceridade.

A Academia agradece o livro do novo confrade e cá o espera para a solenidade de posse e convivência feliz.

Sempre amigo,  
Lineu Roque Aceiro  
Grs. 2/10/2010.

### Fragments de nossa história

Era prefeito da cidade esse gigante que foi Waldomiro Pompêo. Honesto, correto e trabalhador, conheceu a doce e pacata Vila Galvão de antigamente. Gostava daquele lugarejo isolado com seus campos verdejantes e aprazível balneário. Um filho seu veio aqui residir, o Décio – então Pompêo fez amigos, muitos amigos. Político nato, por ser autêntico e carregar sempre um sorriso estampado nos lábios, ganhou a simpatia da população sendo por unanimidade eleito presidente do Nosso Clube de Vila Galvão.

Nomeado Alcaide Municipal, idealizou e construiu o Anel Viário, antigo leito da Via Férrea, a valorosa rodovia que desatravancou completamente o trânsito daqueles que se dirigiam para o centro da cidade, tanto pela Emílio Ribas como pela Avenida Dr. Timóteo Penteado. Construtor de estradas e desbloqueador dos serviços públicos, ao perceber a proximidade das comemorações do centenário de nascimento de Alberto Santos Dumont – o “pai da aviação”, em 20 de julho de 1973, decidiu ele trazer para a cidade um raríssimo exemplar de Aeroplano, um bombardeiro largamente utilizado no grande conflito armado conhecido mundialmente como a II Grande Guerra Mundial.

O belo e admirável aeroplano que pertence a Força Aérea Brasileira ficou altaneiro, elegantemente instalado por alguns anos na Praça Santos Dumont, lugar nostálgico onde antes existiu e por 50 anos funcionou a Estação Galvão. Depressa o imponente aparelho mais pesado que o ar tornou-se uma atração encantadora, concorridíssima, verdadeiro cartão postal da cidade – tanto é

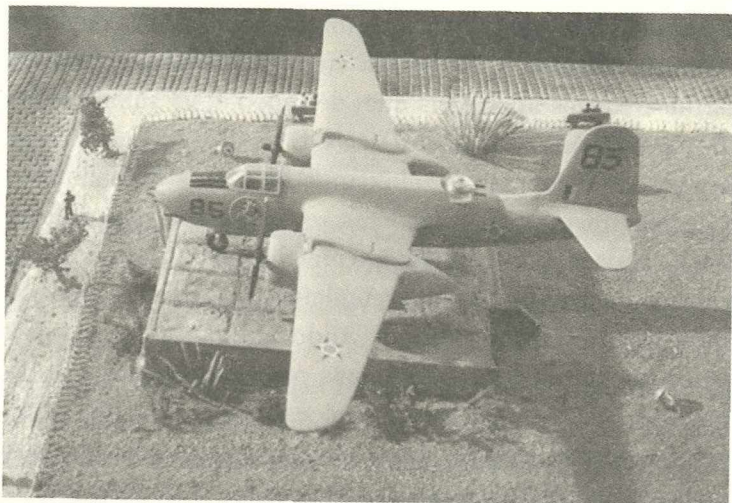
verdade que, grande parte dos vilagalvenses praticamente esqueceram o nome original do antigo logradouro, batizado Praça Sete de Setembro, agora tratado carinhosamente “Praça do Avião”.

Quanta alegria! Que bonita ficou a praça aludida. Mas decorridos poucos anos e eis que, de repente, as autoridades da FAB decidiram retirar o DOUGLAS 85 daquele lugar, transportando-o com muito zelo para o Museu da Aeronáutica no Rio de Janeiro. Antigos moradores se rebelaram, mas que fazer diante da farda gloriosa. Agitou-se o prefeito para evitar a desastrosa atitude, perda irreparável para o município, mas infelizmente, nada sensibilizou as autoridades ficando apenas a promessa da substituição por outro modelo, mas moderno, menor e melhor adaptado à desconsolada praça – colocado talvez, no alto de uma base de concreto armado, longe do ataque sorrateiro dos maus educados e investidas criminosas dos catadores de ferro velho.

No entanto, a promessa não foi cumprida e a população da cidade, notadamente Vila Galvão, teve que amargar esse descaso inaceitável perpetrado não se sabe por quem, - privando-nos da companhia do velho bombardeiro, atração inesquecível, assim como, de seu eventual substituto.

Que pena! Que pena! O Museu da Aeronáutica bem que merece a posse desse exemplar raríssimo, elegante, relíquia da grande guerra, mas a população de Vila Galvão até nossos dias e com toda razão, sente-se injustiçada, frustrada, magoada mesmo pela substituição não cumprida e a homenagem que jamais se completou.

Enfim, são coisas do Brasil, coisas dos homens – não faz mal, não faz mal! Deus também fez o mundo defeituoso, e no entanto, mostrou-se contente da sua obra. O jeito agora é recordar, vendo essas fotografias ou a maquete fiel do aeroplano, posta à vista no Museu Histórico em Vila Galvão.



Maquete – obra do artista guarulhense José Álvaro de S. Filho



*Silvio Ribeiro*  
*Base Aérea de São Paulo*  
*Cumbica - Guarulhos*  
*Força Aérea Brasileira*



Após a criação do Ministério da Aeronáutica em 20 de janeiro de 1941, através do Decreto-Lei N.º 2.961, foi criada a FAB – Força Aérea Brasileira.

### Histórico das armas aéreas

A Força Aérea Brasileira foi criada pela fusão da aviação militar do Exército Brasileiro, da Marinha de Guerra do Brasil e da aeronáutica civil, quando todas foram fundidas, medida tornada necessária em vista da crescente importância assumida pela arma aérea, tanto no âmbito do exército como no da marinha. Entretanto, as origens das armas aéreas podem ser localizadas num passado remoto: o emprego de balões pelo exército de Caxias, em 1867, no acampamento de Tuiuti, para efetuar missão de reconhecimento sobre linhas paraguaias - uma das primeiras utilizações no mundo de aeronaves com objetivo militar.

Em fins de 1913, foi adquirido um hidroavião Bossi para a marinha brasileira, que fundou uma escola de hidroaviação, fechada pouco depois em 1916. Nesse mesmo ano instalou-se no Arsenal de Marinha a Escola de Aviação Naval, e em 1918 fundou-se a Escola de Aviação Militar.

O Brasil dispunha então de umas poucas aeronaves, adquiridas na Europa, quase todas para a marinha.

A primeira ação bélica com emprego de aviação no Brasil ocorreu durante a campanha do Contestado, quando foram utilizados dois aviões de reconhecimento sob o comando do tenente João Roberto Kirk, morto em missão no dia 1.º de março de 1915.

Os primeiros pilotos militares brasileiros realizaram treinamento complementar em centros de aviação no Reino Unido. Durante a primeira guerra mundial, as usinas britânicas forneceram ao Brasil 79 aviões e 100 motores sobressalentes. À missão militar francesa chegada ao Brasil em outubro de 1918 coube a tarefa de orientar a organização e o treinamento do serviço aéreo do exército, que viria a construir mais tarde a arma da aviação. Em 1922, o exército contava duas unidades operacionais,

uma base em Alegrete e outra em Santa Maria RS, dispondo de aviões Breguet e Spad.

Em 1922-1923, a marinha construiu as bases aeronavais do Galeão - RJ e de Santos - SP. Tinha nessa época cerca de 100 aparelhos e 350 pilotos aviadores. A Escola de Aviação Naval transferiu-se em 1924 para a ponta do Galeão. Em 1926, criou-se a direção de aeronáutica da marinha e em 1931, seu corpo de aviação. Nesse mesmo ano surgiu o serviço aéreo postal do exército, que logo passou a denominar-se correio aéreo militar e em 1934 o correio aero naval, a cujo cargo ficaram as linhas do litoral brasileiro.

A Escola de Aviação Militar do Exército, instalada no Campo dos Afonsos, passou a contar com a cooperação de uma missão militar francesa e foi dotada de aparelhos fabricados na França.

A arma aérea do exército dispunha em 1933 de dois regimentos, um baseado no Campo dos Afonsos e com destacamento no Campo de Marte em São Paulo, e o segundo no Campo de Bacacheri, em Curitiba. A estes seguiram-se em 1937 mais dois regimentos, um em Belém e outro em Fortaleza. Aviões modernos vieram fortalecer as unidades de combate

### Aeroclube do Brasil: a mais antiga escola de aviação do país

Em 1911, a aviação ainda passava pela sua fase pioneira. No Brasil, existiam poucos aviões e pilotos. Mas em 14 de outubro desse ano, um grupo de idealistas reuniu-se em assembléia nas dependências do jornal "A Noite", de propriedade de Irineu Marinho, no Rio de Janeiro, então capital brasileira, para fundar o primeiro aeroclube do país, que se chamou, inicialmente, Aeroclube Brasileiro.

Essa assembléia elegeu Alberto Santos Dumont como Presidente de Honra, o Almirante José Carlos de Carvalho como Diretor Presidente e Vitorino de Oliveira, redator do "A Noite", como Diretor Secretário.

O Aero clube Brasileiro construiu seu primeiro campo de pouso no hoje lendário Campo dos Afonsos, onde funcionou a pioneira Escola Brasileira de Aviação. Foi necessário um grande empenho da primeira diretoria para a construção desse campo. Os primeiros aviões foram adquiridos por subscrição pública, mas logo foram cedidos ao Exército, para serem usados na Campanha do Contestado, um conflito armado civil entre os Estados de Santa Catarina e Paraná. Os aviões foram usados nessa campanha para reconhecimento, e um dos Diretores do Aero clube, o Tenente Ricardo Kirk, perdeu a vida nessa campanha. Para piorar, alguns aviões do Aero clube foram perdidos em um incêndio enquanto eram transportados para a região do conflito.

O conflito do Contestado durou de 1912 a 1916, e o Aero clube demorou a retomar os aviões do Exército. Conseguiu reunir uma nova turma de alunos, agora sob a direção do Tenente Bento Ribeiro Filho. Infelizmente, essa turma não conseguiu se brevetar, pois os dois checadores, o próprio Bento Ribeiro e Virginius Delamare, tiveram que retornar ao quartel, mobilizados pela declaração de guerra do Brasil ao Império Alemão, em outubro de 1917.

Em 1919, o Aero clube se filia à FAI - Federação Aeronáutica Internacional, sediada em Paris, e em nome da Federação passa a conceder brevês de pilotagem no Brasil. Exerceria essa função até a criação da Diretoria de Aeronáutica Civil - DAC, em 1931, que passou a emitir brevês em nome do Governo Brasileiro e tornou desnecessários os brevês da FAI, pelo menos em território nacional.

A permanência do Aero clube no Campo dos Afonsos logo se tornou inviável, pois o Exército requisitou o campo para instalar

a Escola de Aviação Militar e posteriormente despejou o Aero clube do local sem maiores cerimônias.

As Organizações do Exército e da Marinha ligadas à aviação, bem como o Departamento de aeronáutica civil, até então subordinado ao Ministério de Viação e Obras Públicas foram reorganizadas, passando todos para a direção do Ministério da Aeronáutica e receberam novas denominações. Foi ativado, então, o 2º Corpo de Base Aérea, pelo decreto Lei nº 3302 de 22 de maio de 1941, sediado no Campo de Marte, Santana, São Paulo.

Este 2º Corpo de Base Aérea deu origem, em agosto de 1944 a Base Aérea de São Paulo, a qual, em virtude do gigantesco desenvolvimento da cidade de São Paulo e atendendo às necessidades técnicas surgidas, foi transferida para os terrenos da Fazenda Cumbica, recém-doadas ao Ministério da Aeronáutica pelo Sr. Eduardo Guinle e irmãos, proprietários da fazenda. A instalação da Base Aérea em Cumbica ocorreu exatamente em 26 de janeiro de 1945.

Situada no bairro de Cumbica, Município de Guarulhos, ocupa, aproximadamente uma área de 10 km<sup>2</sup>, e dista 28 km do centro de São Paulo pela Rodovia Presidente Dutra, e 8 km da Cidade de Guarulhos pela Avenida Monteiro Lobato.

A Base Aérea de São Paulo foi criada em 21 de agosto de 1941 e tem por finalidade apoiar o 4º Esquadrão de Transporte Aéreo que fornece o transporte necessário para que o pessoal do IV COMAR possa executar sua missão na área.

Está sediada no município de Guarulhos, SP, pois, o crescimento da cidade de São Paulo levou o Ministério da Aeronáutica a transferir a BASP para os terrenos da Fazenda Cumbica.

O nome correto dessa Base Militar da FAB é Base Aérea de São Paulo, mas normalmente chamada de Base Aérea de Cumbica, por estar localizada naquele bairro do município de Guarulhos em São Paulo.

A missão da Base Aérea é a de proporcionar às Unidades Aéreas sediadas em suas dependências, em caráter permanente ou temporário, todos os recursos técnicos e administrativos necessários para assegurar a manutenção, a operação e o emprego aéreo eficiente dessas Unidades.

Para tanto deve dispor de um aeródromo com sede normal, e capacidade de apoio às Unidades Aéreas, quando estas forem deslocadas para operações.

Desde sua criação a BASP teve muitos Comandantes sendo o primeiro deles o Major Aviador Hildegardo da Silva Miranda, no período de novembro de 1944 a fevereiro de 1946.

Pelas suas pistas, compondo as Unidades Aéreas aqui sediadas, passaram aviões que marcaram época na Força Aérea, tais como os A-20 Hudson, os B-25 Mitchell, muito empregado na 2ª Guerra Mundial, os B-26 Invader, que operavam com sucesso na Guerra da Coréia, os SA-16 Albatroz, avião de Busca e Salvamento que tantas missões de salvamento real realizaram os saudosos North American T-6, aviões que foram o esteio básico para treinamento dos pilotos, mais recentemente os aviões de fabricação nacional AT-26 Xavante, aeronaves a reação de grande desempenho, e os C-47 Douglas (DC3 na Aviação Civil) um dos aviões de maior sucesso de transporte de carga e passageiros.

A Base Aérea de São Paulo, cumprindo a sua missão regulamentar, prestou e presta, apoio à duas Unidades Aéreas, que são o 4º ETA (Quarto Esquadrão de Transporte Aéreo), e 4º EMRA (Quarto Esquadrão Misto de Reconhecimento e Ataque), e, em situação especial, à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais da Aeronáutica, criada em novembro de 1952.

O 4º Esquadrão de Transporte Aéreo "Carajá", 4º ETA, foi criado a 12 de maio de 1969, inicialmente sob o controle operacional do extinto Comando de Transporte Aéreo, foi sediado nas instalações da antiga Seção de Aviões do QG da 4ª Zona Aérea, situado no aeródromo do Campo de Marte, na cidade de

São Paulo. Posteriormente, já subordinado ao IV Comando Aéreo Regional, o esquadrão foi transferido para a Base Aérea de São Paulo, em Cumbica.

Atualmente, o 4º ETA é a unidade aérea responsável pela execução das tarefas de transporte aéreo no âmbito do IV COMAR, e mantém-se adestrado para a realização das suas missões, incluindo o apoio às unidades das Forças Armadas, o auxílio às populações carentes, realizou missões em benefício ao Projeto Rondon com universitários, em atendimento aos povos indígenas, além de múltiplas missões relativas ao transporte logístico para o comando da aeronáutica, fazendo-se presente nas regiões de fronteira do Brasil. O Esquadrão "Carajá" opera aeronaves C-95 e C-95A Bandeirante.

Uma preocupação constante é a segurança e para isso existe o Batalhão de Infantaria de Aeronáutica da Base, o BINFA-54, que vem trabalhando em constante aperfeiçoamento de tática e logística, obtendo ótimos resultados. São ministrados cursos e palestras aos seus integrantes capacitando-os a participar de missões de segurança desenvolvidas pelo IV COMAR. Ao encargo do BINFA da Base também está o serviço de prevenção de incêndio do Aeroporto Internacional de Guarulhos, o maior da América Latina. Outra responsabilidade do BINFA é a guarda da Vila Residencial de Cumbica, composta de cerca de 230 residências.

A BASP cedeu parte do seu espaço original, para a implantação do Aeroporto Internacional de São Paulo. Não obstante, sedia o 4º Esquadrão de Transporte Aéreo, o Instituto de Logística da Aeronáutica e Divisão de Catalogação da Diretoria de Material, aos quais a base apoia em suas atividades diuturnas.

Em consequência da falta de recursos da época de sua implantação, a Base necessitou montar uma infraestrutura muito grande para a sua operação, que hoje constitui um complexo administrativo onde o apoio ao homem no campo psicossocial

tem papel relevante. Assim sendo, mantém serviços como: Agência da Caixa Econômica Federal, Agência da Empresa de Correios e Telégrafos, Prefeitura, Lavanderia, Reembolsável de Gêneros e Fardamentos, Capela com Serviços de Assistência Religiosa, Serviço de Assistência Social, Cinema, Cassinos e Clubes, Hospital, mais de 200 residências, refeitório com capacidade de atendimento para cerca de 1500 homens, Serviço de Transporte Escolar, Cantinas e Hotéis de Trânsito.

Hoje na Base Aérea de São Paulo está se implantando o Museu de Aeronáutica de Guarulhos, numa parceria entre a BASP e as entidades civis. A meta é a divulgação do trabalho de cunho protetor, social e de integração nacional que a Aeronáutica vem exercendo com muito empenho e dedicação ao longo destes anos.

Isto é um pouco da história desta grandiosa e honrada corporação que está entre nós há mais de 50 anos e que muito fez e está fazendo por merecer o nosso respeito, carinho e reconhecimento.

Inicia uma fase de grandes esperanças, na reconquista da dignidade operacional há tanto desejada.

Nessa tarefa, a Base Aérea de São Paulo quer estar presente, quer contribuir para a escalada, quer preservar a glória de seu passado através do anônimo e silencioso trabalho em prol da Força Aérea e do Brasil.

### Histórico da base aérea de São Paulo

Em meados de 1940, a área onde se encontra localizada a Base Aérea de São Paulo em Cumbica, após pesquisa efetuada em loco por peritos do Exército Brasileiro como local ideal para a construção da nova sede do 2.º Regimento de Aviação do Exército, que estava sendo instalado no local onde hoje vemos o antigo Campo de Marte, atual Parque da Aeronáutica, concluiu-

se pela negociação junto às famílias Samuel Ribeiro e Guinle, antigos proprietários da fazenda. Depois de prolongada gestão, a área foi transferida por doação ao governo federal, cujo ato solene de transmissão da propriedade ocorrera às 09h min. horas do dia 30 de agosto de 1940 no Campo de Marte em São Paulo. A seguir, encerrado o ato de transmissão, toda comitiva se deslocou para a fazenda Cumbica em Guarulhos, onde a partir da 11h30min., fora servido pelos doadores um concorrido churrasco para se comemorar o feito.

Dois critérios foram considerados pelas famílias para a doação: a efetivação estava vinculada à construção de uma Base Aérea Militar e esta unidade deveria receber o nome de Base Aérea de São Paulo. A condição foi aceita pelo governo brasileiro.

Muita respeitada e tradicionalmente conhecida na sociedade carioca, a família Guinle, além de ser grande proprietária de bens no Rio de Janeiro onde era radicada, dentre outros importantes, o grande Hotel Copacabana Palace, também tinham grades bens na cidade de Santos em São Paulo, como construção do porto e também fazendas no interior de São Paulo.

Segundo se apurou em conversa com o engenheiro civil, doutor Plínio Tomaz de Guarulhos, amigo de longa data, seu pai sempre lhe falava que o engenheiro responsável pela construção da Base Aérea Militar de Cumbica, foi o doutor Facchini, primo do mesmo, que na época da construção residia em São Paulo. Também como confirma o escritor doutor Manuel Botelho, o projeto e a obra foram feitos por engenheiros e arquitetos brasileiros e que o professor doutor José Augusto Martins foi quem construiu a pista para pouso dos aviões militares, professor esse especialista em drenagem de solo, e que o local requereu todo seu conhecimento e ação por ser o terreno quase que totalmente pantanoso. Por seu conhecimento sobre o assunto, foi convidado pelo doutor Lucas Nogueira Garcez, que fora governador do estado de São Paulo,

para ser professor na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

Em conversa com o doutor José Augusto Martins com o qual serviu na Escola Politécnica da USP, o doutor Plínio consultou o mesmo sobre ter existido no local da instalação da Base Aérea, um antigo Angar onde ficavam estacionados aviões e planadores pertencentes a um antigo Club Paulista de Planadores, dirigido por alemães residentes no Brasil, provavelmente entre os anos de 1933 e 1938, tendo este lhe informado que tão logo estourou a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, o governo brasileiro, presidente Getulio Vargas, mandou demolir tudo que fosse suspeito ligados à alemães, italianos e japoneses no Brasil, de tal sorte, que quando do início da construção da pista de pouso da nova Base Aérea, não se conseguiu observar nenhum vestígio da citada pista de treinamento dos planadores, anteriormente construída.

Porém há relatos de antigos moradores de Guarulhos, de que realmente a pista existiu, onde descendentes de alemães praticavam o treinamento de pilotagem de aviões e manuseio de metralhadoras alemãs e todos os que conseguiram tais tipos de treinamentos, foram enviados em sua maioria para a Alemanha e há relatos de que todos que para lá seguiram foram mortos na guerra.

Existia no bairro de Torres Tibagi, no município de Guarulhos, praticamente uma colônia de alemães, onde mantiam um clube social e onde praticamente eram elaboradas as normas do Clube de Planadores.

Para início da construção dos imóveis, pista de pouso e edificações necessárias para que a Base Aérea começasse a funcionar, havia uma dificuldade muito grande ligada às vias de acesso para o local dos campos da fazenda Cumbica. Não havia qualquer tipo de estrada que se prestasse para por elas serem transportados os materiais necessários às diversas construções. A Rodovia Presidente Dutra inaugurada em 1952, a Avenida

Monteiro Lobato não existia, em seu local apenas se via um estreito caminha, uma "picada" na extensa mata que a duras penas poder-se ia chegar nos campos de Cumbica.

Nesses tempos já existia o trem da Cantareira, ramal de Guarulhos, que ligava o centro da Capital ao centro de Guarulhos. Tinha como ponto final a estação e o término dos trilhos do ramal localizados exatamente onde hoje vemos a grande Praça Quatrocenário no centro da cidade.

Para tentar solucionar a necessidade da construção da Base Aérea, optou-se por estender, como diria nossos irmãos cariocas, "fazer um puxadinho" dos trilhos da estação Guarulhos até o interior do campo da Base, o que foi feito por volta de 1941, podendo as composições de transporte de cargas carregar todo o material necessário para as diversas etapas das construções e assim o trem passou a trafegar diariamente até o canteiro de obras, transportando todos os materiais necessários para as obras a partir da capital e também produzidos em Guarulhos.

Após a inauguração da Base Aérea de Cumbica, em 26 de janeiro de 1945, já no final da grande Guerra, o ramal ferroviário até o interior da base, que já havia se perpetuado, tendo sido inclusive construída uma bela estação para desembarque de passageiros, continuou doravante a servir para transporte de passageiros, com carros próprios, cujos ocupantes exclusivos eram os militares que passaram a compor o efetivo daquela Unidade Militar da FAB e que se serviam do trem especial duas vezes ao dia, pela manhã a partir das 07 horas, para o expediente da Base e a tarde, por volta da 14 horas, quando do retorno dos militares após o término da jornada de trabalho. O ramal de Guarulhos, da Estrada de Ferro da Cantareira, em 1965, já pertencia à Estrada de Ferro Sorocabana, pois havia encampado todo o complexo ferroviário da Cantareira, foi totalmente desativado em 31 de maio,

inclusive até à Base Aérea, ficando não somente os moradores da Base, como também boa parte da população guarulhense desprovida desse meio de transporte tão útil para suas necessidades e deslocamentos diários.

Para grandeza patrimonial guarulhense, a estação de Cumbica, praticamente a única original mantida nos dias atuais, permaneceu conservada, fazendo parte do grande complexo da bela Base Aérea Militar de Guarulhos, enobrecendo sobremaneira a memória da extinta ferrovia que serviu e foi muito útil para Guarulhos.

### Difusora de Guarulhos

Primeira rádio Difusora,  
Foi a Hora Certa de Guarulhos,  
Criada pelo engenheiro Paulo Nogueira,  
Com muito carinho e orgulho.

Transmitia diariamente,  
Notícias, programas variados e a hora certa,  
Aos poucos rádios que existiam,  
Cuja audiência era uma festa.

Sua fundação ocorreu,  
Em junho de cinquenta e sete,  
Instalada na rua D. Pedro I,  
Em cima do sobrado da D. Odete.

Sua antena transmissora,  
Colocada no Jardim Vila Galvão,  
Local apropriado para ser captada,  
Em toda nossa região.

Sua vinda foi um marco,  
Da rádio difusão,  
Por toda região de Guarulhos,  
A qual cobria com diapasão.

Festas, eventos e desfiles,  
Lá estava a trabalhar,  
Os agentes da difusora,  
Para com carinho tudo nos informar.

Época em que o rádio era forte,  
Estava surgindo a televisão,  
Informava a notícia de tudo,  
Na mais pura servidão.

Mas o tempo passou rápido,  
Tudo cresceu e se modificou,  
Novas rádios apareceram em Guarulhos,  
E a Difusora se acabou.

Restou apenas a saudade,  
Daquela rádio querida,  
Criada pelo vibrante Paulo Nogueira,  
Hoje, totalmente esquecida.

## Bar – o Ponto Chic

Ponto Chic era seu nome,  
 Bar aconchegante e bem frequentado,  
 Nas noites de sábados e domingos,  
 Por políticos, esportistas e namorados.

Era um local alegre, por todos muito procurado,  
 Seus pratos servidos na hora, de sabor  
 extraordinário,  
 Onde todos se divertiam,  
 Sem se preocupar com o horário.

De seu interior partiam os olhares,  
 Para a movimentada rua,  
 Cujas multidões transitava,  
 No vaivém do clarão da lua.

Muita história deixou no tempo,  
 Dos negócios, namoros e até casório,  
 Que se contados em prosa e verso,  
 Não haveria papel satisfatório.

Inaugurado no ano de cinquenta e nove,  
 Foi um grande feito do momento,  
 Pois faltava ao guarulhense,  
 Local de bate-papo e entretenimento.

Como tudo na vida se acaba,  
 Chegou seu fim e esquecimento,  
 Fostes todo modificado,  
 Restando as lembranças em nosso pensamento.

Da rua D. Pedro II,  
 Eras o local mais importante,  
 Referência nos momentos de festas,  
 Isso era uma prática constante.



Neste ano de 2012, quando completa 34 anos de existência, a Academia Guarulhense de Letras criou, por sugestão do acadêmico Ary Baddini Tavares, a *Medalha do Mérito Cultural João Ranali* com a finalidade de homenagear o saudoso historiador de Guarulhos e também fazer um reconhecimento público aos que se destacarem na vida cultural da cidade.

Nesta oportunidade em que é lançada a revista anual deste sodalício celebramos a entrega da primeira medalha, pelas mãos do confrade idealizador deste prêmio, ao confrade **CASPARINO JOSÉ ROMÃO** por ser ele o fundador desta Academia de Letras e tê-la presidido por 20 anos.

*Parabéns*

Se os membros das Academias de Letras são chamados de imortais – imerecidamente – o são pela eternidade de suas obras. Os livros têm realizado o milagre de manter diálogo entre pensadores de gerações separadas até por milênios e merecem permanecer realizando esse milagre que trouxe consigo toda a evolução intelectual da humanidade.

Não que se desconfie dos arquivos nas nuvens. Tanto assim que os acadêmicos elaboram seus textos em seus notebooks, os salvam em arquivos digitais e se mantêm conectados, uns aos outros, pela Internet.

Mas pretendendo deixar suas obras para as gerações futuras nas empoeiradas bibliotecas que se propõe guardá-los fisicamente, preferem as revistas. Como esta que está em suas mãos, acessíveis por muito tempo, sem abrir qualquer equipamento além da capa. Até que um dia vire poeira, ou seja, reciclada.

*Ari Baddini Tavares*